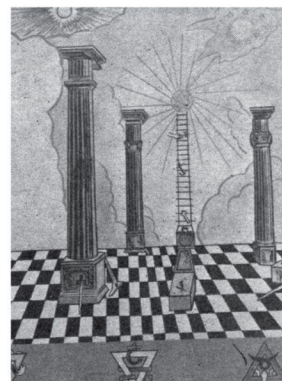
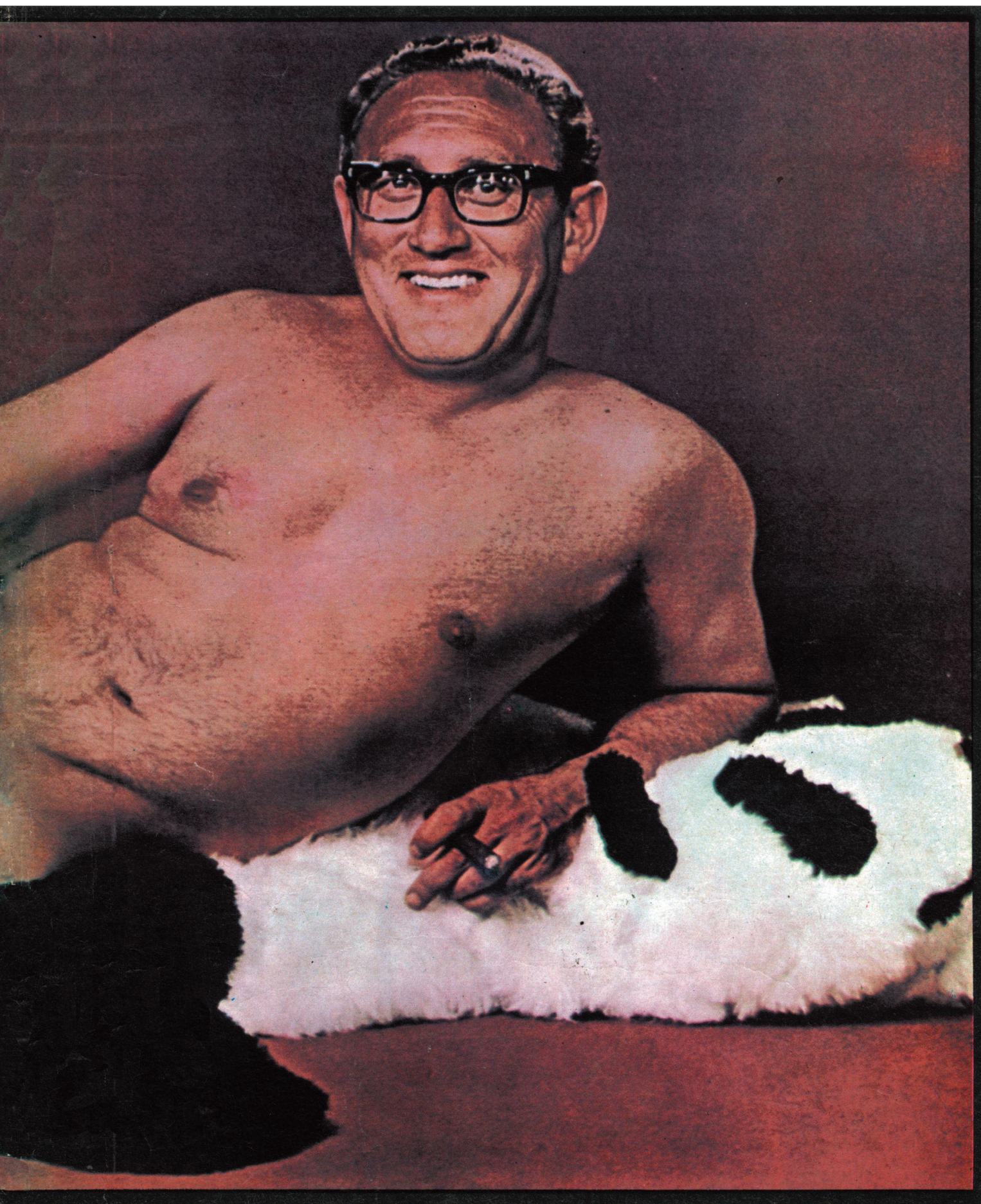


ex

— ANO I · Nº 2 · DEZEMBRO



Cr.\$4,00



Mailer

Caetano

Zé Celso

O Vampiro de Londres

Moryscotte

REPORTAGEM DE
NORMAN MAILER, DO MÉXICO

CAETANO VELOSO
CONTANDO SUA PRISÃO,
EM SALVADOR

A CONFISSÃO DO VAMPIRO,
NA VÉSPERA DO
ENFORCAMENTO, EM LONDRES

CARTA, TIMBRADA, DE
MARIEL MORYSCOTTE
(ESQUADRÃO DA MORTE),
DA GUANABARA

PUBLICITÁRIOS,
OS FILHOS DE GOEBBELS —
ZÉ CELSO X OTTO SCHERB,
EM SÃO PAULO

**encarte
especial
jornal do
cometa**



**Apostamos que dentro
de alguns meses o
seu herói predileto
será um dos
super-professores das
Faculdades Objetivo.**

Já estão abertas as inscrições para o vestibular dos cursos de Psicologia Clínica e Experimental, Comunicação, Letras e Pedagogia.

Para os cursos de Comunicação, Letras e Pedagogia, as provas serão de Português, Inglês ou Francês, História e Geografia.

Para os cursos de Psicologia as provas serão de Português, Inglês ou Francês,

História, Geografia e Conhecimentos Gerais de Ciências e Matemática.

Guias de estudo com programa e roteiro das matérias estão à disposição dos candidatos.

Venha conhecer seus novos super-heróis e suas incríveis máquinas de ensinar.

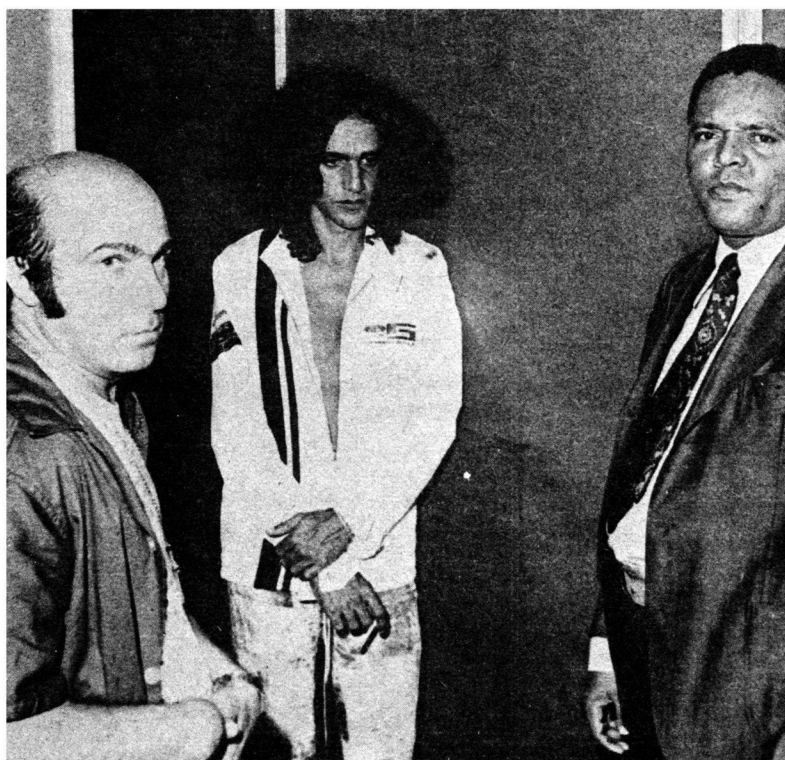
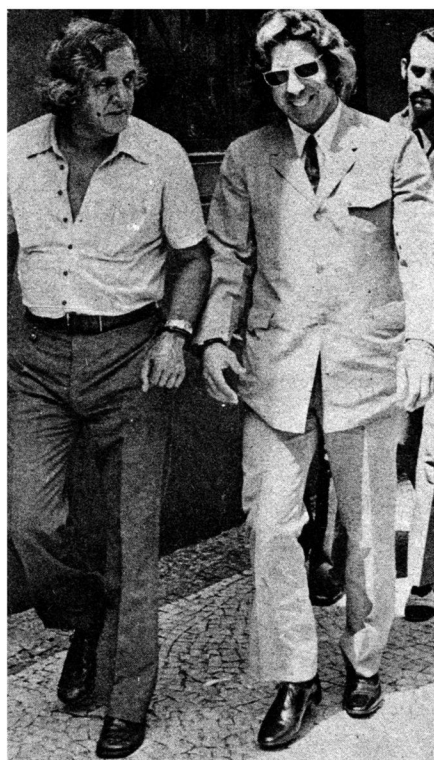
Há 200 vagas para cada curso, nos períodos da tarde e da noite.

**FACULDADES
OBJETIVO**

Aprovadas pelo C.F.E (parecer n.º 63/72)
e autorizadas pelo decreto n.º 70.324.

Informações e inscrições
das 9 às 21 horas, na
av. Paulista, 900, 3.º andar.

EX-



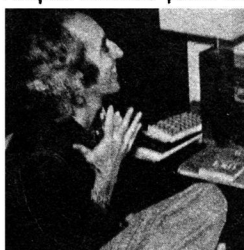
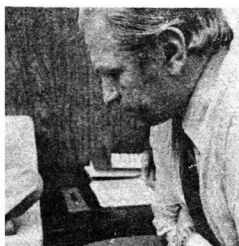
Mariel Moryscotte (Esquadrão), Caetano Veloso (Deus e o Diabo), John G. Haigh (o Vampiro de Londres). *Páginas 23, 8 e 5*

— "Inclusive Goebbels foi o grande revolucionário da propaganda, o sujeito que idealizou a propaganda, que inventou o Dia das Mães, o Volkswagen, aquela série de táticas destinadas a transformar o povo alemão . . . "

— "É. Aí o negócio não vai ser fácil. Você chama os publicitários de Filhos de Goebbels! Acho que com o mesmo direito poderíamos chamá-los de Filhos do Papa Gregório, ou do Urbano, os dois responsáveis pela Comissão de Propaganda e Fides . . . "

Assim começa o mano a mano entre Zé Celso Martinez Correia e Otto Scherb. Assunto: a propaganda.

Página 20



Original papel de toalete. Ou escritório religioso na sinagoga gay. Ou, escravo wanted. Os classificados da imprensa americana. — *Página 11*

Nº 2

No mesmo espírito, mas na área do futebol, estreia outro jornalista importante de São Paulo — Vital Battaglia, com a seção *Dona Bola*, *página 11*.
Psiquiatra, escritor, jornalista, teatrólogo, Roberto Freire também inaugura seção fixa a partir deste Ex-: *Psicotranssentimental na página 24*.
Enquanto durar a viagem do cometa perto da terra e longe de

São Paulo, continua a edição do *Jornal do Cometa*, *página 13*.
E os Freak Brothers comparecem sozinhos, com exclusividade, no *Comicus*, *página 25*.
Percival de Souza continua dando as notas sociais da *Baixa Sociedade*, *pág. 19*.
Norman Mailer lembra uma figura fantástica e muito humana que conheceu nas touradas mexicanas: *El Loco* — *página 17*.

LIVRARIA AUGUSTA LTDA.
 DISCOS
 LIVROS
 REVISTAS
 PAPELARIA

Matriz: Rua Augusta, 1403 - SP
 Filial: Domingos Monães, 371 tel 71.0090

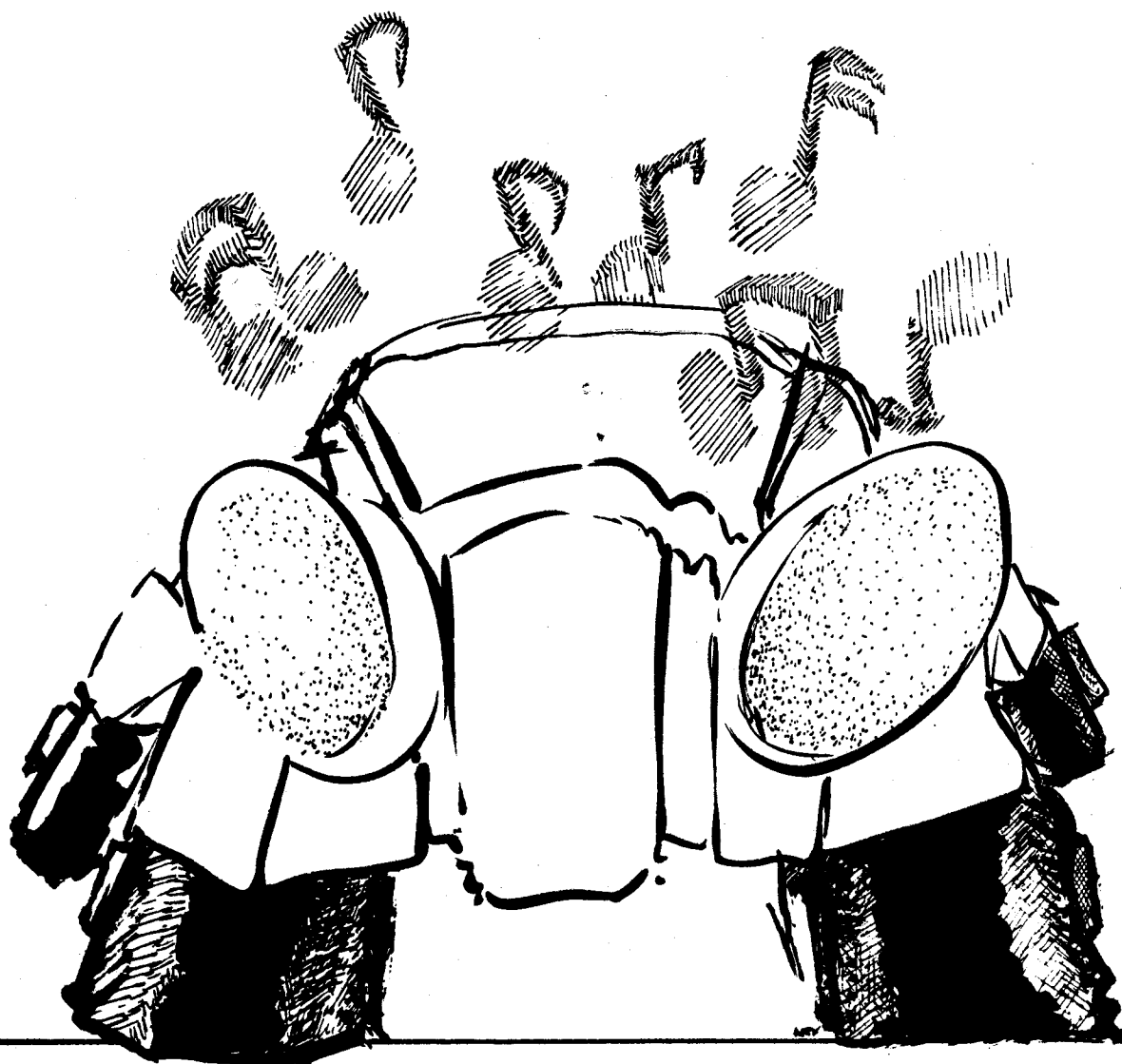
CANTINA D'AMOR
PIOLIN
 LEITÃO-CABRITO-PIZZA

RUA AUGUSTA 69 - FONE 254.5255
 ESTACIONAMENTO @RTE

LIVRASON
 SEMPRE ABERTA
 DAS
 9:00 AS 24:00
 PAMPELONA
 1501

PONCHO EL PONCHO EL PONCHO
 casa de lanches - cervejaria
 RUA AUGUSTA nº 169
 esquina da Caio Prado.

Center·om EQUIPAMENTOS ELETRONICOS CENTER SOM LTDA.
 AVENIDA RIO BRANCO, n.º 521 - FONE: 32-8658 - CENTRO



LAVANDERIA

AVES

AUTOMÁTICA

SELF-SERVICE

4Kg = 12 contos

das 8 às 24h

RUA MAJOR SERTÓRIO Nº 318

A confissão de John G. Haigh

SÓ LAMENTOU PROFUNDAMENTE UMA COISA: A NEGLIGÊNCIA COM A 9ª E ÚLTIMA VÍTIMA, A PESADA SENHORA DURAND-DEACON

"Beba!" — disse ele. Mas eu estava paralisado. O sonho acabou. Tinha consciência de meu enfraquecimento, e todo o meu ser se inclinava em direção ao pote. Despertei quase em estado de coma. Via sem parar a mão que me estendia o pote; e esta terrível sede que nenhum homem, hoje, pode entender instalou-se em mim para sempre. Durante três ou quatro noites, tive o mesmo sonho; e a cada despertar eu estava mais cheio desse terrível desejo.

Agora vocês compreendem a que se expôs o jovem Swan, quando ficou sozinho em minha casa, naquela noite de outono de 1944. Derrubei-o com um pé de mesa, já não me lembro bem. Então, rasguei-lhe a garganta com um canivete. Tentei beber seu sangue, mas não estava confortável. Não sabia em que posição me colocar. Arrastei-o até um ralo e, com um copo, tentei recolher o líquido vermelho. Finalmente, acho, foi mesmo o corte aberto que suguei lentamente, com profunda satisfação. Quando me ergui, fiquei assustado com a presença daquele corpo. Não sentia remorso. Eu me perguntava como poderia livrar-me do corpo. Depois fui dormir.

Naquela noite sonhei com a floresta. Mas desta vez consegui agarrar o pote, e ao beber o sangue tive a mesma satisfação sentida na realidade. Acordei; e aí comecei a refletir sobre o que tinha feito. Sobre como podia ter chegado a esse ponto. Voltei ao porão. Vi que precisava tomar uma decisão quanto ao corpo. De repente, imaginei um bom método.

Eu guardava no escritório uma boa quantidade de ácido sulfúrico e clorídrico, para aplicar em metais. Conhecia o suficiente de química, para saber que o corpo humano é composto de água, na maior parte. E o ácido sulfúrico é ávido de água. Só precisava descobrir um recipiente para colocar o corpo. Encontrei, num cemitério, uma espécie de tonel de metal. Pus Mc Swan dentro do barril. Usei um balde para derramar o ácido. Não tinha previsto os vapores, e fiquei incomodado a ponto de sair para respirar um pouco de ar fresco. Depois saí para o trabalho, deixando fechada a porta do porão. Quando voltei, vi que a operação tinha ido bem. O corpo derreteria. Fiz uma ligação entre o barril e o esgoto e deixei escorrer aquela mistura. Se ainda sobrava alguma coisa de Mc Swan, seria encontrada no mar, lá onde desaguiam os esgotos de Londres.

Agora precisava explicar o desaparecimento de Swan. Voltei à casa dele para ver seus pais. Contei a eles que o filho estava escondido para fugir à convocação. Escrevi algumas cartas com sua letra e as remeti da Escócia. Os velhos acreditaram nas cartas e não fizeram nenhuma pergunta.

Jamais tive medo de ser descoberto. Nem sentia remorso. Eu era conduzido recordo com precisão de da época em que cantava no coro da catedral de Wakefield. À noite, de olhos fechados, eu via Cristo torturado na cruz. Na igreja, eu contemplava o crucifixo; e na cama, via a cabeça coroada de espinhos, ou o corpo inteiro do Cristo, o sangue escorrendo das feridas.

Será enforcado hoje o "Vampiro de Londres"

LONDRES, 9 (AFP) — O "Vampiro de Londres", John George Haigh, será enforcado amanhã.

O sinistro cerimonial da praxe foi hoje concluído. O corpo de Haigh penderá na forca durante uma hora. Será, depois enterrado no próprio cemitério da prisão.

Lembra-se que, se a corda se romper, o rei terá de agraciá-lo o condenado. É a última e tênue esperança para o "Vampiro". Isto, porém, não acontece há 200 anos na história da Inglaterra.

Em sua cela, Haigh, que sabe que vai morrer amanhã, joga com os guardas suas últimas partidas de xadrez.

Esta noite, o major Benke, diretor da prisão foi incumbido de conversar com o réu, no sentido de obter suas últimas confissões, as quais, aliás, em hipótese alguma, poderiam influir na sorte do condenado.

"O Estado de S. Paulo", de 10/8/1949

Em outro sonho, eu construía uma imensa escada telescópica, em que eu chegava à Lua. De lá, olhava a Terra a meus pés, não maior do que um confeito. O que significava este sonho? Achava que ele queria dizer que eu faria coisas grandiosas na vida. A maior parte das vezes, meus sonhos falavam de sangue. Tinham um papel terrível e fascinante em minha vida. E no entanto eu ainda não conhecia o gosto do sangue. Um acaso iria fazer-me experimentar, e eu não iria esquecer mais. Estava com dez anos. Tinha machucado a mão numa escova de cabelo de cerdas metálicas. Chupei o sangue, e aconteceu uma revolução em todo o meu ser. Aquela coisa viscosa, quente e salgada, que eu sugava à flor da pele, era a vida — a própria vida. Foi uma revelação, que me perseguiu durante anos. Logo, comecei a ferir os dedos ou a mão, de propósito, para colocar meus lábios sobre a ferida aberta, e sentir de novo aquele gosto encantador. O acaso, assim, me havia feito voltar àqueles tempos fabulosos em que o ser extraía sua força do sangue do homem. Descobri que pertencia à *raça dos vampiros*. Por que? Por que eu? Não saberia explicar. Apenas descrevo o que me aconteceu.

Adolescente, durante um encontro amoroso, mordi os lábios que a garota me oferecia. Foi um gesto inconsciente, ao sentir sua boca quente em contato com a minha. Mas tive um lampejo de lucidez e fugi antes de ter provado o gosto daquele sangue. Do contrário, não sei o que teria acontecido. Mas alguns incidentes como este haviam despertado em mim a

necessidade frenética, a grande necessidade de sangue, que eu precisava satisfazer com urgência.

Na páscoa de 1944, fiz uma viagem de automóvel. Passando por Three Bridges, vi um caminhão na minha frente. Muito tarde. Foi um choque terrível. O carro capotou, sofri um corte profundo na cabeça. O sangue corria pelo rosto, até a boca. Aquele gosto despertou tudo em mim, de maneira decisiva. Naquela noite tive um sonho terrificante. Vi uma floresta de crucifixos, que se transformavam em árvores. Primeiro, pensei que fosse chuva, pingando dos galhos. Mas, chegando perto, compreendi que era sangue. De repente, a floresta inteira começou a contorcer-se, e o sangue espirrou das árvores. Escorria pelos troncos. Caía dos galhos, vermelho. Tinha a impressão de que ia desmaiar. Vi um homem que ia de árvore em árvore, recolhendo sangue. Assim que o pote ficou cheio, aproximou-se de mim.

Vou ser enforcado amanhã. Atravessarei, pela primeira e última vez, uma das duas portas de minha cela, a que nunca vi aberta. Uma serve para os guardas quando vêm me ver. Mas sei que aquela, sempre fechada, é por onde passa o homem que vão executar. É a soleira do além.

Atravessarei aquela porta sem medo nem remorsos. Os homens me condenaram porque os apavorei. Eu ameaçava sua sociedade miserável, sua ordem. Mas estou acima deles; participo de uma vida mais alta, e tudo o que fiz, tudo aquilo que chamam de crimes, cometi impulsionado por uma força divina. É por isso que

fico indiferente quando me tratam de crápula ou de louco; tão indiferente, que mulheres estúpidas se comprimem para me ver. Parece — disse-me um guarda — que numerosas cartas desse sexo frívolo chegam para mim, na prisão. Eu me pergunto se existe sobre a terra alguém que possa me compreender.

A primeira pessoa que matei chamava-se William Donald Mc Swan. Mais tarde, iria matar-lhe pai e mãe. A maneira como conheci Swan não oferece nenhum mistério. Ele tinha uma casa de jogo em Tooting.

Era o ano de 1936. Eu estava saindo da prisão, por fraude. Foi a primeira de minhas condenações. Li um anúncio em que Swan procurava um gerente para seu negócio. Mande-lhe um telegrama, e foi assim que ele me empregou durante um ano, depois que voltei à liberdade.

Sozinho de novo, pude ganhar dinheiro mais fácil, graças a várias fraudes engenhosas. Infelizmente fui descoberto, e novas condenações me obrigaram a ficar na cadeia até setembro de 1943. Ao sair, reconciliei-me com o jovem Swan. Durante aquele tempo, não andara mal. Transformara seu dinheiro em propriedades e estava explorando indústria leve. Por acaso, comecei a me dedicar ao mesmo tipo de trabalho, e logo me estabeleci por conta própria. Uma noite, em 1944, reencontrei Swan num café de Kensington. Estava preocupado. Tinha medo de ser convocado para a guerra e me confiou sua intenção de se esconder, para não ter que se alistar. Voltei a vê-lo com frequência: ele chegou até a levar-me à casa dos pais. Uma noite, propus a ele que fosse visitar meu apartamento de subsolo, no número 79 da Gloucester Road. Não posso explicar o que fiz então, sem evocar fatos anteriores que levam à minha infância. É necessário mencionar os sonhos que eu tinha.

Minha mãe gostava muito de estudar os sonhos. Achava que eles previam o futuro. Comprava todos os livros sobre o assunto, e eu os lia. Minha mãe pressentia, às vezes, a doença ou a morte de nossos parentes. Esses pressentimentos eram sempre exatos. Mais tarde, eu viria a ter a mesma faculdade. O primeiro sonho que por um ser superior, que estava a meu lado e me controlava.

Dois meses depois fiz uma segunda vítima, uma mulher. Tinha uns 35 anos. Era morena, de altura média. Tínhamos nos encontrado na rua e soube imediatamente que ela devia morrer. Eu estava num ciclo de sonhos e queria beber no pote. Ela aceitou ir até a minha casa. Golpei-lhe a cabeça e bebi-lhe o sangue. Coloquei a moça dentro do barril, e então achei que seria prático ter uma bomba para derramar o ácido. Saí e comprei uma. Só depois do segundo Mc Swan, o pai do jovem Swan, é que pensei em usar máscara, para não ser incomodado pelos vapores. Mais tarde arranjei avental, luvas e botas de borracha. Assim equipado, mexia a mistura, armado de um pedaço de madeira.

Matei os dois velhos Mc Swan no mesmo dia. Nenhum de meus mortos morreu porque eu tivesse intenção de lucro. →



O casal Henderson, 6ª e 7ª vítimas; como as demais, desapareceram no ácido.

Quando havia algum lucro, aceitava como prova de solicitude que me dava a força suprema. Quanto aos Mc Swan, fui até a casa de um advogado de Glasgow e falsifiquei um contrato passado em tabelião, onde eu aparecia com o nome de William Donald Mc Swan. Imitei sua assinatura com facilidade. Já tinha feito, como se sabe, minhas provas de aptidão como falsário. Graças a esta fraude, consegui vender as propriedades da família Mc Swan, o que me trouxe cerca de 4 mil libras. A polícia nunca percebeu o desaparecimento dos Swan.

Minha quinta vítima foi um moço desconhecido, Max. Mas vou falar dos números 6 e 7: o jovem casal Henderson. Archibald Henderson era um médico londrino. Tinha uma jovem e bela mulher, chamada Rose. Desapareceram em fevereiro de 1948. A polícia jamais teria resolvido o mistério, se eu não ajudasse revelando que os matara.

Conheci o casal da maneira mais simples do mundo. Eles tinham posto um anúncio para vender uma casa. Respondi, porque era um bom método para entrar em contato com as pessoas. Fiz isso uma porção de vezes. Os Henderson queriam 8.750 libras pela casa. Respondi, para grande surpresa deles: "Não é muito caro. Se aceitarem 10.500 libras, estou de acordo"! Tempos depois, soube que Rose Henderson tinha dito ao irmão:

— Acabo de encontrar o maior dos imbecis.

Ao que o irmão respondeu: "Quando um homem fala desse jeito, é melhor tomar cuidado." Não lhe faltava intuição, como se vê.

Logo em seguida, comuniquei aos Henderson que não tinha conseguido reunir o capital necessário, mas eles não faziam mais questão do negócio. Eu já tinha ficado íntimo deles. Passamos muitas noites juntos, em Fulham.

Eu tocava Brahms ao piano. E eles escutavam, horas inteiras. Tinham um cachorro, um magnífico perdigueiro irlandês de pelo ruivo, que se chamava Pat e que ficou meu amigo. Lembrava um cachorrinho que meu pai me dera quando eu era menino. Sempre gostei dos cães; e me lembro de ter escandalizado não sei que idiota, dizendo-lhe que, se tivesse de escolher entre matar um homem ou um cachorro, mataria o homem. Quando os Henderson morreram, recolhi Pat por alguns dias; e terminei alojando-o num dos melhores canis do país, porque ficou cego.

Archibald Henderson era viúvo. E Rose era divorciada. Tinha sido casada

com um engenheiro alemão, Rudolf Erren. Na I Guerra Mundial, Erren tinha participado do famoso grupo de pilotos chamado "O Circo de Richthofen", do qual Goering era chefe. Coisa extraordinária: Erren e Rose moraram uns tempos em Onslow Court, o hotel de Kensington onde eu viria a instalar-me. Rose estava mesmo fadada a me encontrar, e foi assim que conheci a dedo da força superior que me comanda.

Após o divórcio, Rose casou em 1938 com Archibald Henderson, médico brilhante, de clientela de luxo. Viviam suntuosamente e Rose aparecia nas recepções magnificamente vestida e coberta de jóias. Era uma mulher muito bonita, morena e viva. Em 1926, tinha concorrido num concurso de beleza, e sua foto saíra nos jornais. Para terminar, devo dizer que era filha de um médico de Manchester, e que tinha um irmão, Arnold Burlin, homem prudente nos negócios, que vai ter importante papel no desenrolar destas minhas memórias. Já se notou que sua desconfiança tinha sido despertada, quando propus aos Henderson comprar a casa por uma quantia tão grande.

Enquanto duravam minhas relações com os Henderson, tive um sonho doloroso. Ah, desta vez não eram árvores ensanguentadas. Agora, eu mordida o pescoço da filha de um amigo e sugava-lhe o sangue gulosamente. Fiquei horrorizado com a idéia de, mesmo em sonho, ferir quem eu amava. Os Henderson não eram meus amigos. Relações agradáveis, só. Quando sei que uma pessoa pode tornar-se minha vítima, ela sempre me impede de provar-lhe amizade. Rose me contou que, sob a aparência do luxo, ela e o marido passavam dificuldades. Assim, também não foi por interesse que os matei. Archie tinha dívidas, e muitas brigas por causa de dinheiro surgiram entre ele e a mulher. Em 1948, os Henderson partiram para Brighton, e ficaram no hotel Metrôpole. O ciclo de sonhos chegava ao ponto culminante. Sentia-me doente. Archie tentava me distrair: não lhe dava atenção. Já estava tomado pela terrível necessidade. Acordava com aquele desejo atroz, imperioso. Era preciso que Archie fosse minha próxima vítima. Sob um pretexto qualquer, levei-o a Leopold Road e, em meu escritório, matei-o com uma bala na cabeça, usando seu próprio revólver, roubado durante uma noite em sua casa. Voltei a Brighton e disse a Rose:

— Archie ficou doente lá em casa. Nada grave, mas quer que você vá vê-lo.

Ela foi comigo, sem desconfiar de nada. No escritório, derrubei-a, já não me lembro como. Sentia-me protegido por uma mão invisível. Estava tão seguro que deixei os corpos no escritório, enquanto procurava comprar uma máscara contra gás e novo recipiente, para a mulher. E, num sábado à tarde, o belo corpo que fora o responsável por todo o charme de Rose Henderson estava derretido em ácido, como uma boneca de cera exposta ao calor. Sua forma e sua cor desapareceram lentamente, gigantesco torrão de açúcar que eu mexia com um grande bastão, pacientemente, tranquilamente.

Voltei a Brighton, triste lugar popular, e paguei a conta do hotel dos Henderson. Peguei suas bagagens e Pat, o bom cachorro, e voltei para casa. Era preciso então evitar desconfianças. Escrevi ao homem de quem os Henderson eram inquilinos, em Fulham; e ao irmão de Rose, em Manchester, imitando perfeitamente a caligrafia e a assinatura da moça. Requentadamente, usei um papel timbrado do hotel Metrôpole. Expliquei que, em razão de certas dificuldades, os Henderson tinham

decidido emigrar para a África do Sul; e que eu tinha sido encarregado de cuidar de suas coisas. Os Henderson morreram no dia 13 de fevereiro de 1948. No dia 17, recebi telefonema do irmão de Rose, Arnold Burlin.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

— Não se preocupe — respondi. Entrei num acordo com Archibald. Empréstai-lhes 2.500 libras, antes de sua partida. Se ele não me pagasse em dois meses, teria de me passar o automóvel e a casa. Posso até mostrar a carta que Archibald me mandou, pedindo para pagar a conta do hotel em Brighton e pegar o cachorro. Também tenho aqui um contrato...

Eu forjara os dois documentos. Burlin, desconfiado, foi até Brighton. O hoteleiro confirmou que eu tinha ido buscar o cachorro e pagar a conta. Dias depois, ele veio me ver, com a mulher. Estava preparado para essa visita. Expliquei e eles que o motivo da partida eram problemas do casal; que os dois queriam a família afastada da embrulhada. Levei os Burlin à estação em meu carro, para que tomassem o trem de volta a Manchester. De repente, a mulher de Burlin abaixou-se e apanhou uma pequena caderneta dentro do automóvel. Espantou-se:

— Mas é a caderneta de endereços da Rose!

Tive suficiente presença de espírito para responder:

— É verdade! Deve ter caído quando peguei as coisas no hotel.

O incidente, porém, provocou um esfriamento. Antes de passar para a plataforma da estação, Arnold Burlin me disse: — Se minha irmã e meu cunhado não aparecerem até segunda-feira, vou avisar a polícia.

Mentalmente, inscrevi Burlin, sua mulher e sua filha na lista de minhas próximas vítimas. Eles iam avisar a polícia na segunda, mas no sábado receberam a seguinte carta:

"Meu caro Arnold,

"Faz tempo que vocês não recebem notícias nossas, e devem ter ficado preocupados. Infelizmente, naqueles dias, Archie percebeu que eu queria deixá-lo assim que voltássemos a Londres. Discutimos sobre isso em Kingsgate. Ele me acusava de lhe causar aborrecimentos e esbanjar dinheiro. Ameaçou suicidar-se se eu o abandonasse. Não havia outra coisa a fazer, senão agir rapidamente. Ele tomara dinheiro emprestado do John Haigh (vocês se lembram, devem tê-lo conhecido em Berkeley), e assim comecei a executar um plano que fizera para esta eventualidade. Correu tudo bem, embora tivéssemos que mentir vergonhosamente durante uns tempos.

"Pensei que pudéssemos ir visitá-los no fim desta semana, mas é preciso tomar algumas precauções durante mais ou menos três semanas. Evitamos as ligações habituais de Archie. Ele está muito gentil e bebe muito raramente. Iremos a Newcastle na terça próxima. É tudo o que queria dizer nesta carta. Vocês compreenderão, logo que me virem. Só espero que John Haigh esteja bem. A temperatura caiu bastante e eu preciso vestir algumas roupas a mais. Vou comprar algumas na Dawes Road, logo que voltarmos. Espero que estejam todos bem. Não se preocupem. Lembranças à Mumsy."

A assinatura de Rose enganou totalmente Arnold Burlin. Durante o processo, Burlin lembraria que Rose tinha usado "Mumsy", quando ela normalmente dizia "Mummie". Havia também erros de datilografia e de ortografia, mas naquele momento ele não se dera conta disso, pen-

sando no estado em que a irmã se encontrava. Devo reconhecer que, às vezes, cometo erros de ortografia. Napoleão também cometia. Um desses erros me levava à prisão após uma fraude, porque esqueci um D no nome Guildford.

Finalmente decidi jogar a grande carta. Escrevi nova carta a Burlin, assinando Rose. Conhecia tão bem a vida particular dos Henderson, e imitava tão bem o estilo e a letra de Rose, que todos os policiais e peritos da Scotland Yard, mais tarde, consideraram esta carta uma obra-prima da falsificação. Fiquei tão orgulhoso quanto Rembrandt ficou de sua melhor tela. As falsificações são, para mim, uma arte. Minha vocação de falsário vem da infância. Na escola, já imitava a assinatura dos professores. Com esta carta de 15 páginas, convenci Burlin de que os Henderson tinham trocado a Inglaterra pela África do Sul. Ele veio a Londres para liquidar os negócios da irmã. Recepcionei-o amavelmente.

— Não foi gentil da parte de Rose, partir sem dizer adeus à sua velha mãe, já cega — disse-lhe eu.

A velha mulher, mais tarde, também provocaria complicações. Em fevereiro de 1949, ela ficou bem doente. Burlin mandou um recado a Rose; ficou sem resposta. Então me telefonou e disse:

— Estou preocupado. Da próxima vez que for a Londres, vou procurar a Scotland Yard.

— Perfeito — concordei eu. Mas passe antes para me ver.

— Claro — respondeu ele.

— E, diga-me, você vai trazer a sra. Burlin e sua filha? Ficarei contente em vê-las — convidei.

— Eu lhe prometo que sim. Você é muito gentil — respondeu o imbecil.

Não pude deixar de rir, do outro lado do fio. Três ou quatro dias depois, a velha sra. Burlin morreu. No dia seguinte, Arnold leu a notícia do desaparecimento de uma rica senhora, madame Durand-Deacon. Lia distraidamente, quando a última linha da notícia o fez saltar: "... no dia de seu desaparecimento, a sra. Durand-Deacon tinha encontro marcado com certo John Haigh, que se apresentou à polícia, a quem prestou informações e propôs participar das buscas"...

Arnold caiu em si. Num golpe, percebeu tudo: o desaparecimento dos parentes; o da sra. Durand-Deacon; e aquilo que ia acontecer a si próprio, à mulher e à filha, se fosse me ver. Teve apenas que fazer o esforço de apanhar o telefone e discar três vezes o número 9, para pedir socorro policial. Eu estava perdido.

A sra. Durand-Deacon foi a nona pessoa que matei. Não gosto de chamar a isto "assassinar", porque o termo dá impressão de crueldade e sofrimento. Matar, ao contrário, é o resultado inevitável da vontade de um Espírito todo-poderoso, que me guiou e me ordenou tomar o sangue dos homens e das mulheres. O homem é um joguete nas mãos do Ser Supremo.

A mesma força exterior decidiu, agora, que chegou a minha hora de morrer, e eu aceito seu julgamento divino. Estou cansado, além do mais. Meus olhos não aguentam mais. Li muito e muito escrevi, e tenho pressa de chegar ao fim destas memórias. Sou obrigado, para continuar a escrever, a colocar os óculos dourados que pertenceram ao doutor Henderson, minha sexta vítima. Mas vamos à sra. Olive Durand-Deacon, a última pessoa nesta terra, de quem bebi um copo de sangue.

— Ela era, quando a encontrei, "uma mulher no crepúsculo da vida", para usar os termos do procurador-geral em meu pro-



Haigh foi preso em fevereiro de 1949; a defesa ainda tentou algo: insanidade.

cesso. Devo dizer que, com ela, fui negligente. Não que seja o meu natural. Agrade-me repetir que gosto mais de uma injustiça do que de uma desordem. Mas eu me sentia tão protegido pela força superior, que me esqueci das precauções mais elementares. A sra. Durand-Deacon morava na mesma pensão familiar que eu, em Kensington. Agradei-a falando-lhe de música, arte, literatura. Tivemos também conversas filosóficas e religiosas. Ela via em mim, apesar de meus 40 anos, "um jovem homem que tem tudo o que se pode desejar".

No processo, o público ficou excitado com o motivo engraçado que a levou a meu apartamento. A velha senhora sofria por não ter mais unhas, e eu lhe disse que poderia fazer-lhe outras de plásticos, em minha oficina. Foi assim que ela partiu para sua última viagem, a 18 de fevereiro de 1949. Matei-a com uma bala na nuca. Fiz um corte em seu pescoço e bebi um copo de sangue. Ela trazia uma cruz amarrada ao pescoço. Senti uma alegria infinita em enfregar a cruz.

Já disse que fui negligente com a sra. Durand-Deacon. Queimei sua bolsa pela metade; não dissolvi completamente o corpo. Certo, agi mal. Mas imaginem que eu precisava introduzir um corpo de 90 quilos num barril. Não é suficiente para explicar a negligência. Talvez eu estivesse simplesmente cansado de matar, e desta missão confiada pela divindade superior, e quem sabe ansioso para acabar com ela e encontrar o repouso, mesmo que fosse na asquerosa cela de terra reservada aos condenados à morte. Cansado de carregar o corpo da velha senhora, saí para tomar um chá. Quando voltei, vi que *tinha deixado a porta aberta*. Qualquer pessoa poderia ter entrado, ter visto o cadáver. Matei-a numa sexta. No domingo, estava na casa de amigos. Uma jovem me disse de repente:

— Não me olhe desse jeito!

Desviei o olhar, mas continuei a vê-la em pensamento. Ela então disse:

— Sinto que você continua me olhando.

E gritou:

— Assassino!

Este poder de adivinhação me pareceu incompreensível. Logo, os policiais que investigaram o desaparecimento da sra. Durand-Deacon descobriram em minha casa do restos de seu corpo e de suas coisas.

Agora que tudo terminou, queria dizer algumas coisas. Uma de minhas últimas recordações vai para Pat, o cão dos

Henderson. Foi um grande companheiro para mim, e estou feliz de ter podido fazer algo por ele.

É uma pequena vaidade, mas pode-se admitir isto num homem que está prestes a morrer: gostaria que as roupas que eu vestia no dia do julgamento fossem enviadas ao museu de cera de madame Tussaud, para que vistam minha efígie. Desejo que o conservador do Museu Tussaud cuide para que minhas calças tenham sempre um vinco impecável. Engordei na prisão: é desagradável. Espero que, para minha efígie, conservem-me uma linha mais esbelta.

Existe ainda uma revelação engraçada. Fiz minhas experiências com ácidos na prisão, quando estive condenado por falsificação. Eu trabalhava na oficina. Combinava com os prisioneiros que trabalhavam no campo, e eles me traziam ratos. Ficava horas observando a lenta decomposição dos ratos no ácido. Ratos e homens... como diz a Escritura.

Da porta de minha cela, sei que 15 passos me separam do cadafalso. É pouco para transpor a eternidade. Chove hoje. Vejo a chuva bater no alto dos telhados que vislumbro por cima do muro da prisão. Ela me transmite o mesmo desejo que senti várias vezes, sob o arvoredo de uma magnífica floresta, quando solitário procurava um objetivo que, quem sabe, não existe mais. Penso nestas linhas escritas por um grande homem da antiguidade, não sei mais quem foi: "Não antes que as profissões sejam paralisadas e que as lançadeiras cessem de correr, Deus não desenholará o quadro nem revelará o porquê".

Nasci a 24 de julho de 1909, em Stanford, Lincolnshire. Meus pais estavam na miséria. Meu pai tinha 38 anos; minha mãe, 40. Meu pai era contramestre eletricista, mas não tinha trabalho. Minha mãe está certa de que os meses de sofrimentos que precederam meu nascimento são a causa daquilo que ela chama de minha doença mental. "A culpa é minha", disse ela, "por que não compareço diante dos juízes ao lado de meu filho? sou tão responsável quanto ele!"

Meu pai era o chefe de uma comunidade religiosa. Eles me educaram num clima inumano, pior que num mosteiro. Sobre a fronte de meu pai há uma cicatriz, uma espécie de cruz deformada. Ele me explicava que era a marca de Satã. Ele tinha pecado, e o Diabo tinha punido.

— Se você comete uma falta, Satã o marcará do mesmo jeito.

Durante anos, olhei a fronte das pessoas, para ver se tinham a marca. E achava que meu pai era o único a ter pecado, e que o resto era inocente. À noite, fazia meu exame de consciência. Ia instintivamente para perto de um espelho, para ver se a marca tinha aparecido em minha fronte.

Fui à escola só até os 17 anos. Fazia parte do coral na igreja. Domingo, levantava às 5 horas para assistir à missa. Ficava na igreja o dia todo, até a missa da noite. Voltando, encontrava meus pais rezando, e me ajoelhava junto deles. As jovens da minha idade não gostavam de mim. No entanto, eu estava sempre pronto para ajudar o próximo. Adorava os animais. Dava minha própria comida aos cães vadios. Amava também os coelhos e as aves selvagens.

Em 1927, com 18 anos, acreditava que tinha uma grande missão a cumprir entre os homens. Comecei a pregar; e descobri esta coisa maravilhosa: eu tinha o dom da palavra. A multidão de fiéis me ouvia palpitante e lágrimas corriam sobre os rostos. Meus pais ficaram orgulhosos. E era eu,

aquele jovem apóstolo apaixonado pela pureza, quem se encontrava, apenas alguns anos mais tarde, na prisão de Leeds, condenado por fraude. O que se passou? Primeiro, eram minhas mãos, minhas alvas mãos de artista. Toda minha vida eu as adorei, com uma espécie de fetichismo que não posso explicar a mim mesmo. Na prisão, sofro por não ter sabão e água quente, para limpá-las várias vezes por dia.

Trabalhei um ano numa fábrica de motores, depois um ano num escritório, aí um ano na companhia Shell. Cheguei, assim, à maioria e decidi trabalhar por minha conta. Montei uma empresa de seguros e publicidade; em 1933, montei outra empresa, de anúncios luminosos. Tudo isso deu muito trabalho e pouco lucro. Compreendi, então, que a honestidade não dá lucro. Foi em 1934 que dei o passo decisivo.

Percebi que o sistema de venda e aluguel de automóveis era mal organizado e podia permitir falcaturas fáceis. Entrei numa sociedade dessas. No mesmo ano, em julho, casei com uma jovem de 21 anos. Beatrice Hamer. Despousei-a para deixar meus pais. Não podia mais ficar com eles e seus princípios religiosos, agora que tinha escolhido a vida desonesta. Mas minha felicidade conjugal foi curta. Em novembro, foi posto na cadeia. Tinha vendido automóveis que não existiam. Minha mulher decidiu nunca mais me ver. Durante meus dias na prisão, deu à luz uma menina, que foi adotada por desconhecidos. Existe hoje uma jovem de 14 anos, que ignora que seu verdadeiro pai sou eu, John Haigh, aquele que chamam de Vampiro de Londres.

Saí da prisão em novembro de 1933 e voltei para a casa de meus pais, que me perdoaram. Meu empreendimento seguinte valeu 4 anos de prisão. Escolhi o nome de um advogado ao acaso, e abri em seu nome um escritório em outra cidade. Vendi aos clientes ações que não existiam. A Grã-Bretanha estava em guerra, quando me vi em liberdade outra vez. Procurei emprego na Defesa Passiva. E foram os horrores dos grandes bombardeiros sobre a Inglaterra que me fizeram abandonar a idéia de um Deus justo.

Estava um dia com uma enfermeira da Cruz Vermelha num posto de guarda, quando ouvi as sirenas. Saímos para nossos postos. De repente, escutei um silvo terrível e me atirei sob um portão. A bomba explodiu com um estrondo do Apocalipse. Quando levantei, machucado, uma cabeça rolou a meus pés. Era a de minha companheira de todos os momentos, que era tão alegre, tão bonita. Como Deus permitiu esse horror?

Agora, não creio mais em Deus, mas numa Força Superior que nos empurra a agir e rege misteriosamente nosso destino, sem se preocupar com Bem ou Mal. Constei como ela me empurrou a degolar os seres humanos. E foi a mim, que amo e adoro a menor, a mais frágil das criaturas, que Ele ordenou comer essas mortes e beber o sangue humano. Isso não é possível: meus nove mortos precisam ter sua explicação em algum lugar deste mundo. Não é possível que sejam absurdamente apenas o sonho de um louco cheio de brutalidade e furor, como disse o grande Shakespeare.

Existe uma vida eterna? Logo mais saberei. Esperando, adeus... ▲

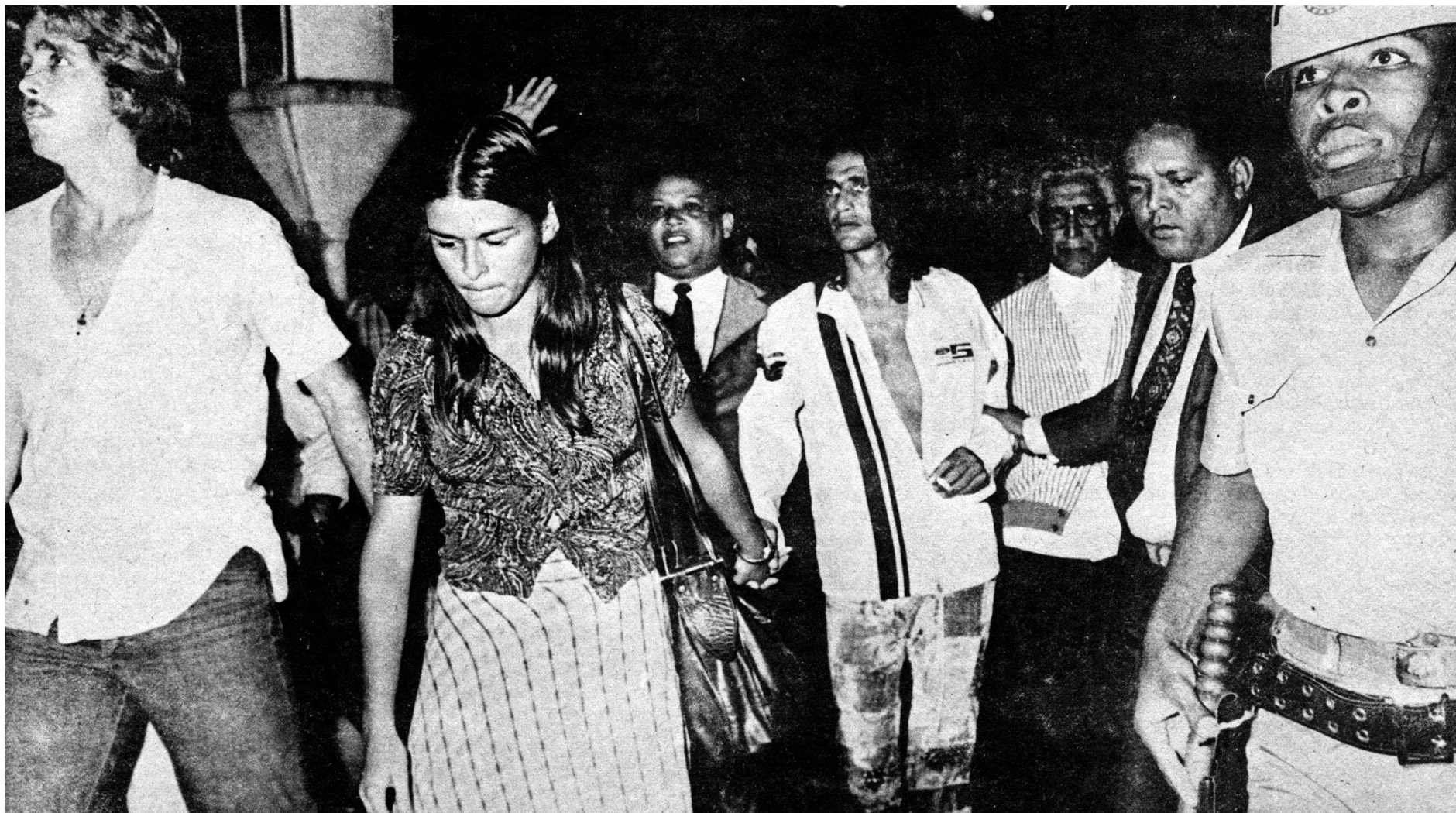
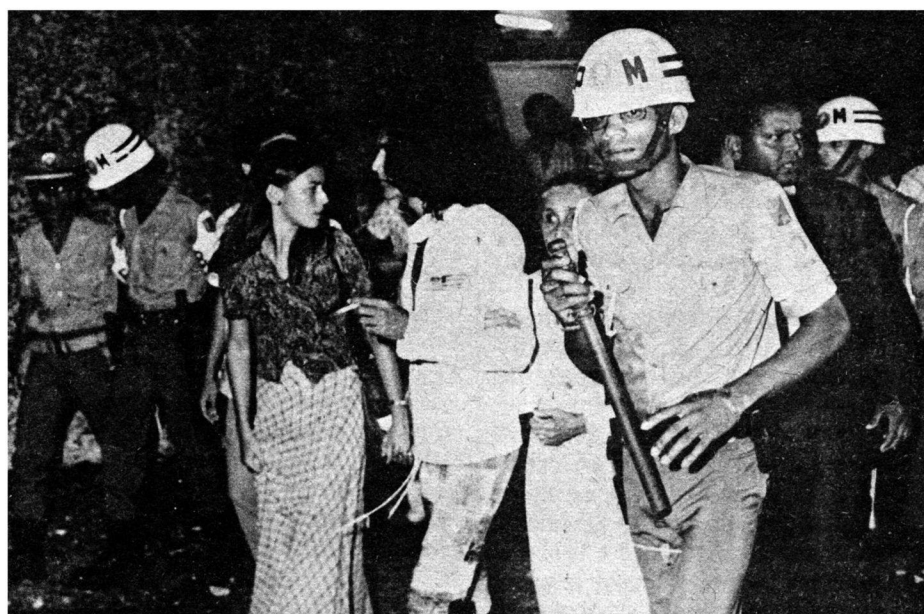
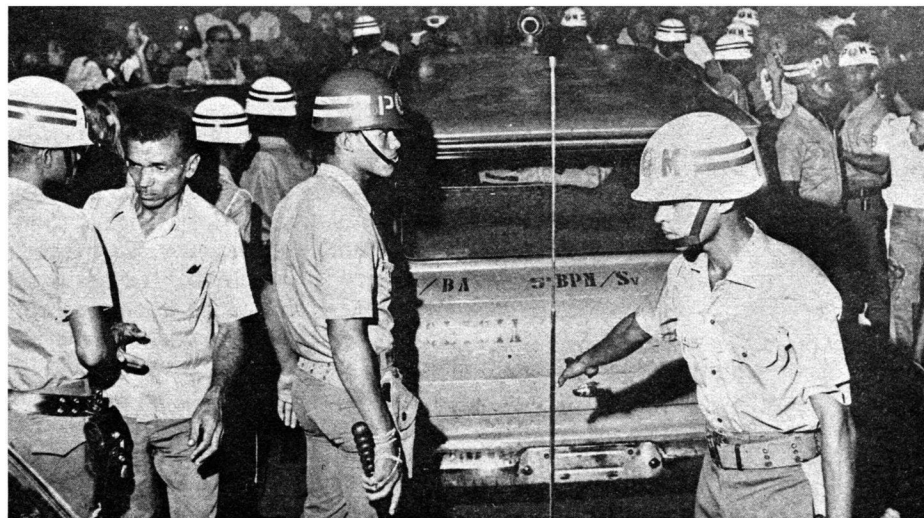
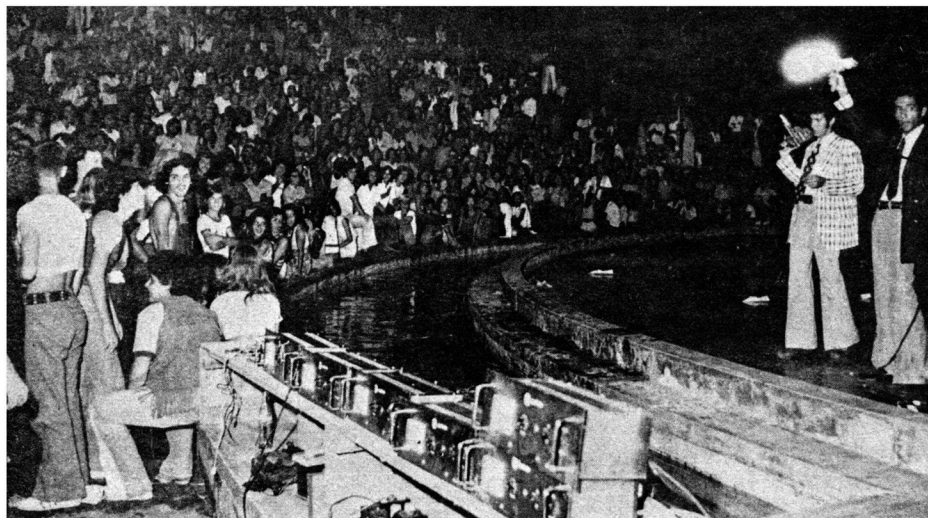
Enforcado ontem o "Vampiro de Londres"

LONDRES, 10 (AFP) — Sem o menor incidente, John George Haigh assassino da viúva Durand Deacon e, provavelmente, de oito outras pessoas, foi enforcado hoje, às nove horas, no patíbulo da prisão de Wandsworth.

Após uma instrução sensacional, um inquerito no qual interveio toda a polícia da Inglaterra e um processo sem imprevistos, seguido de uma inevitável condenação à morte, veio encerrar este estranho episódio da história criminal da Grã-Bretanha. Estranho por mais de um título, porque Haigh, considerado o autor de inúmeras "fascanhas", e que teria mesmo feito confissões à polícia, jamais abriu a boca em público, mesmo durante seu processo.

Oficialmente, jamais se saberá o estranho destino do dr. Arthur Henderson e sua esposa, de Donald McSwann, sua esposa e seu filho, da "mulher esbelta de cerca de 25 anos", assassinados por Haigh.

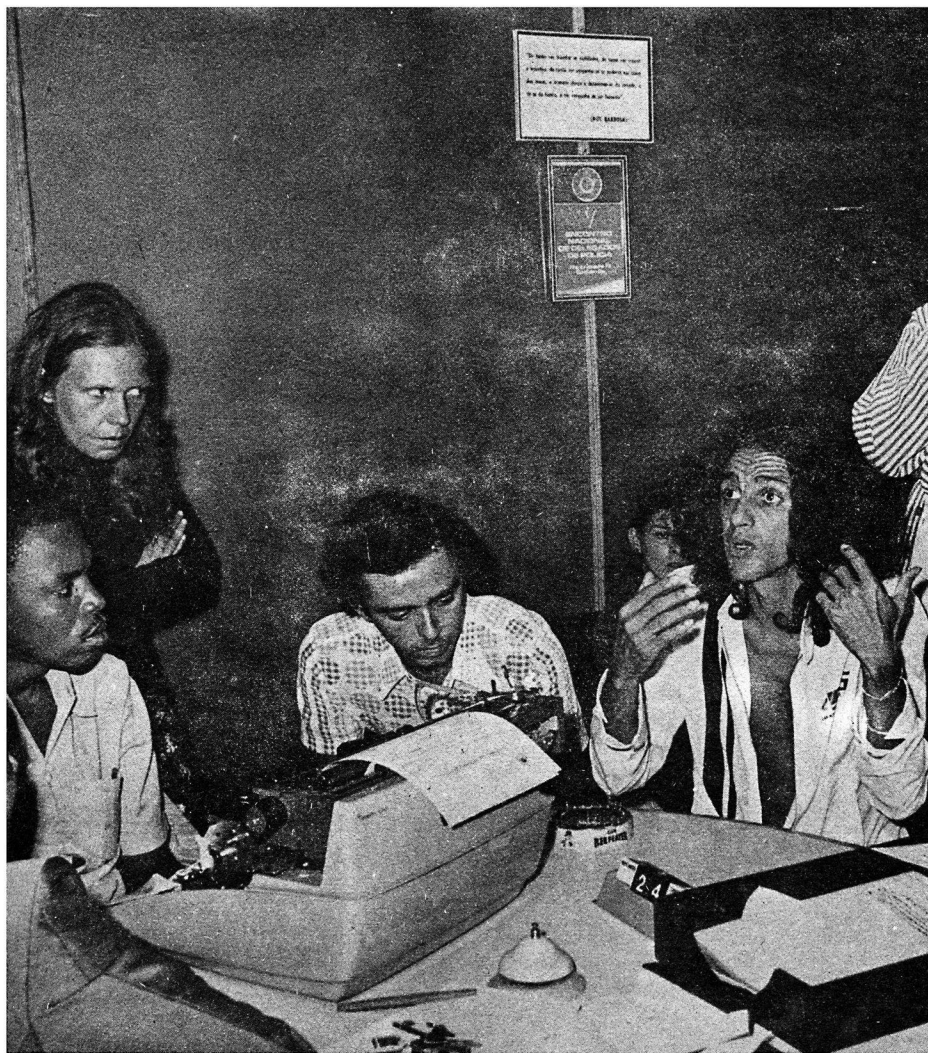
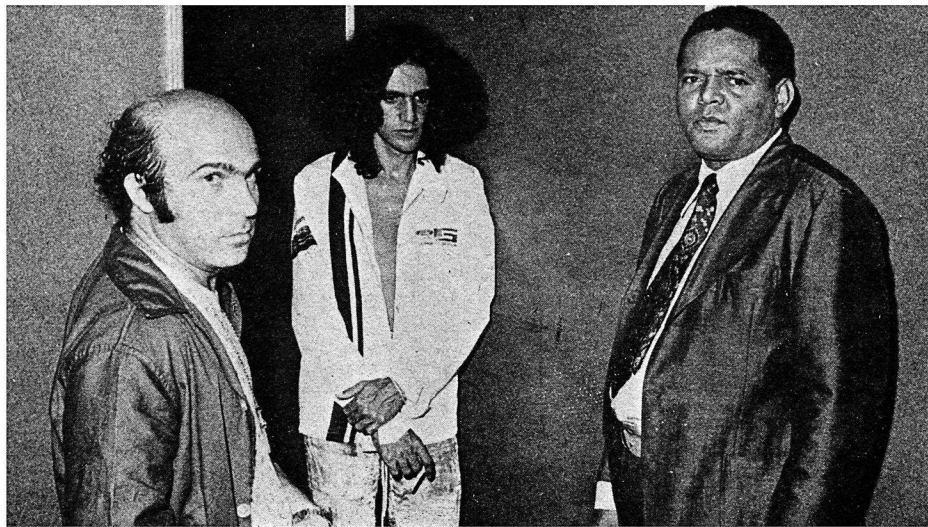
Teje preso,



de novo

TEXTO DE CAETANO VELOSO

FOTOS DE MARCOS MACIEL



Desde que eu cheguei de Londres que ouço uma voz geral a se queixar do meu desprezo pelo público. Recomendo aos interessados a procura de um escrito meu publicado no último número do VERBO (ex) ENCANTADO. Antes eu queria fazer história, agora quero fazer música. Se é que a gente pode dizer assim. Mas é muito mais gostoso e mais difícil. No país de Jorge Ben, de Naná, de Gilberto Gil, de Milton Nascimento, no país de João Gilberto, de Tom, de Pixinguinha, de Jacó, o meu Araçá Azul pode apenas ser perdoado como o esforço de alguém que tem vontade de começar a cantar. Agradeço à história o fato de ter tido de passar uns anos fora do Brasil ("como se ter ido fosse necessário para voltar"): os espetáculos que fiz na Europa — e, em consequência, os que fiz no Brasil depois que voltei — foram muito mais voltados para o canto e para o toque entre os músicos do que para o público.

Quando me convidaram para fazer um circuito universitário, não pude evitar que o caráter especial desse público interferisse no trabalho. Ensaiei com a turma aqui na Bahia, em uma semana, um espetáculo mais carregado de "idéias" do que todos os outros que fiz de 71 pra cá. Essas "idéias" eram todas no sentido de testar o gosto musical dos universitários agora, sua posição diante da música popular. Os chamados circuitos universitários, no entanto, não passam de uma promoção bolada por uma empresa de viagens de São Paulo, em colaboração com os centros acadêmicos (é assim mesmo que se chamam?) das universidades do interior, como parte de transações comerciais entre aquela e estes. Você é levado de cidade em cidade num ônibus (o que, diga-se de passagem, é um grande barato) para se apresentar em ginásios de esporte de péssima acústica, diante de uma platéia variada, impossível de ser caracterizada como "universitária".

Desnecessário dizer que minhas "idéias" foram por água abaixo. Graças a Deus. Depois de um mês on the road, o show tinha virado uma brincadeira de canto e dança e transação entre os músicos. O que me fez abrir mão da idéia de não apresentá-lo fora do circuito. Em São Paulo ele foi recebido pelo público e pela crítica com um respeito que nos surpreendeu. No Rio houve um incidente difícil de ser explicado ou mesmo narrado: diante da tentativa de concentrar-me e à platéia pra cantarmos juntos e de um modo doce a oração de Caymmi para Mãe Minininha do Gantois, o pessimismo negro e dolorido de algumas personagens dessa farsa tão insuportavelmente real chamada barrapessada-portodabarralimpembepe—rio de janeiro—cidade de são salvador-setenta se manifestou de uma forma tão nítida, que eu, com saude de moreno e num dia de muitas emoções de amor, chorei e quase paro o show sem, contudo, xingar ninguém. Em Belém (minha cidade querida), em Recife, em Fortaleza, em Brasília, em toda a parte houve sucesso e problemas. Piadas, protestos solitários da escuridão da platéia, desconfiança, medo. Em Goiânia teve um dia que a platéia inteira começou a latir. Estou absolutamente seguro de que essa conversa que sai nos jornais e nas salas, de que eu faço uma música avançada demais para o público brasileiro, é falsa. Tenho repetido muito que não me considero na vanguarda da música popular brasileira nem pretendo estar nem estou mais interessado em saber o que isso vem a ser. Estou apenas tentando encontrar a paz necessária pra fazer aquilo de

que eu sempre mais gostei: cantar. Talvez, pra um público ainda traumatizado com o que eu apronte com a história e com o que a história aprontou comigo, isso seja difícil de compreender.

Mas eu já não quero e já não sei entender os problemas do público, já não quero explicá-los. Se estou aqui escrevendo é porque, como um EX-algumacoisa, me sinto à vontade nesta revista, de um jeito que há muito não me sinto em papel impresso.

Um rock de Péricles Cavalcanti: "Eu já não aguento mais esse verão baiano. Ele me faz pensar que o homem é desumano." Não quero que seja assim.

A concha acústica do Teatro Castro Alves é um lugar muito bonito pra se cantar. Tem uma vegetação linda em volta. Tem um bambual. O vento bate nos cabelos. Eu queria que, num dado momento, se desligasse toda a iluminação elétrica e a gente cantasse a oração de Mãe Minininha, todo mundo junto, à luz das estrelas.

Estou conseguindo fazer umas transas de voz que já começam a valer a pena escutar.

O público que estava na concha acústica era todo baiano. Os Mutantes e os Novos Baianos, no verão passado, tiveram uma platéia ótima, constituída principalmente de turistas. A idéia de que aquilo ali é lugar de baixo astral é uma idéia aqui da província. Tudo não passou de uma briga de província, eu acho.

Quando eu estava deitado no chão, cantando o trecho da Volta da Asa Branca que fala em terra molhada e mato verde e riqueza, alguém gritou da platéia: mete o dedo no o... dele que ele levanta.

Quando eu cantava "ai ai o povo alegre mais alegre a natureza", alguém gritou: o que é a natureza!... — grande parte do auditório riu. Eu mandei todo mundo à p... que p... , disse que não ia haver mais p... nenhuma e saí do palco.

O senhor Caria, diretor não-sei-que-lá do Teatro Castro Alves, telefonou para a polícia.

Dizem que a chegada dos policiais foi aplaudida por boa parte do público. O delegado foi firme na abordagem — "Recebi a queixa de que o senhor agrediu o público com palavras grosseiras, é verdade?" — "É". — "O senhor pretende continuar o espetáculo?" — "Não".

O delegado foi muito gentil comigo, com minha mulher e com meus pais que me acompanhavam.

Foi pedido um exame de embriaguez e intoxicação. Fui levado para o pronto-socorro, onde o médico que me examinou me disse — "Vejo que você está em seu estado normal". Não havia hálito de álcool, congestionamento dos olhos e a salivagem era normal. Contudo, colheram urina, sangue e saliva para exame de laboratório.

Os resultados desses exames demoraram dias para aparecer. Os jornais de Salvador — que demonstraram uma incrível má vontade para comigo — fizeram um suspense sensacionalista em torno dessa espera. Por fim foi publicado um resultado oficial acusando duas gramas, por mil de álcool no sangue. Alguns amigos médicos me dizem que isso significaria no mínimo coma alcoólica, de qualquer modo parece mesmo representar uma percentagem muito alta. E eu não bebo há cinco anos.

Triste Bahia. Tudo legal.

E não me venham com é proibido proibir.

O Fim

TEXTO DE FRANCISCO PETIT

1979 - Cruzamento das ruas São Luis e Ipiranga, já faz dez dias que o congestionamento continua. A cidade foi interditada totalmente, a população se locomove a pé, os executivos estão usando helicóptero etc., ainda bem que o metrô está ajudando um pouco, as passagens são racionadas, só para pessoas cujo transporte é realmente indispensável, operários, funcionários públicos, médicos.

Ninguém pode usar o transporte para passeio, compras, ou mesmo alguns negócios menos importantes.

O congestionamento é tão grande que os pedestres andam por cima dos automóveis, nem mesmo bicicletas é possível usar, a prefeitura improvisou uma rua por cima dos automóveis, com "tábuas" o que com o acúmulo contribui para o perigo que com o menor descuido essa gasolina pode ocasionar uma catástrofe geral em toda São Paulo. O cheiro é insuportável pois nessa época de calor o combustível é muito volátil. Em New York, a situação é muito pior, foi declarada calamidade pública em todo o país. Buldozers limpando as estradas.

Mate seu carro antes que ele o faça.

Nos EEUU a situação era a pior possível, ninguém sabia mais como resolver aquela situação irreversível, pois era uma cadeia, os computadores já estavam programados pelos próximos anos, quer dizer, se simplesmente parassem as fábricas que produzem automóveis, o colapso seria da indústria de autopeças, mesmo esta parando a indústria de aço também teria um colapso pois não teria onde estocar seu produto, assim como usinas de aço, os fornos, sem dizer a bagunça que estava acontecendo nas fábricas de pneus, na Pirelli conseguiram fazer uma verdadeira montanha de borracha, sem ser menos dramática a situação na produção do petróleo, puxa isto era realmente um drama, depois do mundo inteiro ter lutado pelo ouro negro durante tantos anos, ter causado tantos milhões de vítimas, até parecia que sem petróleo o mundo pararia, e no fim não foi nada disso, o petróleo realmente parou, o mundo e ele junto.

Coitados daqueles reizininhos árabes, há meses que não vendem um pinga de ouro negro, aliás agora mais conhecido por "Petróleo Maldito", nada foi mais prejudicial e mal aplicado do que o petróleo.

Na Europa no mesmo dia se reunia em Paris um conselho especial formado pelos principais mandatários do mundo.

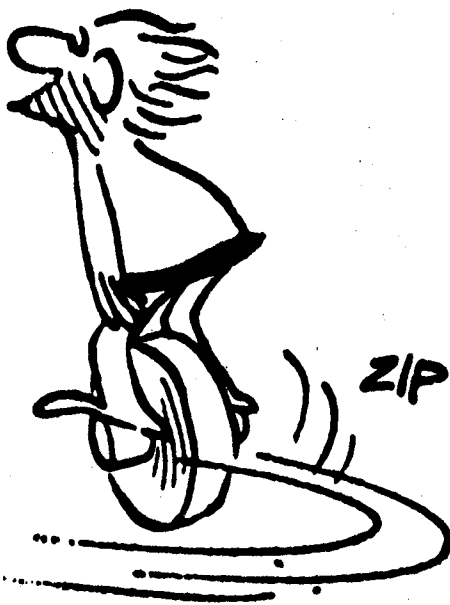
40 Km fora de Paris, pois a situação nessa cidade era das piores, puxa já fazia 5 anos que o turismo vinha decaindo vertiginosamente, agora você não via mais um estrangeiro em Paris, os museus vazios, clubes, boates, tamanhas as dificuldades de trânsito.

Um amigo meu levou 6 horas de New York a Paris; pois bem, de Orly ao centro de Paris, foi obrigado a ir andando. E suas malas só chegaram no dia seguinte. Ainda bem que tinham sido proibidas algumas ruas e boulevards para uso exclusivo de bicicletas, veículo mais procurado. (você só encontra no mercado negro).

Incrível, até andar a cavalo tinha voltado a ser uma prática no interior da França, muito usado pois as estradas já estavam saturadas.

Kissinger, atual presidente dos EEUU, discutia com Alex, da Alemanha, a situação a que a tecnologia descontrolada tinha chegado; isto era resultado de anos de descontrôle, desonestidade, enganando o público com falsos produtos, falsos símbolos de status que aparentemente iam trazer mais conforto, mais bem estar, e de repente se tornaram uns monstros, destruidores da humanidade, da sensibilidade, do amor pelo real, pelo autêntico, ninguém mais sabia distinguir o real valor das coisas, era tudo material.

Estamos intoxicadas, envenenados para sempre, conseguimos confundir as coisas todas, como temos capacidade de estragar tudo o que tocamos.



Kissinger tinha uma visão muito clara da situação pois foi um dos primeiros homens a mudar algo nesse mundo, e tinha o senso do real da função do homem, numa sociedade que tinha como habitat a terra, e tinha que preservar o que havia de bom nela, pouco, a essa altura, quase nada. Ele ficou irritadíssimo com a devastação da Amazônia.

Ele dizia que não era justo - "só porque fizemos isso nos Estados Unidos eles tinham o direito de fazer a mesma coisa?"

Não, isto não é possível se nós fomos irresponsáveis, levianos, devastando o nosso país, sugando tudo o que ele tinha de bom, não significa que deve-se fazer a mesma coisa, agora que temos informações do valor da ecologia, do equilíbrio da natureza, hoje nós pagamos por isto, somos um país condenado, envenenado, o nosso sangue está cheio de germes, os pulmões são pretos, cheiramos mal, e isto não tem remédio, já é crônico, nossos filhos já nasceram assim contaminados.

Mas, nós merecemos sem dúvida, o povo americano fez a maior contribuição da história da humanidade do superfluo, nunca foram criadas, inventadas, promovidas e vendidas tantas imbecilidades, não posso imaginar como 200 milhões de pessoas juntas, podem ser tão irresponsáveis ao mesmo tempo.

Nós confundimos tecnologia, ciência, indústria, conforto, pela simples ganância imediata e materialista das milhões de besteiras que nós vendíamos, e que acabávamos achando que estávamos contribuindo para o conforto do mundo, a paz mundial.

Eramos o "Homem do Ano" em vendas "Homem do Ano Americano" o "Homem do Ano do Vídeo". De fato éramos os maiores inimigos do homem.

Alex começou a falar sobre o trabalho iniciado há alguns anos pelos países europeus para recuperação da ecologia ambiental e comentava: "se vocês tivessem aplicado todo o dinheiro que gastaram falando de ecologia, natureza, ar puro, em um trabalho real, e não em conversas, não estariam na situação que estão; nós já agimos diferente, ficamos quietos e fizemos algo. Hoje, a Europa Central talvez seja o único lugar da terra possível de ser salvo."

A era do "consumismo" tinha se tornado a epidemia mais negra que a criatura humana já havia conhecido; os meios de divulgação, o comércio, (Marketing) a tecnologia barata, tinham conseguido destruir todos os valores do homem, tinham trocado tudo e nos levado a um suicídio coletivo, o consumo de produtos era uma doença incurável, o automóvel sem dúvida nenhuma é o maior responsável por esta calamidade e também o mais medíocre dos inventos, primário, vulgar, traiçoeiro, promete muito e não dá nada, muito pelo contrário, vocês já viram algum anúncio de carros dizer algo como "neste modelo novo da Volkswagen você pode morrer junto com a sua querida família a menos de 100 km horários, ele é perfeito, incomparável para você acabar com tudo, não tem freios, é mal dimensionado, não tem estabilidade, é extremamente frágil, e vem em 5 novas cores, com bancos reclináveis, maçanetas, "top shock" e para-choques "une shock".

O automóvel custou para nós mais do que uma guerra. A infra-estrutura que teve que ser criada para ele andar, se abastecer, ser guardado. Começou com as estradas. Não eram suficientes, boas, aí as calçaram com paralelepípedos. Estes se tornaram muito barulhentos e os carros pulavam muito. Vejo o asfalto, rodovias, com duas mãos asfaltadas, onde os carros rodavam suavemente, mas a indústria foi crescendo e as estradas ficando pequenas, aí aumentaram a rodovia, duas pistas, quatro pistas, seis pistas, doze pistas, de cada lado, viadutos fantásticos, trevos sofisticadíssimos, pedágios, postos de reabastecimento, motéis, as cidades tinham mudado de cara por causa do carro, as avenidas não deram conta, aí começaram os túneis, os elevados, as vias expressas imensas, garagens, parques verdes transformados em estacionamento.

O automóvel é o responsável pela maior tragédia humana, nenhuma guerra, epidemia, peste ou catástrofe matou tanta gente, mutilou, envenenou, destruiu famílias. Nos anos 70, provocou uma guerra no meio do oriente por causa do combustível. O pio da sociedade de consumo, dos produtos de consumo, dele nasceu o plástico, materiais sintéticos, tecidos, produtos de beleza, combustível para carros, motos, lanchas, helicópteros, aviões, locomotivas, move fábricas, usinas, navios, enfim, o petróleo move o mundo.

Kadafi, coronel do exército líbio que foi um dos primeiros inimigos do consumismo, disse que os "dólares" da Líbia não seriam gastos em produtos fúteis, inúteis, que só serviram para corromper a sociedade.

Ele usou a riqueza da Líbia para dar de volta a dignidade do povo árabe, através da cultura, religião, mas infelizmente não sobreviveu à pressão mundial, até ser envolvido numa guerra no Oriente Médio, sob qualquer pretexto amarelo, verde, ou vermelho.

Fatos como este eram lembrados tristemente por Alex como um dos maiores erros cometidos em defesa do conforto do mundo ocidental.

Nós não levamos a sério o maléfico efeito que criariam em nós todos esses meios de financiamento, crédito, prestações, isto fez com que tudo se tornasse monótono, estereotipado.

Alex convidou Kissinger a almoçar no campo, num velho moinho onde faziam um cabrito assado. Fomos andando pelo campo, fazia tantos anos que não pisávamos na terra, sentíamos o cheiro dos pinheiros, do capim, sentir os pés pisando na terra. O vento geladinho, que batia no rosto dos dois homens, dava-lhes uma sensação de estar revivendo, respiravam profundamente, como se aquele fosse o último ar puro, ou semi-puro do mundo.

Puxa, me lembro de um fato que ocorrera em 1973: visitando um hangar de uma companhia aérea ao norte da Inglaterra, tinha um avião de combate, era fantástico; quando olhei para dentro, onde o piloto sentava, senti uma terrível angústia.▲

(F.Petit é publicitário, um dos sócios da DPZ).

Meia Laranja

A Warner Brothers trouxe para São Paulo o filme de Stanley Kubrick, "Laranja Mecânica". Diante da posição da censura, que admite a exibição com cortes de aproximadamente 30 minutos, a distribuidora convidou 20 críticos para uma sessão reservada, dia 22 de outubro. Os 20 iam ver e dizer se os cortes estragariam demais a obra. "Claro", responderam os críticos, depois da sessão.

Mas a convocação ficou meio sem explicação porque a Warner Brothers anunciou em seguida que ia lançar o filme de qualquer jeito, mesmo com 30 minutos a menos. Mais uma coisa: pediu aos críticos que não noticiassem a chegada do filme, nem a sessão especial, nem nada.

A Laranja Mecânica conta a história de um marginal que sofre uma lavagem cerebral do chamado sistema. Inteiro o filme provocou a indignação de um venerando crítico paulista, que saiu da sessão com esta: "é mais um sinal da conjuração comuno-capitalista". E como Kubrick lança mão de praticamente todas as técnicas de filmagem - câmara lenta, câmara rápida closes de aproximação até distorcer as figuras, travellings - o mesmo crítico qualificou o filme de "uma vitrina da avenida Paulista: tem um pouco de tudo".

Foi isso também que provocou o assombro de outro crítico: "Laranja Mecânica" está destinada a influenciar diretores - jovens ou não - pelo menos durante esta década. O virtuosismo de Kubrick é tão grande que ele chega a tornar uma cena (a da tentativa de suicídio de Alex, na casa do escritor), lançando a câmara do alto do edifício, dando com isso a impressão de uma queda terrificante".

Outro acha que o mais importante no filme é a crítica que Kubrick faz da cultura contemporânea que forma todo o décor do filme, da mesma maneira como a tecnologia formou o décor de "2001: Uma Odisseia no Espaço". Dá como exemplo a cena em que Alex, o personagem central, mata lady-Cat com um falo-escultura monstruoso.

Alex demonstra que a arte não tem moral nem compromisso. Ela serve para tudo, para salvar ou para matar. Da mesma maneira, as cadeiras da leiteria onde ele e sua turma vão tomar leite drogado reflete o mesmo mito de uma época de arte sem moral. Este é o ambiente do mundo "marginal". Terminado esse mundo, com a prisão de Alex, desaparecem esses símbolos, embora permaneçam outros vestígios da civilização industrial: o acrílico, os móveis de vidro ou de plástico, os cenários arrojados, de uma arquitetura do futuro.

"Porralouca" é a tradução aproximada de Clockwork Orange, título do livro de Anthony Burgess, e que em gíria Cokney quer dizer desajustado, agressivo e desequilibrado, que odeia as instituições e os seres e os agride, inclusive fisicamente, mas por razões puramente psicológicas, sem nenhuma politização nem ideologia", segundo o tradutor do livro.

2050

Quem vai morrer até o ano 2050

Eu. Meus filhos todinhos. Meu pai. Idem minha mãe. Meus avós que restam. O presidente da República. Charles Chaplin. 270 milhões de brasileiros, todos os maiores artistas vivos que você conhece, sem contar você.

Vai morrer o Papa algumas vezes, vão morrer milhões de fiéis, a Sophia Loren vai morrer, também o Dr. C. M. Nixon, a Golda, o Gato Barbieri, o Grande Otelo, o Nelson Rodrigues, a Elke Maravilha, o Gil. Todos os ministros de Estado vão morrer, na França. E vários imperadores ainda porventura existentes.

1 bilhão e meio de chineses
280 milhões de franceses
430 milhões de americanos
11 milhões de uruguaios
48 milhões de argentinos, (inclusive Perón)
1 bilhão e 200 mil indus
Enfim, trata-se de genocídios.
Vão morrer: (faça a sua listinha particular; bom divertimento).

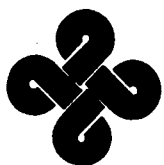
VITAL BATTAGLIA

CITIZENS COMMITTEE TO IMPEACH NIXON
18523 GAULT STREET, RESEDA, CALIF. 91335
J. MANNING, CHAIRMAN, A. MEIER TREAS.

Tem gente que gosta de falar mal da escuridão. Nós preferimos acender uma vela.

Nunca se falou tanto sobre Educação no Brasil. Principalmente sobre o ensino universitário, muito tem-se dito (e feito) neste País. O programa educacional do Governo aí está, sendo executado com a energia que o problema exige. Multiplicou-se o número de vagas nos cursos superiores, houve uma sensível melhoria nos níveis dos corpos docentes, criaram-se novos cursos e novas oportunidades de trabalho. Mas a escuridão, nesse campo, era muito grande para que se pudesse acabar com ela de uma só vez. Modestamente, temos a declarar

que nossa contribuição foi dada. Nós acendemos uma vela, alguns anos atrás, aqui em Mogi das Cruzes. E essa pequena vela, graças a um trabalho sério e consciencioso, ao invés de consumir-se e apagar, continuou acesa, crescendo e multiplicando-se em muitas outras. Hoje, elas têm a força de um farol, iluminando em muitas direções e ajudando a diminuir cada vez mais o que restou da escuridão. Nós, da Federação das Faculdades Braz Cubas de Mogi das Cruzes, estamos felizes por termos acendido aquela vela.



FEDERAÇÃO DAS FACULDADES BRAZ CUBAS DE MOGI DAS CRUZES

ARQUITETURA E URBANISMO - ENGENHARIA OPERACIONAL
DIREITO - CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

TRATTORIA ITÁLIA

Massas, cabritos, coelhos,
risotos, filés, frangos,
ambiente italianíssimo.

TRATTORIA ITÁLIA a única

Rua Turiaçu, 792
Perdizes I 62-1228

Armazenho
de João Ruivo & filho
os melhores
secos e molhados do Canindé.
Rua Afonso Arinos nº 91

traga este anúncio
e ganhe 10% de desconto

Zaccharias
MAGAZINE

Rua Bráulio Gomes nº 107
loja 2
(atrás da Biblioteca)



A PRIMEIRA LAVANDERIA SELF-SERVICE DO BRASIL

EM POUCOS MINUTOS
VOCÊ MESMO LAVA, SECA
E PASSA 4KG. DE ROUPA
POR CR\$ 11,00

AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1400
AV. NOVE DE JULHO 1297 (SP)

AUDITÓRIO AUGUSTA



R. Augusta, 943 - Reservas: 257-7575
amplo estacionamento ao lado.

AKAI
Sansui

EX-SOM

RUA PEIXOTO GOMIDE nº 1078 - tel.: 287 3027

aparelhos que fazem só a sua cabeça andar

RIVELINO IMPLORA UM MILAGRE: CORINTIANS CAMPEÃO OUTRA VEZ



Leia na
página 3

ENCARTE
ESPECIAL
DO EX

jornal do
COMETA

São Paulo, dezembro de 1973 ANO 1 — Nº 2

PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

TODO MUNDO

LOUCO: FESTA DO EMBALO!

Leia na
página 3

**FAZIA
STRIP-TEASE
NO CINEMA**

**HOMOSSEXUAL
TEM VERGONHA
DA FAMÍLIA!**



Leia na página 3

**VIGARISTA PRESO QUANDO
PASSAVA "CONTO DO PACO"**



**AMERICANO VENDE
PASSAGENS PARA
O DISCO VOADOR**

Leia na página 3

**CIENTISTA
ACHA JC
O MELHOR!**

**KOHOUTEK
VOMITOU
NO MAR!**

Leia na página 2



Débora Piter achou graça quando perguntarem, se ela sabia que o Kohoutek ia dar uma volta por trás do sol e ficar mostrando a cauda, invertida. "Grande coisa — disse ela — só não fiz isso até agora porque não pediram". Débora esta no Bel Ami, fazendo strip-tease todos os dias.

**Faxineira apavorada:
é a vontade de Deus!**

Leia na página 3

POLICIA NÃO ACABA TROTOIR NO CEMITÉRIO

Leia na
página 2

Falou: a boca era dos espíritos

— Os espíritos de outros níveis, que vivem ao lado do Mestre, falam pela minha boca. E são eles que anunciam: o cometa que vem vindo aí é o caminhão de lixo do Universo. Ele tem a missão de higienizar a Terra.

A declaração é de Salomão Dahar, árabe, 51 anos, há mais de 45 anos vivendo no Brasil, casado, pai de três filhos, vendedor e espiritualista. Salomão fica com os olhos fixos e sua boca parece independente de sua vontade, quando ele começa a falar sobre as coisas do outro mundo que acontecerão na Terra.

— Cada 6.666 anos, somos visitados por um astro que vem higienizar a Terra como aconteceu no tempo do Dilúvio, no tempo da Arca de Noé. E agora já faz 6.666 anos que isso aconteceu. Por isso, o cometa Kohoutek está completando o seu ciclo e vem para a Terra para levar daqui os espíritos que não estão preparados para permanecer en-

tre nós no Terceiro Milênio. Ele vai funcionar na Terra como um caminhão de lixo, tirando daqui todos os detritos.

Guerra Mundial

Salomão, que já viveu em Barretos, de onde foi obrigado a sair há três anos por causa de problemas criados com as visões que tinha, afirma que a passagem do cometa desencadeará a Terceira Guerra Mundial:

— O Kohoutek vai fazer a sucção dos maus espíritos. Por isso, a consequência será a Terceira Guerra Mundial. Uma guerra de grandes proporções que vai atingir o mundo todo. Uma guerra que já está prevista no Apocalipse. E será nesta guerra que as pessoas serão levadas.

O começo da Terceira Guerra Mundial, segundo os espíritos que falam pela boca de Salomão, mas que ele consegue identificar, já tem data marcada:

VIGARISTA PASSAVA CONTO DO PACO

QUANDO SAÍ DE CASA JÁ SABIA QUE IA SER PRESO

O cometa Kohoutek não teve nada a ver com a minha prisão. Estou preso por consequências da vida, coisas que acontecem alheias a nós — declarou Leo Koch, 42 anos, casado, preso

em flagrante pelos policiais do 4º Distrito Policial Paulista quando se preparava para aplicar o conto do paco em um incauto. Leo afirmou que Deus manda um cometa sempre para fazer o bem, nunca o mal.

— Quando eu saí de casa no dia da minha prisão, já sabia que ia ser preso. Eu sentia isso. E o cometa não poderia fazer nada. Eu já trabalhei em grandes firmas durante muitos anos. Mas aí minha vida começou a complicar, a faltar dinheiro, e então me juntei com mais dois amigos para ver se conseguíamos algum dinheiro a mais. Não fui feliz.

Leo Koch, o vigarista preso no 4º Distrito, sabe muito a respeito de cometas e mostra certo grau de instrução. Disse ele:

— Já vai fazer uns cinco meses que ouvi falar no cometa Kohoutek. Mas eu já sabia de outros cometas. Como o de Halley, por exemplo. Ele apareceu no céu e, no dia seguinte de noite, surgiu uma grande cruz de sangue. Logo depois estourou a primeira Grande Guerra Mundial. Li que o Kohoutek vai passar a 110 mil quilômetros da terra. Se ele passasse mais perto, ia tudo pro beleléu, porque tudo é um problema de ventos.

Leo Koch, entretanto, considera que, mesmo das coisas ruins, é possível retirar bons resultados:

— Os cientistas estão estudando, observando o cometa. E podem descobrir uma física ou química qualquer, para acabar com esta doença que está destruindo a humanidade, o câncer.

Instado pela reportagem a pronunciar-se sobre por que aplicava o conto do paco, o vigarista afirmou:

— Eu escolhi o conto do paco, porque sei que o cara só cai se for pior do que a gente que está dando o golpe. Sabe como é? A gente pede pro cara levar um pacote num endereço, porque a gente tem de viajar logo e não tem tempo. Aí, mostra-se o pacote pro trouxa: uma nota de 10, 50 ou 100 em cima, e o resto papel cortado retinho, parecendo um maço de notas. Aí o cara topa levar o pacote, já pensando em ficar com ele. Então a gente pede uma garantia, um dinheiro qualquer, que o cara tenha no bolso e que a gente devolve quando o cara voltar com o recibo da entrega. O paco é assim. O cara que toma o golpe é mais safado do que a gente que aplica.

— A guerra vai começar em 1975, quando o cometa estará mais próximo da Terra. Vai durar muitos anos, envolver todos os países do mundo e só vai terminar quando todo o lixo tiver desaparecido. Enfrentaremos situações terríveis e a humanidade passará por uma dura prova.

Disco Voador

Salomão cita o Evangelho para dizer como tudo acontecerá:

— Os justos herdarão a Terra. Não haverá mais egoísmo, vaidade, preconceito. A Humanidade viverá como uma só família e todos se entenderão.

Haverá a separação do joio do trigo e depois o Mestre voltará com todos os outros seres que está preparando em outros níveis, para tomar conta da Terra. O Mestre virá acompanhado de toda sua corte, em naves espaciais. Os discos voadores estão aí anunciando o que vai acontecer.

Trotóir no cemitério!

A Polícia paulista vem desenvolvendo verdadeira "blitz", para acabar com o trotóir na avenida Consolação, principalmente o que se desenvolve nas vizinhanças do cemitério da Consolação. Apesar das inúmeras detenções muitas mulheres já foram presas e soltas mais de cinquenta vezes — a prática continua ofendendo o decoro das famílias que residem nas vizinhanças ou que por ali transitam.

Maria — 25 anos de idade, 40 detenções; e Helena — 15 anos 47 detenções, estavam irritadas quando a reportagem do JC as abordou na porta do cemitério da Consolação, vizinhanças da rua coronel Euzébio: é que elas tinham acabado de escapar de mais uma prisão. Em palestra com o repórter, elas se lamentavam porque o muro do cemitério é muito alto, razão pela qual não havia possibilidade de ser escalado quando das batidas policiais.

As mulheres "de vida fácil" afirmaram que as batidas — ou "arrastão" — na localidade são quase diárias. E as mulheres surpreendidas na prática de trotóir são encaminhadas

para as delegacias ou plantões policiais, sendo despojadas de todo o dinheiro que portam. Inquiridas pela reportagem sobre a próxima passagem do cometa Kohoutek, manifestaram-se inicialmente surpresas. Posteriormente travaram o seguinte diálogo:

— Isso é cascata, Maria. Ele está com grupo pra não pagar...
— Deixa o rapaz falar, Helena.
— É sobre o cometa que está aí.
— A viação Cometa?
— Não. Cometa é um negócio que brilha assim lá em cima (Maria abre e fecha a mão).
— Vem da Lua?
— Acho que é de mais longe.

As garotas conversavam, e o repórter estava ao lado observando e anotando, enquanto os motoristas dos carros que passavam faziam piadas do tipo "compra um carro que elas saem contigo". Finalmente, depois de alguns minutos, Maria, a mais afável, impacientou-se:

— Vamos embora, Helena, que esse cara quer é encher o saco.

Khoutek vomitou

O descobridor de cometas, cientista Lubos Kohoutek, cansado de sua viagem a bordo do navio "Queen Elizabeth", afirmou que não viajaria mais em navios. Kohoutek, que embarcou a bordo do navio a convite das autoridades norte-americanas, passou dois dias no mar tentando ver a olho nu o cometa que havia fotografado enquanto trabalhava no Observatório de Hamburgo, na Alemanha Ocidental. Juntamente com o astrônomo, embarcaram no navio: George Halley, descendente do astrônomo Edmund Halley, que deu nome ao célebre cometa de Halley em 1910; o cientista e escritor de ficção

científica Isaac Asimov (autor de "Eu, Robô"); professores universitários; turistas; e dezenas de astrônomos amadores. O preço da passagem para os 1.693 passageiros variou de 130 a 295 dólares.

Mas a viagem foi uma decepção do começo ao fim. O cometa não apareceu nenhuma vez — choveu durante todo o tempo que durou a viagem; e Kohoutek enjoou o tempo todo, passando a maior parte do tempo em sua cabine, vomitando. Por isso, ao embarcar para o Chile, onde ia tentar observar novamente o cometa que descobriu, Kohoutek preferiu o avião.

AMERICANO VENDEU A VIAGEM NO DISCO FALSO

Em Wisconsin, nos Estados Unidos, o chefe da Igreja do Mistério Infinito, Edward Ben Elson, anunciou que está vendendo passagens para sua nave intergaláctica, a 10 dólares por pessoa. A nave, que ninguém viu ainda mas que ele diz ser muito parecida com um disco voador, partirá no dia 24 de dezembro último. Entretanto, como para escapar da lei, Ben Elson já dizia que não dava "nenhuma garantia de que a nave iria partir". Não aconteceu nada com ele, e o disco voador não subiu.

Ben Elson conseguiu vender várias passagens, principalmente aos integrantes da seita do Mistério Infinito, porque seu chefe afirmava que era preciso partir da terra antes que os gases do cometa Kohoutek inflammassem as reservas de petróleo da terra e trouxessem a morte para a maior parte da humanidade.

Neste mês de janeiro, quando o cometa Kohoutek for visível a olho nu depois do por do sol, o planetário Hayden, de Nova York, planejou um happening sofisticado: o "vôo do co-

meta". Serão seis dias a bordo de um Boeing-747, fretado especialmente para a ocasião. A viagem inclui paradas nos observatórios da Califórnia e Arizona, e lá os participantes dos vôos ceiarão à luz de candelabros, ouvindo conferências. No céu, o Kohoutek. Preço da passagem: 1.750 dólares por cabeça.

CIENTISTA ACHA QUE JC É O MELHOR

Depois de examinar o número 1 do Jornal do Cometa, suplemento do Jornal EX, o professor Ronaldo Mourão, diretor do Conservatório Nacional do Rio de Janeiro, elogiou efusivamente a sua seriedade científica. Disse o professor que as informações e alternativas de interpretação apresentadas pelo JC eram extremamente ricas de dados. Finalmente, comparando-o com publicações similares, afirmou que era das melhores que tinha visto nos últimos tempos.

PELÊ VAI JOGAR NA ALEMANHA

O astrólogo paulista professor Rudi afirma que o ano de 1974 — ano do cometa Kohoutek — será tão bom para o Brasil que até existe a possibilidade de sairmos campeões da Copa do Mundo outra vez. Ele, que é diretor do Instituto Brasileiro de Astrologia, no largo 7 de Setembro, 52, 3º andar, ao lado de sua esposa, professora Nalva, diz que Pelé voltará a jogar na seleção e disputará o tetracampeonato pela equipe brasileira na Alemanha.

— Pelé, depois de muito solitado e regateado, chegará a ir e jogar, mas não será o mesmo. Pensem nisso.

O professor Rudi disse que ainda não completou os estudos numéricos de 1974, o ano do Kohoutek, mas que é possível adiantar previsões a respeito de alguns artistas:

— Elis Regina, de Peixes, será muito favorecida no correr de 1974, com o ressurgimento de sua reintegração ao público brasileiro e uma grande consagração no exterior; Luiz Américo, de Leão, vai ser um dos cantores de mais sucesso e criatividade, consagrando-se no panorama nacional; Chico Antisio, de Carneiro, será muito favorecido por Saturno — fará o coração e a cabeça de... ossegar com a possibilidade de amor, muito amor; principalmente depois do seu aniversário.

Falando sobre o cometa Kohoutek, o professor Rudi, ao lado de sua esposa, professora Nalva, anunciou que ele marcará a passagem de uma nova era, pois sua passagem se dará na abertura da era de Aquário.

— Na era de Aquário o homem vai colocar a cabeça no lugar e começar a pensar em si e no próximo. Será uma era de paz, amor e compreensão, e pouco a pouco, entre os povos, se disseminará a ideia de Cristo de que "somos todos irmãos".

O diretor do Instituto Brasileiro de Astrologia afirma que o Kohoutek, para os astrólogos, "é mais uma fase cadente e mutável na carta celeste, sem grande significado no sideral para influenciar nas casas do Zodíaco".

— Apesar disso, as pessoas que nasceram sob sua influência, isto é, as crianças que irão nascer sob o signo de Capricórnio em 1973, todos os nativos de Aquário em 74 e parte dos nativos de Peixes, terão Kohoutek em suas vidas. O cometa marcará suas vidas, pois eles serão os homens e mulheres do futuro.

Eva Wilma e o fim do macho

— Estou com medo que o Kohoutek liquide de uma vez com a potencialidade masculina — um processo que já começou há algum tempo — e que se instaure no mundo a viadagem total — declarou a atriz Eva Wilma, a Raquel da novela "Mulheres de Areia", que a TV-Tupi apresenta diariamente.

Eva que se recupera de um acidente automobilístico na via Anchieta, estava gravando um dos últimos capítulos de sua novela, e prestou declarações à reportagem no intervalo de seu trabalho. Realmente preocupada, ela argumentou com alguns fatos, para comprovar seus temores:

Vejam a moda unisex e o movimento de libertação feminina, que já está descaracterizando os homens e que podem levar os homens do mundo todo a ignorar totalmente as mulheres.

E concluiu:

— Só desejo que, se isso acontecer realmente, se salve o meu marido John Herbert.

FESTA DO EMBALO DEIXA TODO MUNDO MUITO LOUCO

PM FICA COM MEDO: É TRÂNSITO

— Acho muito difícil o cometa aparecer; mas se ele vier, só tenho medo do que vai acontecer no trânsito. Todo mundo vai querer ficar parado olhando pra cima, e aí o congestionamento vai ser ainda maior.

A declaração é do cabo Paula, do Serviço de Trânsito de São Paulo. Depois de informar à reportagem do JC que o surgimento do Kohoutek tem sido discutido pelos integrantes de sua companhia de motocicletas, ele faz um apelo aos motoristas e transeuntes:

— Quando o cometa vier, procurem um lugar adequado, fora das ruas principais; encostem os veículos, e só depois fiquem observando.

O cabo Paula — um dos 200 novos motociclistas, colocados nas ruas para tentar melhorar o trânsito — acha que o aparecimento de cometas é o anúncio de coisas malélicas. E argumenta com a grande chuva que caiu sobre São Paulo no último dia 20, que causou grandes prejuízos, matando várias pessoas:

— Chuva como essa fazia anos que não caía em São Paulo. Esses trovões, relâmpagos e aquela água. Isto só pode ser coisa do cometa!

Denúncia em Salvador BARBADO AGORA ESTA FALANDO QUE NEM MULHER

Salvador (JC-ESPECIAL) — Estão circulando em Salvador vários trabalhos de trovadores baianos a respeito do cometa Kohoutek. Um dos que mais sucesso vem fazendo, entre os que apreciam o gênero, é o trabalho do autor Rodolfo Coelho Cavalcante, sob o título "E a Terra Brilhará Outra Vez". O livro de cordel foi posto à venda ao preço de CR\$ 1,00 e o posto principal é a Banca de Postal do sr. Durval, na parte alta do Elevador Lacerda, na capital baiana.

Recomendação

Os livros de cordel do sr. Rodolfo Coelho Cavalcante são recomendados pelos eminentes historiador e especialista em folclore baiano, Odorico Tavares. No trabalho sobre a vida do cometa Kohoutek, o trovador baiano ressalta, no início, que "há muita gente assombrada / com a nova previsão / do cometa Kohoutek / que surgirá na amplidão". E mais adiante:

"Cada vez que um cometa / No infinito aparece / O povo fica abismado / Dizendo: o mundo perece... / Porém isto é pecado / Que traz o povo assustado / Ao castigo que merece.

"No século Vinte não há / Lugar para superstição / Acredito que o Cometa / Seja a anunciação / Para um novo nascimento / De um ser no firmamento / Com especial missão".

Referindo-se aos temores que o surgimento do cometa provoca, escreve o trovador Rodolfo Coelho Cavalcante:

"O medo é quem faz o bicho / Do tamanho que se quer. / Eu já vejo o homem barbado / Falando como mulher / Cabra que se diz corajoso / Já anda todo medroso / Quando o cometa vier".

E finaliza fazendo um apelo a todo o povo:

"Vamos olhar para o alto / Porque Deus está presente! / O Cometa glorioso / Nada tem de deprimente / Que uma era não distante / Ilumine o Cavalcante / E o Brasil com sua gente".

RIO - (Especial) — Uma guarnição completa de soldados da Polícia Militar da Guanabara, foi chamada ao bando de hippies, artistas e astrônomos amadores promovia verdadeira festa de embalo em homenagem ao cometa Kohoutek. Apesar da intensa algazarra que os participantes da festa promoviam, os policiais não puderam deter ninguém, uma vez que não se constatou nenhuma irregularidade. Os soldados da PM ficaram no local até o amanhecer, apreciando as verdadeiras loucuras que os artistas promoviam.

A festa desenrolou-se numa noite

bastante quente e as pessoas estavam muito doidas. Primeiramente apareceram vários artistas plásticos, carregando bandeiras coloridas cujo único símbolo era um cometa pintado de vermelho. Deitados no chão, moças e rapazes barbudos ficavam olhando para o céu através de binóculos de papelão, enquanto os mais velhos agitavam as bandeiras, gritando para o cometa Kohoutek:

— Apareça! apareça!

O cometa não apareceu nenhuma vez. Isso não impediu, porém, que toda vez que passava um avião pelo local, todo mundo se levantasse gritan-

do e aplaudindo.

Já no final da festa, um enorme papagaio de papel, de quase um metro de comprimento — que não conseguia subir até aquela hora por falta de vento, finalmente foi empinado por alguns participantes da festa. Marta Alencar, poetiza, uma das organizadoras da festa, teve que explicar aos policiais porque toda aquela confusão, gritarias. Mas, depois de alguns minutos, os ânimos serenaram e a festa prosseguiu com Marta atirando papéis picados na cabeça dos soldados e dos repórteres presentes aos acontecimentos, até 7 horas da manhã.

AVISARAM: SERÁ O FIM DE NIXON

Vários jovens brasileiros, cuja idade variam de 20 a 25 anos, procuraram o professor Ronaldo Rogério Mourão, diretor do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, para anunciar o fim do presidente Richard Nixon, dos Estados Unidos. Os jovens pertencem à seita mística "Filhos de Deus", fundada nos Estados Unidos pelo norte-americano Moisés David, pseudônimo de David Berg, de 54 anos de idade. Em contato com o professor Ronaldo, os jovens mostraram uma série de cartas que receberam do líder Moisés David, afirmando:

— Deus vai destruir a Nínive moderna, a moderna Babilônia, e o seu rei King Richard, o último.

Para os "Filhos de Deus", Nínive, Babilônia, são os Estados, King Richard, o presidente Nixon.

O professor Ronaldo Rogério Mourão, em contato com a reportagem, explicou que como vivemos numa época mística, e numa época de expectativa, as pessoas que estão infelizes na Terra ficam esperando sinais dos céus. E aduziu:

— Uma coisa são os astros, outra são os homens. O Kohoutek é apenas um dos trezentos cometas que passaram pela terra desde a passagem do grande Halley, que vai voltar em 1986. Os problemas dos homens nascem fundamentalmente com o egoísmo e só morrerão quando o homem deixar de ser egoísta.

Os jovens da seita "Filhos de Deus", a quem o professor Mourão repetiu as mesmas coisas, no entanto, acham que ele não quer dizer a verdade sobre o "Monstro do Natal", porque está comprometido com o sistema, argumentado:

— O "Monstro" vai causar mudanças incríveis na Terra, apesar dos cientistas do sistema não explicarem sua significação aos povos. Mudanças incríveis; não sei bem quais, mas incríveis!

O professor Mourão, porém, já tem opinião firmada sobre o assunto:

— É muito fácil esperar que um cometa mude e vire a Terra num planeta habitável. O difícil é a própria humanidade dar essa virada.

Travesti tem vergonha

A rua Aurora continua sendo o centro dos invertidos sexuais, embora eles também frequentem a avenida São João e imediações. A reportagem do JC, na porta do cine-strip-show na rua Aurora, entrevistou Roberto, no momento em que acabava de se apresentar e saía em direção de sua residência.

— Esse cometa é como tantos outros que já passaram: o de Halley, etc. E sempre que eles passam surgem comentários sui-generis, esse sensacionalismo que a imprensa registra diuturnamente. Para mim é apenas uma estrela cadente, nada mais.

— A respeito de os cometas serem o anúncio de acontecimentos funestos, Roberto afirmou:

— Isso é bobagem. Pura bobagem. Se por acaso o cometa de Halley anunciou em 1910 a primeira guerra mundial, anunciou também a descoberta da penicilina, não é?

Outra boneca, que não quis declarar o nome, também prestou declarações à reportagem na esquina da avenida São João com Ipiranga. Instado pelo repórter, a boneca foi logo se desculpando:

— Não vai poder ser, meu bem. Já estou acompanhada.

Depois das explicações de que desejávamos, ficou afobado:

— Como? Sobre esse cometa que vai passar? Não sei de nada. Sabe? Não sou uma pessoa muito estudada. Ai, meu Deus! Essas fotografias! O que é que a minha família vai pensar

se ver? Sabe, eu sou de São Vicente, mas não escrevo no jornal não, por favor! Faz só duas semanas que estou aqui em São Paulo, procurando emprego. Vou trabalhar de bailarina na televisão. E com licença, estou atrasada.

HIPPIE: PERIGO

Os hippies estão numa nova onda: ir olhar o céu na praia. Centenas de cabeludos e barbudos, com suas roupas esfarrapadas e levando suas barracas de lona e sacos de dormir nas costas, estão se dirigindo para o litoral de São Paulo e de outros Estados, a fim de aguardar a chegada do cometa Kohoutek.

Eles utilizam os mais diversos meios de transporte, mas o mais comum é pedir carona nas estradas. Por isso, as autoridades policiais estão advertindo-os, principalmente se houver moças nos grupos, para que tenham cuidado e observem bem, antes de entrar num veículo ao pedir carona. A polícia teme que se repitam novamente os ataques de motoristas, principalmente às moças que acompanham os hippies.

FAXINEIRA APAVORADA: É A VONTADE DE DEUS

Maria Francisca de Souza, 37 anos de idade, faxineira na estação rodoviária de São Paulo, confessou à reportagem do JC que está apavorada:

— Eu não posso dizer nem que sim nem que não. Tudo isso é coisa de Deus e ninguém pode garantir o que vai acontecer. A única coisa que se sabe é que o cometa vai aparecer no céu.

Instada pela reportagem, a faxineira disse que a chegada do cometa Kohoutek a fazia lembrar-se de quando era criança e morava no interior de São Paulo:

— Eu tinha 8 anos de ida-

de e vimos uma estrela com uma cauda bastante comprida. Ela passou três dias no céu e depois desapareceu. A gente ficou um pouco apavorada porque tinha visto aquela coisa — quando a gente é criança fica com medo — e minha mãe dizia que o mundo ia acabar. Mas nada disso aconteceu.

Maria Francisca de Souza, entretanto, não se tranquiliza e espera a chegada do cometa para ver o que vai acontecer:

— O jornal e a televisão já deram. Ele vai aparecer. O que vai acontecer depois, não sei...

REI MATA CRIANÇA

Os cometas — do grego *komete* (cabelos longos) — têm sido objeto de terror, reverência e medo através da história. E os antigos tinham uma desculpa mais do que legítima para suas fantasias: ninguém sabia de onde vinham os cometas e para onde iam depois que desapareciam de vista.

De acordo com algumas interpretações bíblicas, um cometa brilhante apareceu sobre a Judéia por volta do ano 7 antes de Cristo. Os oráculos disseram ao rei Herodes que a "estrela de cabelos longos" anunciava o nascimento de um menino que estava destinado a ofuscar o próprio monarca. Foi para evitar essa ameaça à sua supremacia que Herodes desencadeou uma onda de infanticídios em toda a Judéia, e da qual fugiram José e Maria, emigrando para o Egito.

Milagre: Corinthians campeão mais uma vez!

— Acredito muito em Deus, pois o importante é ter fé. Respeito macumba, pois cada um tem sua crença. Mas Deus está acima de tudo. Se for para o Corinthians ser campeão outra vez, imploro que o cometa venha e seja bacana. Mas que não acabe com o mundo.

As declarações são do "reizinho" do Parque, Roberto Rivelino, falando à reportagem do JC, com exclusividade. Em seu apartamento moderno, e cercado

por seus passarinhos, Rivelino afirmou que sabia pouco de cometas: "nas horas vagas faço só o que gosto: cuidar dos meus passarinhos".

— Mas já ouvi falar alguma coisa do Kohoutek. Se ele vier, espero que faça o Corinthians campeão mais uma vez — já faz 20 anos que não tiramos um campeonato. Quero que o cometa seja enorme, que é pro mundo ter paz.

Informado pela reportagem

de que o cometa Halley passou em 1910 pela Terra, Rivelino surpreendeu-se:

— Em 1910 o Corinthians foi fundado. Quem sabe este novo faça da gente campeão outra vez.

O pai de Rivelino, que estava na casa do filho preparando-se para comemorar as festas de fim de ano, afirmou ser a pessoa menos indicada para falar sobre cometas, pois nunca estudou astronomia.

— Mas acho que é uma estrela

cadente, não é? Acho, entretanto, que a melhor higiene mental é o esporte, e não ficar perdendo tempo com cometas, notícias de guerra e política. É melhor ficar longe de coisas ruins.

A mulher de Rivelino, Maísa, também quis dar sua opinião:

— Acredito muito em cometas, embora eu ache que não vai dar para ver a olho nu. O surgimento dele já estava previsto numa profecia de Nostradamus pra este século.

EVA WILMA ESTÁ COM MEDO: HOMEM MACHO PODE ACABAR!

Leia na
página 2



ENCARTE
ESPECIAL
DO EX

Journal do
COMETA

São Paulo, dezembro de 1973 ANO 1 — Nº 2

PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

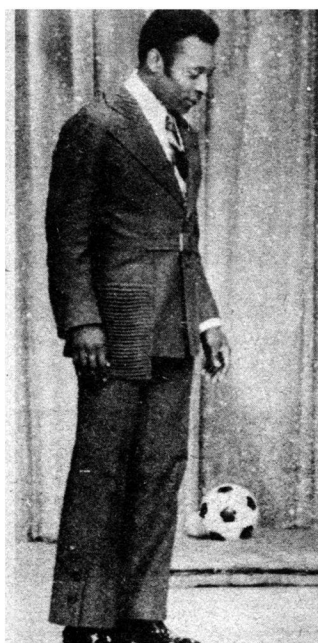
**FILHOS DE DEUS:
O FIM DE NIXON**

Leia na página 3



VOZ DE ESPIRITOS NA BOCA DO ARABE!

PELÉ VOLTA À SELEÇÃO E JOGA NA ALEMANHA EM 74



Leia na página 2

CABO DA PM TEM MEDO DO TRANSITO



Leia na página 3



Leia na página 2

Rei cometeu infanticídio

Leia na página 3

Polícia avisa hippies: cuidado com motoristas

Leia na página 3

Trovador
baiano
denuncia:

BARBADO FALANDO QUE NEM MULHER!

Leia na página 3

EL LOCO

Jamais teria entendido, se alguém houvesse tentado explicar-me antes do tempo; na realidade, virei torcedor das corridas muito antes de entender por quê, e foi melhor assim. Nestes dias, quando a geração mais jovem é chamada silenciosa, um intelectual norte-americano de vanguarda tem ao seu alcance poucas experiências capazes de destruir seu sentimento das categorias intelectuais próprias. Não gostei das primeiras corridas que vi, a formalidade do ritual me cansava, as lides pareciam (e eram) pobres e me parecia atroz o conteúdo do espetáculo. Os matadores narcisistas, vaidosos em seus movimentos, irritados como uma garota que não saiu sábado à noite, cada vez que a multidão os exige, são torpes para abater as feras, e o público comporta-se com brutalidade com o toureiro. Na Plaza México, os índios que ocupam os assentos mais baratos compram cerveja em copos de papel e, uma vez bebida, como os banheiros estão a vários quilômetros, mijam no copo e o derramam em uma cascata de ouro humano. O estadunidense que acompanhe uma dama de cabelos loiros e que tenha assentos ao sol deve comprar-lhe na entrada um *sombrero* barato, pois do contrário será um flagrante ponto de atenção. Mais vale não se sentar perto de um americano que acompanha uma loira descoberta, porque a pontaria de um índio bêbado não é melhor que a da gente em iguais condições. Não deve surpreender então que os primeiros desgostos diante de uma corrida se vejam fortalecidos pela cerveja dos rins astecas.

Os membros de uma minoria estão sempre dispostos a absorver castigos e para mim era condenador excluir-me de mais um culto. Persisti vendo corridas, portanto, até que na terceira ou quarta me juntei a essa religião. Foi uma tarde de vento com pancadas de chuva; o toureiro, cujo nome não consigo recordar, era um infeliz, de contextura magra, pernas de arame, peito demasiadamente grande, nádegas amplas e estúpidas, bunda de camponês, o rosto vulgar e um dente de ouro na boca. Trabalhava um touro feio que não parava de golpear a *muleta* com os chifres; de vez em quando, o touro lhe tirava a muleta, fazia-a flutuar no ar, pisoteava-a, como se perguntando se era um objeto morto ou vivo; cheirava o próprio sangue — ou o de algum parente seu — no sangue da muleta e a multidão ululava, enquanto o toureiro corria até a *barreira* e voltava com uma nova muleta. O animal renovava as chifradas, o vento fendia a muleta, o matador disparava pela segunda vez até a barreira, entre os assovios da multidão e as torrentes de urina que caíam como arco-íris através da chuva, lá das tribunas populares, enquanto as prostitutas faziam ruídos grosseiros com suas bocas arruinadas, os *aficionados* revolteavam os olhos e o soar do riso mexicano, essa trabalhosa definição do eco de um absoluto descontentamento, sacudia-se no meio dos espectadores como uma geleia.

Olhei para o toureiro, centro do pan-

demônio: era impossível sentir alguma coisa por ele; tinha cara de alcagueta infeliz e uma tonta e completa vaidade. Estava humilhado por algo pior que a humilhação, como se sua vida estivesse para entrar em um momento de pânico. Estava em apuros: a morte que ia dar matéria também certas esperanças de sua psique; essa morte seria mais definitiva que de costume. Eu contemplava a desolação de um homem profundamente medíocre.

Por fim, desistiu de dominar o touro e o trabalhou com tiradas de muleta, à esquerda e à direita, uma técnica mais competente que bonita; mesmo para meus olhos inexperientes, era um mecânico. Novos assovios e desesperos da multidão pelo vaidoso e ineficaz alcagueta. Desembainhou a espada, afundou-a até a metade, o animal deu uns passos para um lado e outro, e logo desabou.

A arte de matar é a última especialidade que se aprende a julgar na tauromaquia, e a morte daquela tarde chuvosa me deixou menos impressionado que à multidão. Seus assovios foram substituídos por aplausos — depois soube que o público sempre ovaciona as mortes por feridas no pulmão —, e os gestos de aprovação continuaram o tempo suficiente para que o toureiro desse a volta na arena. Não obtive nenhuma orelha — não merecia — mas teve seu passeio e estava feliz; havia algo atraente em sua felicidade. Percebi então que eu experimentava uma série de emoções interessantes; depois de haver sentido desprezo por esse estranho, e até um segredo e nada socialista desejo de ver ainda mais humilhado o indivíduo que detestava, fui lentamente conquistado por seu sucesso dos minutos posteriores, e terminei tomado de carinho por esse homem que não considerava humano. A torpe corrida embaixo de chuva lançou uma gota de humanidade em meu coração seco; agora sabia um pouco mais e tinha algo em que pensar que não se enquadrava em uma só categoria.

Visitei o México sempre no verão, e o verão é a *temporada de novillos*, quando se celebram as *novilladas*; em síntese, a época dos toureiros bisonhos.

O autor deste prólogo é hoje, sem dúvida, um fervoroso amante da tourada; por uma grande corrida deixaria qualquer outro espetáculo atlético ou religioso: as séries nacionais de baseball, um campeonato de futebol americano, uma missa em São Pedro e talvez um combate pelo título mundial dos pesados, o que é dizer muito. Mas não há amor comparável ao das quatro da tarde na Plaza México; no entanto, os grandes matadores vi sempre em festivais e trabalhando touros pequenos em favor de obras de caridade. A novillada é, depois de tudo, o tempo dos *novilleros*, e um *novillero* é um toureiro equivalente ao pugilista que participa de um torneio Luvas de Ouro. Um *novillero* muito bom é como um bom finalista do Luvas de Ouro. Os Sugar Ray Robinson e os Rocky Mariano do mundo da tourada só foram permitidos ver, quando abandonavam seus retiros para oferecer o

equivalente a uma exibição de dois rounds rápidos. Meu amor pelas corridas e minha experiência delas como espectador foram fundadas, portanto, na contemplação de novilleros, semana a semana, em dois verões que passei na Cidade do México.

Pois bem: quando já sabia bastante sobre corridas — ou, pelo menos, quando sabia tudo o que se pode saber depois de ver apenas novilleros, semana após semana —, me fiz devoto de um toureiro a quem, me apresso dizer, nunca fui apresentado. Conhecê-lo pessoalmente teria deteriorado a pureza de minha admiração. Chamava-se — nem um entre mil de vocês, queridos leitores, pode ter ouvido falar dele — El Loco. Não é um apelido afetuosos no México, onde metade da população é insana. El Loco era do interior, um camponês de Deus; seu verdadeiro nome: Amado Ramírez. Muitas vezes pensei que Amado Ramírez se transformaria no maior toureiro do mundo; certos críticos da Cidade do México, velhos torcedores, compartilhavam da mesma opinião (embora não em letras de forma). Apareceu num verão, doze anos atrás, como um foguete, e girou em círculos sobre o universo da tourada mexicana, durante o verão e o outono.

Chegou à Cidade do México no verão de 1954, durante o final da primeira parte da novillada. Se bem me lembro, foi nos domingos em que há seis touros para seis estreantes. (Mais tarde, quando os melhores novilleros são escolhidos, há seis touros para três matadores, ou seja, duas chances para cada um.) Eu não estava no México quando Ramírez teve seu primeiro domingo, mas desde que pus o pé na cidade, meus amigos taurófilos não me falaram de outra coisa. Tinha saído para tourear no sexto lugar de um dia terrível, em que todos os novilleros atuaram lamentavelmente. Ao se apresentar, Ramírez não só foi o último como também o pior; desempenhou-se com tamanha mediocridade que os espectadores ovacionaram para zombar dele. Não há maior demonstração de descontentamento, entre os taurófilos mexicanos, que aplaudir quando não é o caso. No entanto, Ramírez se inclinou várias vezes, solenemente, para agradecer; fez tantas reverências que quase não teve tempo de tourear e demorou demais para desfazer-se do touro. Nova ovação e volta em torno da arena. Um engenhoso o batizou: "Olé, El Loco". É que quando a multidão se enfurece com a incompetência é capaz de incendiar o estádio.

El Loco foi a sensação da semana: um palhaço toureara na Plaza México, e saíra vivo. Os promotores o inscreveram para o domingo seguinte, como uma atração extra: não o consideravam digno de aparecer na lista normal. Pela primeira vez nessa temporada, se esgotaram os lugares da Plaza México; era também a primeira corrida de meu segundo verão ali.

Seis jovens novilleros trabalharam seis touros medíocres e ofereceram seis medíocres combates. A multidão começou a

impacientar-se: se a corrida é ruim, não há catarse. Gastara dinheiro, a bebida terminava, e ainda faltava aquele golpe de luz, aquele momento ideal para incendiar os condutos de gás espiritual por onde escapam os horrores da semana. A violência crescia e, com ela, o desdém por todos os toureiros. Os espectadores mexicanos desencantados parecem com essas esquinas do Harlem depois que a Polícia levou presos os cinco maiores da zona.

Por fim, saiu El Loco, toureiro número sete e especial. Foi uma verdadeira aparição: corpo enxuto, rosto feio, olhos pequenos, nariz grande, boca diminuta, negríssimo cabelo de índio com um topete na parte de trás da cabeça, que parecia a ponta de uma antena. As pernas fracas estavam dobradas nos joelhos como se ele caminhasse com uma mala na mão. As nádegas eram cômicas e sobressaíam como as penas da cauda de um pato. O traje não lhe caía bem, e ele parecia um enxerto de Ray Bolger e Charles Chaplin. No entanto, demonstrava auto-suficiência e até se permitiu uma volta à arena antes de soltar o animal, como prêmio a seu trabalho da semana anterior. El Loco estava solene; tinha a cerimoniosidade extravagante e sombria de um prefeito de cidade do interior recebendo aos altos funcionários do Governo. Colocou os joelhos para diante e as nádegas para trás; o público se agitou uma e outra vez, houve aplausos entre brisas de sorrisos, além de uma tempestade de peidoretas semelhantes ao coxar das rãs.

Amado foi em busca do touro. Deu o primeiro passe a um metro do animal e o segundo a dois; no terceiro passe, a capa se enganchou nos chifres do touro, e El Loco disparou para a barreira com saltos de canguru. Uma tormenta de vaias se aproximava, mas El Loco estendeu o braço como se admoestasse o público — os dedos separados, a palma para baixo —, um tímido gesto camponês de desaprovção, como quem diz: "Esperem que ainda não viram nada." Novos ruídos nas tribunas e regresso de Amado ao centro da arena. Errou um passe, saiu-se mal de uma simples *verónica*: vaias, gargalhadas; até os policiais riam. *Qué payaso!*

O passe seguinte, conhecido por muito poucos dentro das touradas, é de sumo perigo e de muito conteúdo formal (numa visão fugaz, parecia que se inclinava para beijar a mão de uma dama, a capa sobre as costas, enquanto o touro marchava bufando em direção à desprotegida bunda). Se bem me lembro, chama-se *gallicina*, e ninguém o tinha visto nos últimos cinco anos. Consiste em que o toureiro gire como uma *serpentina* ao contrário, de modo que a capa lhe envolve o corpo; o ritmo do movimento faz com que o animal se aproxime quando o toureiro lhe dá as costas e não pode ver seus chifres. Os giros continuaram e também o vôo da capa. Amado capengou no começo e, uma vez terminado o passe, retirou a capa. Apesar de tudo, houve um instante de luz, um instante paradisíaco — o mais belo que me coube ver numa corrida —: de imedia-

to, num suspiro de alívio e tortura, uma sedenta garganta mexicana que estava perto de mim lançou com certa incredulidade um "Olé". El Loco repetiu várias vezes o passe; na segunda vez, mil pessoas gritaram "Olé", e na terceira explodiu a praça e cinquenta mil homens e mulheres fizeram coro com a saudação. Amado desembarcou-se da capa, alegre e cansado como o violino de um cigano.

Depois voltou a comédia. Tentou uma dezena de passes extravagantes sem nenhum sucesso: eram disparatados, solenes, cortes, e dava pena vê-lo ali, com o vulto de sua bunda e suas pernas nodosas. A multidão ria com lágrimas nos olhos. Amado parecia absurdo com a muleta, como um passageiro que está para perder o trem e corre com sua mala. Demorou longo tempo para *descabellar* (matar de um golpe) o touro, e manteve-se de pé junto dele como uma velha falando com um cachorro que late. Mas aos espectadores nada mais importava: riram, aplaudiram, concederam-lhe uma volta à arena. É que algo havia acontecido naqueles três passes, algo que ninguém compreendia; como se eu tivesse batido Cassius Clay em vinte segundos de boxe. Só cabia uma explicação: a ingerência divina. Portanto, El Loco voltou para duas apresentações no domingo seguinte.

Não teve sorte e matou o segundo antes do terceiro aviso. Em uma temporada boa, sua carreira já teria terminado, mas aquela foi uma triste temporada. Após um par de semanas de corridas miseráveis, convidaram El Loco novamente. Esteve fatal com o primeiro touro; o rosto verde, comportou-se com timidez, foi desajeitado com a capa, moroso, e abominavelmente prudente com a muleta. Descabelló tão mal que ainda não havia terminado quando soou o terceiro aviso, e o touro continuava vivo. Um frio silêncio do público, assovios. A multidão tinha despendido a rir com Amado, mas começava a cansar-se da brincadeira.

Foi diferente com o segundo touro. Amado retomou as impecáveis *gallicinas* e os chifres se detiveram a quinze centímetros de suas costas. Olé. Colocou ele mesmo as banderillas, embora tenha errado tanto que precisou escapar do touro após o segundo par, como uma galinha. Voltou a zombaria; o público parecia um leão que hesita entre devorar algumas vísceras ou lambe o rosto. Logo, com a muleta, fez uma atraente série de *derechazos*, os melhores de toda a temporada, e ante o assombro geral matou o animal com a primeira estocada. Deram-lhe uma orelha: *erz o triunfador* do dia.

Aquela tarde confirmou o início de uma carreira. Logo, a maioria das corridas se perdem na memória porque foram muitas, porque houve incidentes em todas e porque aconteceram anos atrás. Ao longo do verão de 1954, Amado toureou quase todas as semanas, e todas as semanas ocorreu algo que fez cambalear a compreensão dos mais veteranos entendidos. Depois do primeiro triunfo, eles declararam que se tratava de um novillero medíocre, sem nenhuma qualidade especial, salvo um misterioso instinto para as *gallicinas* e certa competência para os *derechazos*. Além do mais, era fraco com a muleta e carente de inspiração com a capa. Daí que na semana seguinte a estes comentários, Amado deu um show de muleta: realizou quatro *pases de pecho* tão perto do touro e tão luminosos — um passe é luminoso quando o corpo parece elevar-se com o respirar —, que os chifres do animal roçaram seu coração. Em outra parte, colocou melhores *derechazos* que na semana anterior e terminou com uma série de *manoletinas*, para matar com per-

feição e receber duas orelhas. Mas o segundo touro terminou vivo: um *fracasso*.

Então, os críticos disseram que prometia com a muleta e era ainda um fracasso com a capa: não podia fazer uma verônica de primeira. Pois nos domingos seguintes realizou cinco lentas, luminosas e altíssimas verônicas, jamais vistas.

Então, durante três semanas seguidas alternou um touro morto com um vivo. O toureiro não deve deixar que o animal sobreviva ao terceiro aviso; em realidade, se não foi antes do primeiro aviso, o toureiro cai em desgraça; dois avisos são como o bater fúnebre do sino de um asilo, e o toureiro que precisa deixar vivo seu touro após o terceiro aviso é um candidato ao haraquiri. Não há cena mais horrível. Entre o primeiro e o segundo aviso correm de três a cinco minutos, e nesse lapso a morte se transforma numa caça de javali. O toureiro tenta duas, três, quatro, cinco e ainda mais vezes introduzir sua espada por cima dos chifres, e a espada choca com um osso ou fica afundada até a metade em lugares lamentáveis como as costas ou o flanco; ou a estocada foi excelente mas o animal não morre e os minutos passam à espera de sua morte e os peões chegam com suas capas e tratam de retirar a espada envolvendo em trapos o pomo e dando um cru repêllo latino (nada tão cru como um peão em apuros). Às vezes chutam o touro na cabeça, na esperança de que caia e o público grita. Às vezes o touro se ajoelha e o *puntillero* se apressa em cortar-lhe o pescoço com um golpe de adaga, mas a punhalada não é certa e não fere a medula espinhal; pelo contrário, o golpe a estimula e o touro agonizante se levanta e percorre a arena em busca de sua querência, enquanto o sangue lhe sai em jorros pelas feridas e o toureiro, quase a ponto de chorar, trota junto dele como um grangeiro com sua mula. Então, soa o terceiro aviso. Estes quadros são um pesadelo para o matador; terá sonhos onde fere e volta a ferir o touro, o qual não se derruba enquanto continua recebendo mais golpes na cabeça. Confio em que vocês o entendam. Um animal que salva a vida porque o toureiro não foi capaz de matá-lo no tempo previsto é uma visão quase tão sangrenta e atraente como uma vítima que escapa do automóvel destruído e rola pela estrada; e o matador é quase tão popular como quem causou o acidente. O toureiro comum só pode permitir-se uma vez por ano ultrapassar os três avisos; El Loco fazia-o uma vez por semana, o que dá uma idéia de sua qualidade, pois é como se perdoassem a um pugilista profissional que, no meio da luta, abandonasse o ringue sem lutar.

Durante determinado período, as críticas a El Loco se solidificaram. Tinha rasgos brilhantes, matava de vez em quando com inspiração, seu talento era enorme, mas lhe faltava o ingrediente indispensável em todo matador: não sabia como tirar proveito de um touro ruim, faltava-lhe tenacidade. Por tanto, Ramírez criou a mais estranha *faena* de que se tem memória, um estilo que conseguiu comover as regras da tauromaquia. Um domingo em que lhe coube um animal da pior espécie, trabalhou com os métodos mais obtusos, técnicos e antiestéticos, incitando-o a torto e a direito, indo sem parar à querência do touro, durante longo tempo, apesar da desaprovção do público. El Loco, sem prestar atenção às tribunas, continuou seu trabalho até conseguir que o animal viesse a campo e lhe permitisse fazer alguns passes eficientes. Soou nesse momento o primeiro aviso e todo o mundo se pôs a grunhir; mas Amado tinha a fera em boa forma e não ia deixá-la ir sem mais nem menos; então, com o sabor da derrota em

cada segundo, fez *derechazos* e o passe de muleta semelhante à *gaonera* e um ou dois *adornos* deliberados. Segundo aviso: Amado lançou-se para matar mas fracassou, apesar do quê seguiu imperturbável e reconquistou a multidão com uma série de *naturales*, e vinte segundos antes do último aviso, com a praça feita um pandemônio, assestou uma perfeita estocada e o touro se moveu brandamente e com dignidade, para morrer uns dez segundos depois do terceiro aviso. Mas ninguém pôde escutar a corneta, porque a multidão delirava e era um mar de lenços brancos. Amado sorria, uma atitude que despertava ternura, por que seu rosto de campônês irradiava então essa decente felicidade das crianças. Um minuto depois os espectadores quase se amotinaram contra o jurado, que não concedera nem a cauda nem uma ou duas orelhas — como poderia, se o touro morreu após o terceiro aviso? —; não obstante, a tensão de terminar a corrida no tempo previsto, atribuiu à tourada uma qualidade histórica, pois abundou em novas emoções. E o público dos touros adora as novas emoções numa medida só igualada pelas mulheres desejosas de novos prazeres.

O recorde de triunfos de Amado se tornou tão previsível como qualquer recorde de vitórias desde os Césares; falemos agora de seus fiascos. Amado era simplesmente diferente de qualquer outro toureiro; suas grandes corridas, seus grandes passes, diferiam dos que realizam outros bons novilleros; os passes de El Loco foram os melhores que se pôde ver: dava a impressão de se estar olhando o céu e que, de repente, ali, se materializasse um pássaro, que desaparecia em seguida. Suas atuações suscitaram o espanto: simples, líricas, luminosas, brotavam sabese lá de onde, e se diluíam no momento. Mas quando El Loco desempenhava mal, não era medíocre nem bobó, e sim o pior, o mais inepto e mais cômico toureiro do mundo. Parecia carente de uma técnica em que apoiar-se: usava a capa como se fosse uma mortalha, as pernas dobravam-se nos joelhos, a bunda não pensava se não em fugir, a expressão era morosa como a de Fernandé, e os pés não faziam se não dar pulos. Digamos, um pregador ajoelhado para rezar. E quando o medo o dominava, tinha uma incapacidade enervante para matar, tão desesperante que ao enfrentar o animal todos sabiam que não ia aproximar-se dele. No entanto, em suas atuações altaneiras o corpo se enrijava, tomava essa curvatura dos aristocratas espenhóis de lei, as nádegas regressavam à posição normal em uma obra-prima do equilíbrio e capa e muleta se moviam lentamente como velas, ou se agitavam em remoinho como as asas daquele misterioso pássaro. Dava a impressão de que El Loco sintetizava todos os cômicos mexicanos em cujos poros alenta-se a mais fina graça da Espanha.

Quero contar-lhes agora a melhor corrida de Amado. Foi após a metade daquele maravilhoso verão em que todas as semanas vivíamos uma aventura na Plaza México.

Foi na vez em que lhe coube um animal pequeno e doce, com formosos chifres, de agradáveis formas, que trotava com alegria, até com abandono. Devo interromper meu relato, para uma explicação imperativa, porque é essencial discutir as atitudes da torcida para com o *natural*. Para o *aficionado*, o passe natural é aquilo que nem todos os atletas podem realizar apesar de sua excelência; em tourada, chama-se natural a um passe de extremo risco, talvez o mais arriscado. O pano da muleta, sem a espada, é seguro com a esquerda; e o estoque com a direita; o bran-

co da muleta que se apresenta ao touro é a metade do normal, e o corpo do toureiro é portanto maior e mais cheio de curiosidade para a fera. Ao mesmo tempo, o touro, a esta altura da peleja, se pôs mais sensato, e pode suspeitar que é o homem que o atormenta e não o sinistro e giratório caos de panos onde ele se esconde. Além do mais — e aqui reside a mística do natural — o toureiro está em comunhão psíquica com o touro, é claro. Quem não é psíquico não concebe a tourada. O toureiro começa a tourear a partir da mente; com a muleta, que leva na direita, toureia numa posição de autoridade. Tomar o pano com a esquerda não só expõe seu corpo como também sua psique; sente menos autoridade, ainda que em compensação seu instinto funcione mais perto do animal. Um natural leva o público a prender a respiração, porque o perigo e a beleza se unem então.

E Amado escolheu os *naturales* para lidar com aquele touro. Não havia recorrido muito a estes passes durante a temporada, e o último refúgio de seus inimigos foi garantir que não lhe saíam bem. Aquele domingo decidiu provar o contrário.

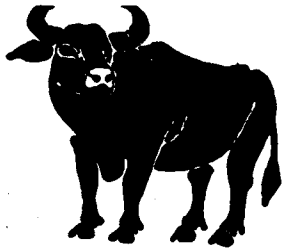
Começou sua *faina* sem passes exploratórios, sem *pases de muerte* nem *derechazos*; foi até o touro e realizou cinco *naturales* — admiráveis, ligados entre si —, após o quê a praça explodiu, porque: aonde podia chegar Amado depois disso? Mas ele voltou até o doce tourinho e fez outros cinco *naturales*, tão excelentes como os anteriores, e outros cinco mais sem mover-se do lugar — foram soberbos — e logo enrolou sua muleta até deixá-la do tamanho desta página e assim realizou outros cinco passes, enquanto os chifres roçavam sua munheca esquerda. Homem e touro pareciam amar-se. Logo após estes vinte *naturales*, El Loco fez cinco mais já quase sem muleta; cinco séries de cinco *naturales*, vinte-e-cinco *naturales* — não é mais fácil que fazer o amor vinte-e-cinco vezes seguidas —, depois do quê se ajoelhou e beijou o touro na frente, com toda felicidade, e logo levantou-se delicadamente para ir até a barreira em busca de sua espada e voltou pronto para a hora de matar. A gente estava como se sentado em cima dum foguete: se conseguisse matar na primeira estocada, seria a maior tourada jamais realizada por um novillero. Quem sabe, tudo parecia incrível. O touro atacou prematuramente, e Amado, disposto a não ceder, manteve-se em seu lugar, aceitou o ataque, fez girar a cabeça do touro com a muleta e o animal se cravou a ponta da lâmina, que entrou no exato espaço entre os ombros; o touro caminhou para a morte, deu uns passos, lançou a cabeça para o céu e caiu por terra. Amado tinha matado *recibiendo*: um passe que ninguém realizara em muitos anos. Nesse dia lhe deram tudo, as orelhas, a cauda, *vueltas* sem limite; até o touro lhe teriam entregado.

Terminou o verão numa explosão de títulos. Amado teve outras grandes corridas; numa tarde toureou seis touros, e até ganhou a *alternativa* para passar a matador profissional. Mas era mexicano até os tutanos: os títulos transformaram-se em desastres. Não estive presente no dia dos seis touros — já voltara a meu país e nunca mais tornei a vê-lo; só soube dele por cartas e pelos jornais de tourada —, mas me contaram que nenhum deles se deparou com uma boa corrida sua; e no dia da *alternativa*, seus dois touros ficaram vivos, uma desgraça total, mesmo para Amado. Toureou um sétimo; a magia cigana podia tê-lo salvo novamente, mas o animal era enorme e bruto; El Loco não teve sorte nem magia e sua corrida termi-

nou em chanchada — sem dúvida temia os touros grandes —, depois do quê renunciou à sua chance e regressou ao interior para recuperar a fama e os nervos. Ninguém soube nada dele, ou pelo menos eu não soube dele pois não voltei ao México. Hoje, acho que sou um dos poucos que recordam a felicidade de vê-lo tourear. Era tão mau quando atuava mal que a gente tinha a impressão de poder tourear sem fazê-lo pior que ele; e quando toureava bem, a gente se sentia tão bom como ele: nenhum outro toureiro conseguiu comunicar-me essa sensação, pois quando são bons parecem impenetráveis, são como deuses; em troca, quando Amado trabalhava bem, toda a humanidade trabalhava bem. El Loco representava a distância vasta que pode percorrer um homem desde a sua pior qualidade até a melhor, e isso talvez seja a medula da tourada. Nas obscuras terras tropicais onde imperam a pobreza, o deserto, a lama, a imundície, a traição, o desalinho e os obesos lagartos da cobiça — a excretória cobiça de derramar nosso veneno sobre os demais —, só pode manter vivo o doce nervo da existência, o conhecimento de que o indivíduo não pode ser julgado por aquilo que é a cada dia mas por seu grande momento, porque é aí que demonstra o que é. É um enfoque romântico, autocompassivo para com as disputas do século vinte pela ética previsível, a grande produção, a confiabilidade das funções e a categorização do impulso. Mas assim é o enfoque latino:

seu compromisso é para com o gênio do sangue, por ele julga o homem pelo que é em seu melhor momento.

É de acordo com esta lógica que sempre admirarei El Loco, pois ele me ensinou a amar as corridas e como penetrar alguns de seus segredos. Também me ensinou algo sobre o mistério da forma, deu-me a chave para saber que a forma é o registro de uma guerra. Nunca teve a habilidade — que possuem muitos artistas, muitos toureiros — de falsificar sua arte, de bom gosto, ainda que fraudulenta. Também me ensinou algo sobre a vida com cada um de seus passes, inclusive o paradoxo de que podemos encontrar valentia em homens cujo conflito oscila entre a ambição e a covardia. Até me ensinou como descobrir formas em outros lugares. Vêem a curva de um seio formoso? Não é necessariamente um presente divino; pode ser o registro que a vida marcou numa mulher, do equilíbrio de forças entre seu desejo, sua modéstia, sua ambição, sua timidez, sua maternidade e seu sentimento de um impulso que não pode ser negado. Se fossemos sábios, audazes e estudiosos da cabeça aos pés, poderíamos extrair a verdadeira história da Europa, da forma elucidada entre o homem e o animal que nos recordam as corridas de touros. Na realidade, onde é que existe um escritor ou um amante que ignore o que acontece por trás do pano onde nascem as formas? Olé, Amado!



Baixa Sociedade

PERCIVAL DE SOUZA

SE HOUVESSE O TÍTULO MULHER DE VISÃO, 1973 JÁ TINHA DONA

Ascensão?

A "pantera" Laura agora está atacando também na indústria. Laura — quem não conhece a dona do La Li na noite paulistana? — é a quente da Kitchen, aquela fábrica de móveis de aço para cozinha. Dizem que a Laura tá faturando mais na Kitchen que suas "panterinhas" no La Li. Quem me contou eu não digo, porque como diz o Ibrahim Sued, em sociedade tudo se sabe. E em baixa sociedade mais de um é multidão.

Advertência aos leões

Só esperamos que madame, que fez aquela recauchutagem facial, adote métodos mais delicados na Indústria diurna que na noturna. Um coleguinha que escreveu sobre o La Li tomou o maior estorço na Boca. Ele baixou no Michel para tomar um *fajuto* e na saída encontrou duas *cobras-criadas*.

Os leões de chácara levaram o moço pra uma quebrada do Bexiga e meteram-lhe a *sola* (prá quem não sabe, *sola* é navalha) no escrache. O moço ficou com o mapa do inferno na cara só porque alguém não gostou do que ele escreveu do La Li.

A esses leõesinhos, eu advirto: corta essa de vídeo-tape pra cima do degas. Pensem 3 vezes, pelo menos, porque se vierem dar uma de sombra, não vão gostar do meu estilo: vacilou, boto *tocha* pra voar, encho as empadas de *azeitona* da boa. De leve.

Filosofia

Uma frase ... de leve: malandro é o gato, que rouba carne e não vai pra cadeia.

Desordem na Ordem

Um considerado da Ordem dos Advogados, seção SP, está preparando um listão de fiascos de bacharéis metidos a doutores. Outro dia, fazendo exame, um desses alunos de fim-de-semana ouviu a pergunta: o que é casamento putativo? O solerte coçou a cabeça, pensou um pouco e lascou esta, de arrepiar: "é aquele em que o sujeito se casa com uma prostituta!"

Mas pior foi a jovem tida como de sólida formação, fazendo o mesmo exame. Um doutor da banca examinadora quis saber o que era crime. A jovem cerrou os dentes, com ares de repugnância, e disse: "é uma coisa horrível." Stop

Duelo

No melhor estilo de Django, um *majura* e um *tira* de saias se defrontaram, na sala do distrito em que ele era o bom. A curriola sabia que havia uma transa cupidófila entre os dois. Mas o motivo do que houve dentro daquela sala, a portas fechadas, ninguém sabe, exatamente. O que se sabe é que houve uma discussão, e masculino e feminino da lei decidiram verificar rapidamente quem sacava do berro primeiro. Sacou ele, e a moça levou um *arrebite* à altura do ombro, precisando ser removida com certa urgência para o hospital da classe. Agora, o majura está na Nasa, isto é, voando — em disponibilidade. E terá de puxar uma corda, a menos que provem que não foi nada disso, ou seja: o tiro saiu por acidente, uma dessas desgraças que podem acontecer a qualquer um. Cola? Não cola? Os *capas-pretas* é que vão decidir.

Hê, hê, fumacê

Ali no prédio do império do seu Frias, na Barão de Limeira, houve uma lança de estarrecer: um escriba do pasquim sanguinolento foi acusado de ser adepto da canabis-sativa. Ao crepúsculo de um dia, abotoaram o cara na entrada, subiram com ele até a redação do banco de sangue, onde abriram a gaveta de uma mesa, ali encontrando um bocado da erva tida como maldita. Uma mesa de uso comum, diga-se de passagem. Detalhe: foram os próprios caras do império que abotoaram o moço e levaram para o xilindró mais próximo, ou seja, o 3º DP. Lá, exigiram flagra e que o moço fosse para o hotel do seu Guedes, na avenida Cruzeiro do Sul.

Os próprios homens da lei ficaram perplexos com tanta dedo-duragem, sacanagem, pilantragem e outras *agens*. Claro que os *capas-pretas* logo viram que era *cobra-mandada* e relaxaram o flagra do moço. A treta pode até dar reverterium ... É, as coisas naquela fábrica de linguça da Barão estão cada vez piores ...

Pobre velho

O velho Joaquim deu a vida por uma firma que vende panos, dirigida por abdallas têxteis, e, 27 anos de trabalho depois, mandaram-no escafeder-se sem direito algum. O velho ficou lelé e, na madrugada, silenciou a esposa para sempre, com um teco. E, como os chefões da firma o haviam aconselhado, sarcasticamente, a procurar um causidico para cuidar de seus interesses, ele foi ao escritório apresentar seu advogado o *doutor Smith*. Só que o *doutor* era um *Smith Wesson*, calibre 32. Fritou dois diretores e foi enjaulado.

A acusação, no júri, disse que um dos diretores era gente fina, casado com uma senhora francesa, jamais faria esta sacanagem. E o advogado de defesa sacou esta: "pode ser casado com uma senhora francesa, mas furtou!" O velho pegou 6 anos de galera, o que representa uma verdadeira absolvição. Os abdallas da praça que se cubram: se a moda pega ... já viu, né?

Best-Seller

Mariel Moryscotte, o moço que está puxando uma cana, no Rio, por causa das broncas do Esquadrão, escrevendo-me (leiam a carta, nesta mesma edição) para sentar a pua no juiz e no promotor dos seus processos, e ao mesmo tempo avisar "aos leitores deste Estado" o lançamento do seu livro "Mariel, Ringo a Sangue Frio". Diz o Mariel que o livro "é um memorial (...)" que informará a esta sociedade que irá me julgar como cheguei a esta situação que me encontro". Falou, Mariel. Vamos ler a sua obra e, quando formos ao Rio, iremos bater um papo contigo. Lembranças ao pessoal da Invernada.

Bom 74

Pé de Chumbo filósofo conceituado da boca, a do lixo, está adoentado, sem poder sair de seu sobrado no bairro de Santa Teresinha. Pede para que transmitamos aos seus considerados, pela coluna, os votos de um feliz 74 para todos. Prá você também, *Pé de Chumbo*. Qualquer dia eu baixo na tua casa para te bater umas letras, meu considerado.

Bye bye

E agora demã, que eu vou em frente. Tenho um compromisso para ouvir harpa paraguaia no *Malibu*, ali na boca-do-lixo. Depois vou pro meu mocó. Onde, eu não digo. E aprendam mais essa: malandro não mora, se esconde.

"I am delighted that more people are going to hear the marvelous music of my friend Sivuca."

Harry Belafonte



"I love Sivuca ... as a musician ... as a man ... he is joy."

Oscar Brown, Jr.

"... a multi-talented musician from Bahia called Sivuca who looks like a chubby Rip Van Winkle and plays just about anything — guitar, piano, accordion and tambourine — with alternately poetical and fiery virtuosity."

Irving Lowens, *The Evening Star* Washington, June 1973

Critical acclaim for Sivuca on the recent Harry Belafonte tour ... "The incredible guitarist-accordionist Sivuca, who almost stole the show from his host ..."

Las Vegas Review, August 1973

"The pinnacle of the evening, however, was provided by a multi-talented gnome from Brazil named Sivuca. Discovered several years ago by Oscar Brown Jr., Sivuca is equally masterful on guitar, piano, and of all things, accordion, which he can make sound exactly like a flute. Late in the show, he got a chance to display his vocal talents, and the sight of this little, white-bearded man turning beet-red while belting out an incredible series of skat-sung songs was absolutely irresistible."

Eliot Wald, *Chicago Daily News* June 1973

VANGUARD
IS PLEASED TO ANNOUNCE
THE FIRST SOLO RECORDING
BY THE GREAT

SIVUCA

QUADRAPHONIC



Sivuca will be appearing at Art D'Lugoff's Village Gate, November 13th through 25th

Available at all King Karol stores,
all Sam Goody stores, and
all E. J. Korvette's stores.

VANGUARD RECORDS, 71 WEST 23rd STREET, NEW YORK, N.Y. 10010

Novo LP Produção: Macalé-ONU

O compositor Jards Macalé quer lançar, agora no início do ano, o LP-resultado do show por ele organizado no Rio, em comemoração ao 26º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, no último 10 de dezembro. O show, gravado ao vivo no Museu de Arte Moderna, foi feito em colaboração com o escritório da ONU na Guanabara.

Mais de duas mil pessoas assistiram ao show. Cantaram, entre outros, Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Jorge Mautner, Ion, Milton Nascimento, Macalé e Chico Buarque — que teve sua atuação prejudicada por uma falha no sistema de som. Tanto o organiza dor quanto os artistas que se apresentaram trabalharam gratuitamente.

No Nordeste, OMO virou comida

Omo resolveu vender mais no Nordeste. Antes de convencer a nordestina a trocar de vez o sabão em pedra pelo sabão em pó, mandou pra lá os homens de Marketing, para estudos do mercado. Ao mesmo tempo em que se desenvolveram as pesquisas, foram distribuídos pacotes de Omo em pó como brindes. Os brindes que iriam provar as patricias alagoanas, sergipanas, maranhenses, paraibanas, que com sabão em pó se lava realmente mais fácil. O resultado da promoção foi real: mulheres iam aos empórios e trocavam os pacotes de sabão em pó distribuídos, por comida.



MANO A MANO

Propaganda

O primeiro Mano a Mano seria um "pega" entre Gilberto Gil e Roberto Pereira, do Jornal da Tarde. Um gravador no meio, e os dois discutindo a partir de um tema sugerido pela redação do EX—. No caso do compositor e do jornalista, o "racha" deveria ser em torno do Futuro: Roberto Pereira é especialista em ciência e tecnologia, autor de diversos livros sobre o assunto, e Gilberto Gil, autor de inúmeras músicas, voltadas exatamente para o outro lado — o espiritual, sensitivo. O encontro entre os dois não deu certo porque no dia marcado, a queda de um avião da Vasp no aeroporto Santos Dumont, no Rio, fez com que Roberto Pereira fosse deslocado por seu jornal para a cobertura do desastre; e Gilberto Gil teve também um compromisso imprevisto, em Petrópolis.

Aqui, finalmente, o Mano a Mano aconteceu. A partir de uma afirmação do diretor de teatro José Celso Martinez Correia no jornal Monte Alegre — "os publicitários são os Filhos de Goebbels" —, pensamos encontrar um homem de propaganda que topasse a discussão. Otto Scherb, o primeiro procurado, aceitou o convite. E o encontro se deu na Escola Superior de Propaganda, da qual Otto é diretor, na pequena sala da diretoria, num clima cordial, apesar de divergente. A primeira pergunta é do EX—:

— Zé, você disse que todos os publicitários são "Filhos de Goebbels". O que é isso? Por que que é isso? O que envolve tudo isso?

Zé — É o seguinte: neste momento especial, minha forma de informação, o teatro, se encontra por baixo, oprimida, talvez a palavra exata seja desvalorizada. Ao passo que a propaganda que recebo é a grande forma aparente. Em qualquer parte que você esteja, é a forma de informação mais forte. No entanto, por eu fazer certo tipo de teatro, ela praticamente é o oposto de tudo em que acredito. Se o teatro, encarado em profundidade, tem a função de restabelecer o contato direto, de eliminar toda a nossa máscara, para saltarmos assim humanos, de corpo inteiro livres, a função da propaganda neste momento é a de mascarar o máximo. No regime a que serve, sua função é vender; o bom publicitário tem que cumprir esta função. E no momento em que faz isso, vende o produto e uma forma de encarar o ser humano, uma forma de cultura, de opressão, que é a forma da sociedade de consumo. É uma forma que me choca muito, acredito que a mim e a qualquer ser humano. Acho a propaganda uma coisa de uma agressividade muito grande e na configuração exata deste momento no Brasil, um país que depois de algum tempo está recebendo um grande fluxo de capitalismo, está se tornando uma potência média capitalista, dentro de um regime muito autoritário, a propaganda praticamente é a grande cultura do momento. É mais ou menos parecido com o que aconteceu na Alemanha no tempo de Goebbels, praticamente o homem que desenvolveu um tipo de propaganda em que a própria indústria privada e o próprio Estado compuseram um tipo de cultura. Mais primária do que a nossa, que é mais sofisticada, as coisas não são diretas, têm certa leveza, mas eu sinto o mesmo peso que sinto vendo as coisas de Goebbels. Inclusive Goebbels, acredito, foi o grande revolucionário da propaganda, o sujeito que idealizou a propaganda, que inventou o Dia das Mães, o Volkswagen, aquela sé-

rie de táticas destinadas a transformar o povo alemão, que se encontrava numa miséria muito grande. E ele conseguiu desviar toda a aspiração daquele povo, para que se encantasse com a guerra, com a conquista do mundo, com o mito da raça ariana, se encantasse enfim com uma série de coisas construídas pela propaganda. Como hoje, num país como o Brasil acontece de repente que num corte, da escala mais baixa à mais alta, todos queiram ascender nessa sociedade de consumo. A propaganda é muito eficaz, porque conhece o homem. Quem trabalha em propaganda, assim como quem trabalha em teatro, conhece o sexo, o estômago, as aspirações mais reais do ser humano. Por isso, neste estágio a propaganda é um instrumento de exploração violenta do ser humano. Aquele conhecimento, ao invés de ser usado para libertar o homem, é utilizado para fazer com que ele compre. E vende ilusões, vende a destruição de sua própria vida. Do jeito que invade a vida do homem, a propaganda é uma cultura de repressão, de mentira, e não pode trazer nada de positivo. Agora, não é que eu seja contra a informação em si! Assim como existiu Goebbels, existiu Maikóvski. Ele fazia cartazes de propaganda, era ótimo lay-out-man, mas era um trabalho diferente, feito para desencadear no homem todas as energias que existiam nele e que ele desconhecia. Ao passo que a propaganda hoje consegue desviar a energia do indivíduo para uma evasão, canalizar essa energia para comprar e, evidentemente, com isso, enriquecer todo o campo de consumo existente e fazer florir toda essa economia que do ponto de vista cultural é a geradora de uma sociedade das mais vazias, como aqui. No Brasil tudo tem a cara da propaganda. Novela tem a cara da propaganda, as próprias caras dos artistas de teatro que vão para TV-Globo, eles saem prontos para vender uma imagem careteada, uma máscara. É neste sentido que a propaganda me agride. Ela é uma redução do homem, uma coisa criminosa e só existente neste período que é o do fim desse sistema, a liquida-

ção de tudo. Chamei de Filhos de Goebbels os que fazem a propaganda, nesse sentido: os que fazem propaganda para servir a esta situação de hoje. É mais ou menos isso.

Otto — É. Aí o negócio não vai ser muito fácil. (dá risada). Você chama os publicitários de Filhos de Goebbels! Acho que com o mesmo direito poderíamos chamar os publicitários de Filhos do Papa Gregório, ou do Papa Urbano, que foram os dois Papas mais responsáveis pela chamada Comissão de Propaganda Fides; que a própria palavra propaganda nasceu no Vaticano. Não podemos atribuir ao mestre Goebbels qualquer responsabilidade por isso. Na realidade, foi Gregório quem instituiu uma comissão de cardeais para a propagação da fé cristã em diversos países. Foi assim que o nome nasceu. Portanto, desculpe, não estou sendo jocoso, apenas acho que essa identificação da propaganda com determinado regime político, especialmente esse que foi sem dúvida extremamente odioso, me parece um pouco injusta. À parte as origens da propaganda, outro aspecto que me parece extremamente importante, e aí vou abordar o problema não como publicitário, mas como economista, é a instrumentalidade da atividade publicitária. Sei lá, eu não quer ser chato e dar inúmeras definições e conceituações da palavra propaganda, mas vamos tentar uma pequena conceituação, pelo menos: é simplesmente o conjunto de técnicas e artes que visa, agindo sobre a psique do consumidor, dispor esse consumidor favoravelmente a determinados serviços, idéias ou mesmo pessoas. Então, veja: você entrou na análise ética da atividade. Quer dizer, a propaganda é boa ou má. Eu senti isso como substrato das suas observações. Aí eu fico um pouco preocupado. Porque veja, inicialmente neste capítulo das minhas observações eu faria a seguinte pergunta: a propaganda é a favor do leite? O consumo do leite, certamente, é socialmente bom. A propaganda a favor, por exemplo, do consumo da carne de segunda qualidade no Brasil, no momento, seria extremamente útil do ponto de vista social. Porque o que está acontecendo no Brasil é que todo mundo quer carne de primeira, mas existe carne de segunda em abundância. Estou dando esses exemplos específicos onde a propaganda pode desempenhar um papel social de certa relevância e utilidade. Obviamente, a propaganda feita em torno do cigarro, das bebidas alcoólicas, quer dizer, pode ser socialmente condenável. Tanto assim que grandes agências norte-americanas, até poucos anos atrás, se recusavam a aceitar contas — inclusive a J. Walter Thompson — de bebidas de álcool, com espírito puritano, protestante, calvinista. Quer dizer,

houve e há essa preocupação pelo utilidade social.

Zé — Não me refiro propriamente ao tipo de produto que a propaganda veicula, mas àquilo que o senhor falou sobre a intervenção na psique do indivíduo a ponto de induzi-lo a fazer coisas que normalmente não faria, uma espécie de magia negra.

Otto — O que eu quero caracterizar é o instrumental da propaganda a ser viço de um sistema sócio-econômico. Depois você começou a entrar em alguns aspectos ideológicos. Eu quero ser bastante específico: no Brasil, atualmente, se investe 1,2% da renda nacional bruta em propaganda; aproximadamente nos EUA, 3%; na Suécia, Alemanha Ocidental, Inglaterra, 2%. Eu gostaria de fazer a seguinte pergunta: você considera os EUA, a Suécia, a Alemanha Ocidental, países democráticos? Certamente concordaria comigo que sim. Pelo menos mais democráticos, embora eu considere essa colocação um pouco injusta, que a União Soviética, a Hungria, a checoslováquia, onde não existe propaganda. Entende? Então estou muito preocupado com os aspectos lógicos da colocação de uma coisa com relação a outra...

Zé — Eu não acho que no campo da propaganda os EUA sejam um país democrático. Acho que é totalitário.

Otto — Concordo com você um pouco. Bem, o que você considera um país democrático? Um país em que há livre expressão? Quer dizer, o presidente da República sendo pichado, tá nas iminências de ser impedido, você pode chegar em Manhattan e berrar que o presidente é um imbecil, coisas que em outros países você não pode fazer.

Zé — Mas eu tô dizendo, claro que os Direitos Humanos são democráticos, mas a propaganda não é. Sou obrigado a andar por São Paulo hoje em dia, ou por Nova Iorque, engolindo aquela propaganda toda.

Otto — Você me obriga a usar um argumento que gostaria de evitar, um pouco surrado mas nem por isso dispensável: acredito que já que os meios de divulgação, a televisão, o rádio, se sustentam de uma ou de duas fontes, ou seja, as fontes oficiais ou as particulares, a propaganda colocada dessa forma é um dos grandes sustentáculos de uma democracia do estilo ocidental.

Zé — Mas quê democracia? A dos grandes veículos de propaganda?

Otto — Os EUA não são uma democracia, na sua opinião?

Zé — Não que se refere a propaganda, não; no que se refere aos Direitos Humanos, sim.

Otto — Bem, eu defino a democracia pelo grau, um regime que oferece um elevado grau, um razoável grau de liberdade ao



Otto Hugo Scherb nasceu na Austria, onde começou como jornalista. No Brasil desde 1949, foi para a propaganda. Johnson & Johnson, 3M, J.W. Thompson, Proeme, Pfizer, Coty, Pond's. Hoje é diretor-superintendente da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo; leciona Veiculação na Escola de Comunicação e Artes da USP; e consultor de Propaganda da Enciclopédia Abril. Formado em Economia na "Alvares Penteado"; escreveu "Introdução à Teoria dos Números".

indivíduo, certo? Aí vamos entrar um pouco no problema ideológico. O conceito de democracia eu não confundo com o sistema pluripartidário. O fato de você ter 25 partidos não é necessariamente prova da existência da democracia. Mas o que eu quero dizer é que a propaganda a serviço da venda de idéias, de serviços, de produtos da iniciativa privada, faz com que esses órgãos de divulgação, jornais, etc., possam se manter independentes do poder oficial.

Zé — Mas eles caem no verdadeiro poder, na coisa mais anti-democrática que existe, que é o poder das grandes empresas. Só não existe democracia por isso.

Otto — Acho que o único problema entre nós dois ... Concordo, com muita coisa que você está dizendo. O que estamos analisando, o que você está colocando em jogo, é a validade do consumerismo, da consumo-society. Porque uma vez aceitando uma sociedade de consumo, você tem que aceitar a propaganda.

Zé — Claro!

Otto — Então a rejeição não é da atividade publicitária e sim do contexto a cujo serviço ela se encontra. Você não pode dizer que a propaganda é boa ou má sem fazer uma análise do próprio sistema. Agora, como publicitário e economista, me coloco do lado puramente formal. Quer dizer, dado um determinado contexto ...

Zé — Mas esse é que é o problema: o ser humano não é uma coisa formal; no entanto, está submetido só a coisas formais. O esforço incrível da humanidade, o esforço científico, para resolver os problemas todos que o homem tem, da cabeça aos pés, tudo é usado pela propaganda. Não sei como é possível o sujeito se informar a respeito do homem, saber de suas inclinações e usar aquilo para fazê-lo consumir ...

Otto — Mas sem isso a publicidade seria totalmente ineficiente. Eu tenho que conhecer as bases típicas do consumidor.

Zé — Mas isso é manipulação, não é democrático, é destrutivo, é uma coisa ...

Otto — Talvez seja uma questão de nomenclatura. Quer dizer, você tem um determinado sistema, numa sociedade que chama de capitalista. Eu chamo de sociedade de mercado livre, porque capitalismo hoje em dia tem uma conotação assim um pouco perigosa pela simples razão de que todas as sociedades modernas, de uma certa maneira, não deixam de ser capitalistas. Aí eu abria um parêntese. Veja: toda sociedade moderna precisa captar o excedente, quer dizer, aquilo que ela gerou dentro de um determinado período, além das suas necessidades; é aquilo que ela decidiu poupar. Nas sociedades socialistas as decisões sobre a pou-

pança, sobre o uso do excedente, são feitas centralmente. Nas sociedades chamadas capitalistas ...

Zé — Também ...

Otto — ... as decisões do uso são descentralizadas, cada vez menos, talvez.

Zé — São feitas pelas grandes corporações ...

Otto — Cada vez menos, embora eu não tenha uma opinião tão escatológica sobre os sistemas capitalistas como você, porque acho que todo sistema cria seus próprios antídotos. Você vê, a legislação norte-americana sobre os trustes é violentíssima. Essa manipulação não é tão natural e tão fácil. Eu diria que particularmente, já que estamos falando desses aspectos éticos, quer dizer, da agressão contra o ser humano, você tem dispositivos de defesa impressionantes. Você tem o instituto da defesa do consumidor, do qual se fala já há algum tempo no Brasil, você tem obrigação de se retratar publicamente se o seu anúncio disse alguma inverdade. Então, o que quero dizer, é que o próprio sistema criou algumas defesas que ...

Zé — Não seria uma forma de aperfeiçoar o sistema dentro do sistema? Nenhuma das formas que você citou mexe no fundo do problema. Ninguém julga se é moral ou imoral a propaganda? Humana ou desumana?

Otto — Vamos voltar 170 anos atrás, para a época da Revolução Industrial. Há uma relação circular inegável entre a produção e a propaganda. Você acredita — é uma pergunta honesta que faço — que o burguês, em termos absolutos e não relativos, esteja gozando de um nível de vida melhor ou pior que há 170 anos?

—Zé — Melhor, dentro dos padrões da sociedade de consumo, mas no nível de liberdade; não o de manipulação, decisão. O nível de auto-determinação era maior. O que a sociedade de consumo faz ... inclusive a estética da propaganda, é uma das coisas mais feias que a humanidade já produziu. O próprio luxo, a embalagem da classe média, é muito feia, porque é desvinculada da vida, tudo depende de uma coisa muito mecânica, onde existe uma hiper-distribuição de trabalho e as coisas todas são encomendadas a partir de um fator só, que é o fator de compra, e todo esse é um mundo que se encontra muito próximo do apodrecimento e muito distante da vida. O mundo está virando uma imensa lata de lixo, como a própria Europa Ocidental. Esse mundo que nós sabemos que é inviável. Tanto que existe um desespero, uma procura enorme — eu não acho que resolva — dessas religiões, como saída. Mas a coisa continua esquizofrênica, porque as pessoas vão para essas religiões e continuam vivendo dentro da sociedade de consumo. Mas quando o su-

jeito estoura, vai ao psiquiatra que é outra coisa muito ligada a esse mundo da propaganda. A psicanálise faz parte de tudo isso, a própria sociedade funde a cuca do indivíduo, depois enriquece um batalhão de psiquiatras pra consertar, ou então o sujeito se desespera e vai para a religião. Existe uma crise absoluta, e a propaganda torce exatamente a possibilidade de informar a verdade e transforma o conhecimento que tem do ser humano num instrumento de opressão.

Otto — Aí eu volto ao aspecto da instrumentalidade. Você não condenaria uma faca, que pode cortar queijo e pode matar. Se a coisa está a serviço de um sistema, qualquer opinião minha a respeito é impropriedade. É óbvio que o publicitário que recebe, dentro desse contexto, uma certa tarefa, vai procurar desempenhá-la da melhor forma possível. Você não o pode culpar.

Zé — O cara que bombardeia, vai bombardear da melhor maneira possível ...

Otto — Exatamente ...

Zé — Como o cara que vai ligar a câmara de gás vai ligar da melhor maneira possível ...

Otto — Quer dizer, a validade ética; acho uma coisa extremamente perigosa. Como é que você pode dizer isso, você conhece gente de propaganda ...

Zé — Ah, conheço muitos, depois, sou homem de teatro, observador ... Uma vez andei com um publicitário num bairro operário e ele andava apavorado, entramos num boteco pra tomar um cafezinho — e ele sabia karatê — e ficava se cotucando. Ele sabia o mal que fazia, ele conhece perfeitamente o que faz.

Otto — Comigo você pode andar tranquilamente ... sou um publicitário que está na ativa há 15 anos, estou na ativa na pesquisa de mercado, temos uma agência experimental, um centro de pesquisa aqui na Escola, aqui se procura apurar técnicas, para fazer cada vez melhor a propaganda. Fazer com que cada cruzeiro investido atinja o resultado maior. Se você aceita como unidade — usando o jargão publicitário — o seu público-alvo ...

Zé — O que quer dizer isso?

Otto — Público-alvo é o conjunto daqueles caras que eu quero atingir. Quero atingir, sei lá, mulheres entre 25 e 35 anos de idade, que moram em Santa Catarina, pertencem sócio-economicamente à classe A e B1, e têm determinado estilo de vida que eu posso inclusive quantificar. Então, identifico claramente o meu público-alvo e, digamos, tenho uma verba determinada, xis cruzeiros; vou querer que esses xis cruzeiros produzam o maior resultado possível. Aquilo que se chama "produção" do resultado. O produto seria, digamos, o queijo. Querem que elas comprem



Zé Celso Martinez Correia nasceu em Araraquara, São Paulo. Sempre fez teatro. Fundou o Teatro Oficina, onde montou peças de Gorki, Brecht, Oswald de Andrade, Chico Buarque de Holanda e Tchecov. Hoje prepara outra peça, de criação coletiva. Formado em Direito pela "São Francisco"; escreveu "Gracias, Señor".

o máximo possível desse queijo ...

Zé — E como é que vocês fazem as pessoas ...

Otto — Em primeiro lugar, você faz a pesquisa, o perfil desse consumidor. Você tem três coisas: o produto; os meios através dos quais comunica o produto aos consumidores; e o consumidor. Cada um tem o seu perfil. Então o que você faz é a adequação mais perfeita possível entre os três perfis, em termos razoavelmente técnicos. Esse é o processo de planejamento.

Zé — O mais grave é justamente quando você analisa uma determinada camada da população, sente uma aspiração que ela tenha e que muitas vezes, se desenvolvida, poderia fazer com que ela atingisse um objetivo que realmente precisa atingir, e você pega aquela aspiração e pá! manda queijo em cima. Negócio de publicidade que mais me grila é isso. Principalmente no tocante ao sexo. É uma coisa absurda.

Otto — Você acha que a indústria automobilística fez bem ao Brasil?

Zé — Acho péssimo.

Otto — Você acha que o Brasil deveria continuar importando automóvel? Ou devíamos andar a pé? Ou de bicicleta?

Zé — É que o pensamento todo está viciado, a gente só consegue pensar em termos de sociedade de consumo, carro ...

Otto — Pelo contrário. Acho que o seu pensamento está um pouco apaixonado.

Zé — Ah, ainda bem! Maravilha! Muito obrigado.

Otto — O meu é inteiramente frio! (rindo) É horrível isso ...

Zé — Mas o pensamento tem que ser apaixonado! E a vida está ficando gelada, horrível! Viemos pra cá, ficamos uma hora — uma hora — no trânsito! Meu Deus, pra quê, isso?

Otto — Eu acho bacana isso. Quer dizer, daqui a pouco vamos tomar cachaça ... Mas veja: não pense que a frieza que está sendo abordada seja resultado de uma completa insensibilidade em relação aos problemas que você está levantando. Uma coisa eu posso dizer. Nós procuramos, voltando ao caso do queijo, ensinar aos nossos alunos, pelo menos nesta Escola — que se considera muito honesta dentro do contexto em que estamos inseridos — que o publicitário não deve se incumbir de tarefas que considere eticamente rejeitáveis. Em outras palavras, se você está convicto de que o queijo faz mal, não pegue a "conta", como já fizemos; a campanha não deve ser feita. Porque a coisa mais burra que você pode fazer é divulgar mentira. Pois a propaganda é um fator de aceleração em termos econômicos, e com maior número de pessoas tento contato, em menos tempo, com o seu "abacaxi", o produto será enterrado em dois meses em vez de em um ano.

Propaganda

Zé — Bom, mas têm divulgado mentira pra chuchu, principalmente sobre amor, casamento, propriedade, férias — sobre tudo! Só vejo mentira na rua; tudo o que eu vejo na rua, eu leio ao contrário ...

Otto — Estou falando de coisas materiais. Se você diz que o automóvel anda a 140 e ele vai a 80, quer dizer, você não consegue ... fiz campanha de Volkswagen durante cinco anos, fui um dos responsáveis pela criação do slogan "O bom senso em automóvel"; um slogan que defenderia hoje com o mesmo ardor e convicção. Porque se existe um carro que é bom senso é aquele, quer dizer, pelo menos era ... talvez seja ainda hoje.

Zé — A coisa de Goebells ... Volkswagen, o carro do povo. Claro, foi ele que lançou. Na época em que o operariado alemão estava sendo submetido a muita politização, e havia a coisa de dar o carro ...

Otto — Eu entendo muito bem. Minha mãe tava nas filas pegando ficha. Mas, vamos voltar à Revolução Industrial. Você disse que o operário de hoje tem menos opções quanto à própria personalidade, mas a gente hoje tem muito mais horas de lazer. Ao invés da semana de 60 horas, temos a de 40.

Zé — Mas o que é o lazer? O quê que a publicidade faz com o lazer? O que é que se faz na hora do lazer? É o maior trabalho que existe, é uma batalha você sair pelas estradas ...

Otto — Você rejeita isso? Eu respeito democraticamente. A única coisa que eu gostaria que você fizesse, já que rejeita a consumo-society, é tudo o que ela representa, porque você não rejeita apenas a consumo-society, na realidade você rejeita a ideologia que a formou.

Zé — Você também rejeita. Qualquer pessoa que olhar dentro de si própria, rejeita. **Otto** — Já que você rejeita, eu gostaria que criasse uma opção. Me dê uma visão dessa opção. Como ser humano, preciso ter alguma coisa para pôr no lugar.

Zé — Eu poderia ser um ótimo publicitário.

Otto — Mas não estou falando em termos profissionais ...

Zé — Só não sou porque achei que era antiético ...

Otto — Não estou colocando o problema em termos de opção profissional, mas sim: já que você rejeita a consumo-society, o quê você gostaria de colocar no lugar, porque eu preciso de uma opção! **Ex** — Só como tentativa de discutir uma opção: voltando ao problema da kombi. Nunca se viu uma campanha dizendo "a kombi é ótima pra isso e isso; a kombi não presta pra isso e isso."

Otto — A publicidade moderna não parte mais da premissa de que o consumidor tem a idade mental de 13 anos. Então, se você diz que a kombi é um veículo para transporte de famílias grandes, que pesa tantos quilos etc. — só através da caracterização de seus usos principais você dá idéia de que não é um carro de corrida! Você não pode, inclusive dentro da técnica e da lógica, explicar vantagens e desvantagens; quer dizer, como a publicidade é uma técnica de persuasão, obviamente ela tem que salientar as vantagens e deixar que o consumidor chegue às próprias conclusões.

Zé — Tem um termo da publicidade que eu acho terrível: persuasão. Não acho que a massa tenha Q.I. baixo — a cabeça dessas pessoas é um território ocupado pela persuasão.

Otto — Que seja assim, eu vou aceitar. E vou voltar a outra pergunta, que tinha feito antes ...

Zé — Queria dizer também o seguinte: essa coisa de não informar que a kombi é perigosa, é que a sociedade de consumo é uma sociedade dopada, anfetamínica. Ela não pode parar, ela não pára, não pára, ninguém sabe por quê, nem como, nem quando. O horror que as pessoas têm de diminuir, modificar, o ritmo de produção, é o terror! Então tem-se que ir sempre, e vai-se até a destruição, é o que vai acontecer.

Otto — Viva então o rei Façal, que está botando um freio nesse negócio?

Zé — Viva o rei Façal!

Otto — Bem, Você ainda não respondeu à pergunta mais importante. A indústria automobilística no Brasil realmente criou novos horizontes econômicos. Ela está dando trabalho a um milhão e 400 mil pessoas, que poderiam ser usadas em outra atividade, não sei.

Zé — Na China ...

Otto — Eles usaram três milhões de pessoas pra construir uma ponte. Podem-se encontrar formas de uso de mão-de-obra menos ricas de capital. A questão é se o Brasil tinha, em 1958, a mesma opção que a China; o Brasil já era muito mais industrializado. Isso não podemos esquecer. Então, como o Delfim disse quando deu a aula inaugural na Escola, em 71, um país que tem uma riqueza natural como o Brasil, que tem o potencial desenvolvimentista que o Brasil tem, não seria o caso da propaganda ser útil no sentido de ampliar o elenco de opções do consumidor pra buscar mais ferro na terra, mais óleo, pra acelerar o processo econômico? ...

Zé — Pra destruir mais a terra?

Otto — Você tem uma visão idealista, muito bonita da coisa, mas acho que o seu caminho, a longo prazo, provavelmente iria nos levar a uma situação quase que medieval. Pode ser muito bonita, muito romântica, mas acredito que a própria existência dessa opção é falsa.

Zé — Não acho; é outra coisa — será que não há condições de botar essa tecnologia a serviço de nós mesmos?

Otto — Não sou ecólogo.

Zé — Não se trata de ecologia. Não se trata de voltar à Idade Média.

Otto — Mas você sempre precisa de algum dispositivo político que acione esse negócio. Que tipo de sociedade você queria ter? Você não pode fugir à opção, e como não pode, simula talvez um tipo de sociedade ideal, em que gostaria de viver, e dentro dela não há lugar para a propaganda, admito tudo isso. Agora, dentro do elenco de opções atualmente existentes ...

Zé — Claro: a sociedade tem que fazer guerra, tem que fazer propaganda, tem que fazer esses prédios pras pessoas morarem, fazer essa cidade, tudo isso. É que é uma sociedade baseada na exploração.

Otto — O que eu acho injusto ...

Zé — Todo contato é na base da exploração. É sempre um em cima e outro em baixo. Tudo exatamente na base do que o senhor chama de frieza e ... objetividade. Coloca entre parênteses a coisa real e chama isso de objetividade. Isso é que não entendo: a realidade, a vida humana é colocada entre parênteses e, em nome da objetividade, o cara arruma uma série de formas, de dados, que o computador se encarrega de resolver. Isso não é desenvolvimento. O ser humano da sociedade de

consumo é o mais burro que já houve na história. Aquém das máquinas que tem do lado, escravizado a ela, e nem sabendo por quê. O cara é escravo e não sabe que é.

Otto — Você está dando a idéia de que a aceitação do "consumerismo" nos Estados Unidos é uma coisa pacata, mas não é. É uma contestação violenta! Tem um cara, chamado Nader, que está sacudindo esse negócio, e todo um dispositivo de defesas violentíssimo, inclusive consagrado em lei. O negócio não é tão tranquilo, como quem tem uma tropa de carneiros assim, que aceita esse bombardeio enorme dos meios de comunicação de massa, e masoquisticamente se dirige ...

Zé — Não, isso não vai acontecer, você tem razão; isso já está acabando, porque é antinatural, antibiológico, anti-vida, é o domínio da morte, isso vai acabar. Como acabou o nazismo, que foi só a forma mais brutal disso. Agora estamos vivendo a forma mais sofisticada, a pior; o nazismo pelo menos tinha uma vedete, o Hitler. Agora não tem nem vedete, só tem máquina, não tem mais gente, acabou.

Otto — Você lembra que eu disse que o próprio sistema cria seus antídotos?

Zé — Cria, claro. A destruição total está nele. Total, absoluta. Não vai sobrar nada.

Otto — Eu não tenho a bola de cristal, não sei, acredito que o homem-carneiro, completamente massacrado, é uma concepção falsa. O que eu não entendi foi o problema, assim, em termos de antagonismo propaganda-teatro ...

Zé — Não é só teatro. Cinema também. Hoje você não tem mais estúdios em São Paulo para produzir coisas que digam respeito às coisas humanas. Tudo virou cinema de propaganda. É só o que se faz. Pegou toda uma geração. Inclusive o publicitário é um cara que está muito próximo do sujeito que pode informar, do informador. Foi tudo "roubado" pra desinformar. No meu tempo de faculdade, eu era tão impressionado com isso, que escrevi uma peça, a história de um publicitário que durante o dia todo ficava no escritório das 8 às 7. Depois, à noite, metia-se a fazer política e tinha um jornalzinho político. Aí ele ia vendo, no mesmo bairro que ia fazer a agitação política dele, ela era ridícula diante da eficácia enorme que ele tinha enquanto publicitário. Então era ele destruindo a ele mesmo ...

Otto — Você acha que a atividade artística pura e o exercício da profissão publicitária sejam incoadunáveis?

Zé — Acho o seguinte: tem muita arte na publicidade, tem muita coisa bonita ...

Otto — Ah, bom! ...

Zé — Agora, no geral, é uma porcária. Claro, acontece muita coisa interessante aqui e ali, que a beleza sai pelos poros ... Você pode fazer uma câmara de gás linda, pode fazer um avião de bombardeio com um design maravilhoso. Isso pode ser, mas é uma beleza pela metade. Depois, a publicidade brasileira ainda é mais incrível, porque é uma cópia também degradada da publicidade americana. Quase todo publicitário é um cultuador das coisas americanas, compra aquelas revistas todas, é uma coisa colonizada ...

Otto — Já foi ... não é bem assim.

Zé — Não tem mais esse negócio de arte, inclusive. Acabou a arte. Acabou o teatro. O que existe é a arte de viver, é a vida. O que nós tentamos fazer no teatro e não conseguimos, porque está tudo fechado pra nós, não é agitação. Não estamos proibidos por censura por agitação política,

por problema moral, por nada: é porque estamos querendo fazer um teatro que mostre a vida; que não persuada ninguém e sim que tente despertar em cada um o que resiste ainda de restos de ser humano. Catar todos esses restos, voltar a compor a figura humana inteira, o personagem humano inteiro. Que está acabando. O mundo está ficando insuportável. E não faço isso por dever, é uma necessidade biológica minha e que eu acho que todo mundo tem. O publicitário, que está mais assim atolado nas caretes que ele inventa, no momento em que se sente mal, pensa que está com o fígado ruim, pensa que é coisa de psiquiatra, mas não é. É o ser humano dele que não está aguentando aquilo, que está vomitando. Porque somos todos iguais, não podemos nos submeter e submeter os outros a tanta violência. Isso marca a gente, marca nossos filhos. E já tem toda uma geração que os filhos estão despertando como gente, e despertar como gente nesse mundo é de uma crueldade absurda. A sociedade de consumo não suporta o ser humano, porque ela organizou tudo na base da frieza. Ela tem horror, nojo, do ser humano. Aí, quando surge o ser humano, pá! Psiquiatra nele, prisão nele, bomba nele, mata!

Otto — Me parece que esse tipo de comportamento não foi uma invenção da sociedade de consumo. O pessoal se mata assim há mais ou menos quatro milhões de anos, né?

Zé — Na sociedade primitiva o cara mata, mas o trabalho dele, não. Quer dizer, tem o carrasco, tem isso, tem aquilo. Mas uma sociedade de consumo é toda organizada num cinismo tal, que se a atividade for inumana, anti-social, não tem importância; a matança faz parte do pão nosso de cada dia. A ordem cotidiana é máfia, é a matança. E é normal. E tem aquela coisa, que boa parte dos publicitários é obrigada a inventar, é obrigada a criar, a ideologia do publicitário, que é uma ideologia feita de cima, que eu não estou vendo no senhor. Com toda a sinceridade. Publicitário geralmente é aquele cara fino, cheio de humor, cheio de sofisticação, cheio de cinismo, aquele saco de merda — os que eu conheço. Aquela coisa não-cagada, aquela coisa que não foi pra fora — irônica, aquele cinismo ...

Otto — Me considero um cara razoavelmente sério. De maneira que esse argumento de que o que importa é se fazer bem ... você não aceitou minha colocação inicial de que talvez seja bom aumentar o elenco de opções em determinadas fases de uma sociedade. Sou absolutamente convicto de que para um processo de desenvolvimento brasileiro, rápido — que tinha ser rápido —, a indústria automobilística foi um fator decisivo.

Zé — Da criação de uma sociedade de consumo, não do desenvolvimento.

Otto — Novamente insisto no ponto das opções. Podemos voltar — desculpe, estou exagerando um pouco desalegramente — podemos voltar à Idade Média ...

Zé — Não estou dizendo isso. Inclusive as opções, tanto existiam, que foi necessário estabelecer um regime autoritário pra permitir que fosse esse caminho, que se fosse maravilhoso não haveria necessidade de um Estado autoritário, que inclusive nem os publicitários gostam, que ninguém gosta.

Otto — O que eu proponho não é bem um modelo, no sentido sócio-econômico. Mas você aceitaria que, eliminando-se os abusos óbvios do processo, a consumo-

Cartas de Mariel

O XADREZ NÃO ESTÁ AGRADANDO E É SÓ O PRIMEIRO DOS 16 ANOS

MARIEL
MORYSCOTTE

Amigo Percival de Souza

Muito me alegro, poder escrever a você, informando minha situação processual. O motivo desta alegria, é ter a oportunidade de transmitir aos leitores deste Estado, a real verdade dos processos a mim atribuídos, que de uma hora para outra, fizeram-me descer de um falso pedestal por eles / mesmo criado e ser atirado ao cárcere de maneira covarde e cruel; também porque meu Advogado Jair Leite resolveu solicitar o desagravamento dos meus processos ainda este ano, deve enviar por esses dias ao Tribunal de Apelação esta solicitação; e assim sendo muito me alegraria ser julgado neste Estado, por esse povo que não está ainda poluído pela falsidade, mentira e covardia, com que tentam os meus inimigos, influenciar todas as camadas da sociedade, jogando-a contra mim, procurando distorcer minha imagem e desmoralizar-me a personalidade. Fui condenado em um processo, e o mesmo ainda não transitou em julgado, e nele a preocupação dos acusadores, era aparecer as minhas custas, e também tirar-me de circulação, pois eu os combatia e era um perigo para os seus planos; isso levou a erro o Promotor e Juiz, que confiaram plenamente nas "provas" sem conferi-las. Condenado por uma estorção que não existiu e por dois estelionatos pela "tranzacção" do "produto da estorção". Nos autos do Processo, encontra-se apreendido o "produto" do crime, Traveller's Check's. Acontece que o "produto" da "estorção", que o Promotor diz que foi cometida no dia 7 de Junho de 1970. Foi tranzacionado nos EUA, em 4 de Novembro de 1969, ou seja bem antes da inventada "ESTORÇÃO", quando ainda não existia os famosos e temíveis "Bomens de Ouro" que tive o prazer de ter sido considerado, entre os melhores e que tanta inveja trouxeram contra seus compadres. Disto, pode-se tirar conclusões de como foi o andamento de todo o Processo; pois nestes crimes, condenaram-me a 14 anos de prisão. Nos crimes do famigerado Esquadrão da Morte, sou acusado de cinco, porém já respondi a outros dois e que já estavam arquivados; esses, foram cometidos quando combatendo assaltantes, fiquei frente a frente com os mesmos, e defendendo-me bem como ao assaltado, fui agredido a tiros, tive de fazer / uso de minha arma, acertando-os. Esclareço que os que tombaram pelas / minhas armas, foram conduzidos por mim ao Pronto Socorro nas duas ocasiões, onde após os socorros médicos, faleceram. Imaginem que até esses, o Promotor disse em sumário que iria renbri-los, tendo inclusive já mandado fazer a reconstituição do fato. Reparem agora que esse Promotor, é o mesmo que sem observar as datas no Processo dos Traveller's Check's, fez com que o Dr. Decleciano D'Oliveira, deixasse / também de observá-las, tanta era a firmeza das suas acusações; digo acusação porque o Promotor não cumpriu a função de Promotor Fiscal da Lei; deixou-se influenciar pelo desejo de acusar-me e perdeu-se no torvelinho das paixões. Sobre os cinco crimes do Esquadrão da Morte, só estou pronunciado em um, nos outros quatro; apesar de terem sido iniciados no mesmo dia, não houve ainda pronúncia. Provas não existem contra mim, testemunhas muito menos, apesar de terem sido enrolados para os processos, a fina flôr

MARIEL
MORYSCOTTE

do crime da Guanabara. Porém mesmo assim, está mais do que provado, por fatos e testemunhas que não fui o autor dos homicídios, e como já de muito venho dizendo, um homem, Hélio Duarte Nunes, diz, confirmando as minhas acusações: O ASSASSINO É ARMANDO AREIAS FILHO; EU AJUDEI NA PRISÃO DA VÍTIMA NO HOTEL ÚNICO. Também, confirmando essas declarações, Lúcio Francisco de Paula, e Antônio Ramos Ferreira, este último apresentando até cartas recebidas por ele, e enviadas pelo próprio Armandinho, confessando os crimes. Esclarecendo, digo que todos os crimes, tem as mesmas características e os apuradores julgam que o provável autor de um crime, tenha cometido todos os outros. Não posso esquecer, e deve ser sempre lembrado, que quando estávamos incomunicáveis no Xadrez do DOPS, foi assassinado um homem, que foi confundido com um marginal de apelido "Comprido", isso trouxe um grande mal estar ao organismo policial, pois a precipitação nas investigações mal feitas pela própria polícia, e aconselhadas pelo Promotor Silveira Lobo, quase levaram a prisão um Delegado e seus auxiliares. Mas esse crime, trazia todas as características dos crimes a mim atribuídos; mais tarde, Dr. Jair Leite pediu que comparassem cartazes aluzivos ao Esquadrão da Morte, cápsulas e projetis de ambos de ambos os crimes; o que a mim está atribuído e o que foi cometido quando estava eu preso incomunicável no DOPS. Resultado: Os dois crimes, foram cometidos pela mesma arma, foi o que informou os peritos da Delegacia de Criminalística. Agora peço, condenem-me ou soltem-me não podem prejudicar-me mais do que já prejudicaram. Ainda na semana passada, foi relaxada uma das prisões preventivas que estava decretada contra mim. Confio na Justiça de meu País e dela espero a LIBERDADE. Informo também que em final de Dezembro, já estará lançado o Livro- Mariel, Ringo A Sangue Frio, que é um memorial, que é a transcrição de meus últimos anos, desde meu tempo de Policial, o Livro informará a esta sociedade que / irá me julgar, como cheguei a esta situação que me encontro, como fugi, o que fui buscar, o que trouxe e quem e porque me acusam. A Justiça Brasileira é uma realidade, senão vejamos a recente Lei assinada, pelo senhor Presidente Médice. Repito e não cando de dizer. Confio na Justiça do meu País e dela espero a LIBERDADE.

fa f. parscotte

Guanabara, 14 de Dezembro de 1973.

Resposta do recebedor da carta

O ex-animador da Tupi, Flavio Cavalcanti, interromperia o seu programa de um domingo qualquer e, de repente, após retirar delicadamente os óculos e fazer beicinho hitchcockiano, perguntaria com um oh! de espanto: — Quem é este senhor?

Aí entraria em cena Mariel Moryscotte, que depois de se identificar começaria a contar, via Embratel, para todo o Brasil, porque fugira da prisão e qual era ou deixaria de ser o seu negócio com o Esquadrão da Morte. O esquema não deu certo: Mariel foi preso antes. Conheci o sr. Mariel em Assunção, no Paraguai, meses depois que ele abandonara a prisão

em que se encontrava, na Guanabara. Bem mais tarde, Mariel foi preso quando viajava de carro de Salvador para o Rio.

Acusado de chefiar um grupo que fizera um derrame de 600 mil cruzeiros em cheques de viagens falsos, Mariel foi condenado pelo MM Juiz da 10ª Vara Criminal da Guanabara a 16 anos de prisão, a uma multa de dez cruzeiros e a

mais um ano de internamento em Colonia Penal Agrícola, por medida de segurança.

Além disso, Mariel é acusado de participação em cinco homicídios atribuídos ao Esquadrão da Morte carioca — e por estas acusações espera uma definição da Justiça. ▲

society — embora eu não goste muito dessa expressão —, ela possa se autopolicar e encontrar caminhos que levem o homem àquela realização apontada por Erich Fromm? Você acredita que esta sociedade, se autopolicando, enfim, tem uma chance?

Zé — Não, porque a essência dela é uma abstração, é o lucro, o dinheiro ...

Otto — Mas nenhuma sociedade moderna pode viver sem o lucro. Não faz diferença nenhuma se você chama esse lucro de excedente ou de plus-valia. O que eu disse inicialmente me parece verdadeiro: que toda sociedade técnica, que usa bens de produção, que produz máquinas e essas máquinas produzem bens de consumo ... Você diria que a divulgação do consumo de leite através de uma campanha publicitária mereceria o termo de impingimento ou educação? A propaganda não pode educar? Você não dá sequer esse direito a ela? O consumo de leite é desejável ou não?

Zé — Depende. Se você quiser tomar leite, sim; se não quiser, não. Problema de leite,

açúcar, sei lá ... o cara não toma leite porque não tem grana pra comprar o leite, ou também não tinha leite. Depois, pior ainda: "Tome leite que você se desintoxica da poluição da cidade" ... Não tem moral, a sociedade de consumo quer ter moral, quer vender a moral, mas não adianta.

Otto — Gostaria que você me apontasse uma sociedade com moral. Você aceitaria o velho Robson, que disse "O homem é o lobo do homem"? ...

Zé — Pode ser que numa fase muito atrasada isso aconteça. Mas, de repente, quando o homem é inimigo do homem, o homem é inimigo de si mesmo? Qual é? Otto — Bem, estou citando isso a exemplo de uma coisa ...

Zé — Eu sou homem, mas não sou meu inimigo, eu tenho um amor incrível por mim, sou apaixonado por mim ...

Otto — Acho essa posição bastante intelectual ...

Zé — Não é não, porque as pessoas estão começando a se apaixonar por si próprias, felizmente. Inclusive toda essa sociedade

diz que o que existe é aquele mulher louca, aquele cara com aquele terno e gravata; ou você se submete àquela coisa, usa aqueles produtos, usa aqueles fedores, ou você não é nada.

Otto — Tenho centenas de amigos publicitários e diria que a maioria esmagadora deles, ao exercer suas funções, não tem nenhuma consciência preocupação ideológica da manutenção do sistema de consumo; eles estão aí largando brasa para vender da melhor maneira.

Zé — Isso se chama — é um lugar comum — alienação. Você está alienado, mas divulgando uma ideologia, um estilo de vida. Não tem a coisa separada, trabalhar numa coisa e pensar outra. Você é aquilo que você faz!

Otto — Tenho aqui na gaveta a aula inaugural de uma faculdade norte-americana de propaganda. O professor que proferiu essa aula abriu a coisa mais ou menos assim: "Se um de vocês tiver qualquer preocupação ideológica de que esteja ou vá exercer uma profissão socialmente condenável, conspurcadora, que aniquila a

dignidade do ser humano, então pelo amor de Deus, levante agora e saia da sala". Eu concordo com você, mas como pessoa sensível que inegavelmente é, deve admitir que é válido não ter essa preocupação. Porque nem todo mundo precisa participar dessa preocupação. Você entende o meu ponto de vista?

Zé — O que se vê é aquele cara, aquela inteligência sepultada ali, um cara escravo a serviço de uma mensagem que nem ele domina mais. É muito difícil comunicar essas coisas que estamos começando a sentir agora, este é um momento negro da humanidade, uma época escura, simplesmente ...

Otto — Essa é uma atitude um pouco escatológica. Mas não acho que haja um fim, você tem uma visão tremendamente apocalíptica ...

Zé — Eu acho que estamos no apocalipse, tenho certeza absoluta ... a "Casa do Senhor" vai acabar, podes crer! Abracadabra! ▲

Psicotransasentimental

COMO FOI DITO NO Nº 1, AQUI SERÃO RESPONDIDAS CARTAS DE LEITORES COM PROBLEMAS PESSOAIS. ESTÁ ABERTA A SEÇÃO.

Dr. Roberto Freire:

Gostaria que dentro de sua seção analisasse os fatos que exporei e me auxiliasse indicando a forma de relacionamento que deverei adotar: minha irmã, até 3 anos atrás, era uma garota apegada aos valores de família uma representante típica da classe média. Pouco saía de casa, "namoros recatados", muita dedicação nos estudos etc. Devido a estes mesmos estudos, ela necessitou mudar-se para o Rio, onde atualmente cursa uma escola superior.

Após um período de aclimação, suas idéias começaram a mudar, assim como tudo em sua vida. Assumiu atitudes "hippies", porém sem se engajar realmente nessa forma de vida. Mil preocupações sociais e ambientais, das quais se munia para agredir a família em seus valores tradicionais. Parecia que sua finalidade era exclusivamente "grilar" as cabeças à sua volta. A família toda já estava revoltada e confusa quando ela nos deu a notícia: iria abandonar a escola e "casar-se" com um garoto, e iriam se sustentar através do artesanato.

Rodolfo de Oliveira - Resende (RJ)

Rodolfo:

O que está acontecendo com a juventude no mundo ocidental é coisa muito mais séria e importante. Refiro-me à juventude hippie, a que sua irmã afirma pertencer. Segundo alguns sociólogos, foi durante o verão de 67 que os hippies se constituíram em novo e bem preciso grupo, ou formação, na sociedade norte-americana e, dali, difundiram-se por todo o mundo. Esses sociólogos sustentam que é preciso ver o "estilo" hippie como um "projeto" para certo setor da juventude, e não apenas um sintoma de seus problemas. Projeto para um novo estilo de vida: acredito que também seja o que move certos jovens a comportar-se de maneira hippie.

Em que se baseia esse comportamento? Você pretende compreender a modificação de vida de sua irmã. Vamos tentar ajudá-lo, iniciando pelo que é óbvio, mas necessário. Devemos, de imediato, discutir a autenticidade das opções dos jovens que se rebelam contra a organização e as características das sociedades em que vivem. Essa rebeldia, eles têm todo o direito de apresentar, e ela se justifica pelo fato de não terem escolhido, nem participado na formação dessa sociedade; nem sobre ela, em alguns países, têm direito de opinar. Podem, pois, discordar profunda e frontalmente dela, bem como condená-la e resolver viver à sua margem, buscando um projeto de vida mais de acordo com suas aspirações culturais, afetivas e políticas. Esses rebeldes têm, pois, uma causa a defender: são autênticos e respeitáveis; talvez estejam projetando, como pioneiros, a nova sociedade que estaria para surgir em contraposição à Sociedade de Consumo.

Mas o quê contestam esses jovens na Sociedade de Consumo? Depois que foi morar no Rio, talvez sua irmã tenha feito, por exemplo, uma opção marxista, segundo a qual tanto a essência quanto a prática do capitalismo são negadas e apontadas como nocivas ao futuro do homem. Vivendo num país cuja estrutura política e social favorece a sociedade de consumo e, não querendo ser uma militante política marxista, por não aprovar o estilo de vida oferecido pelos países socialistas do ocidente, quem sabe ela não encontrou no projeto hippie a forma na qual possa realizar melhor suas aspirações humanas?

Tornando-se uma hippie militante, ela condena a estrutura da família burguesa. Sua irmã deve estar preferindo viver em comunidades de jovens como ela, em lugar de construir para si um lar conservador e adaptado ao sistema egoísta da família - que está unida apenas por laços sanguíneos e dominada pelo poder discricionário do paternalismo e por uma moralidade quase sempre caracterizada pela chantagem afetiva. Você diz que agora ela quer viver com um rapaz. Ela fala em viver, e não em casar, o que chocou profundamente sua família. É compreensível, porque seu plano afetivo faz parte de um novo estilo de vida que choca frontalmente com o antigo e estruturado estilo de vida de seus pais. Mas, se ela quer ser autêntica, co-

mo pode ligar sua vida à desse rapaz "até que a morte os separe"? Como, se estarão proibidos de reconhecer um erro de pessoa nessa união pelas leis que regem o casamento religioso e civil da estrutura em que estão inseridos, mas cujos valores negam?

Entretanto, baseando-me apenas em sua carta, a situação pode ser bem diferente. Sua irmã pode, também fazer parte da legião de jovens neuróticos, desajustados psicologicamente por traumas pessoais, familiares e sociais, que se marginalizam na sociedade capitalista por serem incapazes de amar e de criar; possuem todo o potencial para isso, mas estão bloqueados. São os "rebeldes sem causa". Eles se afastam das famílias, da escola, da vida social, contestam tudo isso, mas - se o motivo é profundo e desconhecido por eles - as manifestações são superficiais e inautênticas. Adotam apenas, do grupo hippie, os aspectos externos: marginalização social, roupas extravagantes e coloridas, enfeites, os longos cabelos, barbas, gírias. Nas comunidades onde vão buscar abrigo, cedo revelam seu comportamento egoísta, anárquico, incompetente e parasitário. Acabam sendo rejeitados pelo grupo e procuram outros, depois outros, numa peregrinação que lhes garante a comida e o teto, jamais produzidos e garantidos por eles. Quando não podem mais enganar ninguém, partem para a delinquência e vivem disso, fazendo com que se confunda esse tipo de hippie com o outro de que já falamos.

Não quero imaginar sua irmã vivendo assim. Mas como distinguir? Será que ela faz parte dos hippies que vivem à custa de mesada dos pais burgueses - cuja dependência da Sociedade de Consumo ela condena? Essa contradição seria insuportável, se ela ainda goza de boa consciência. Ou, para se juntar ao rapaz sem depender dos pais, tanto ela quanto ele podem empregar-se em bancos, escritórios, empresas que vendem livros a domicílio; e para isso despem a farda hippie e vestem o terno-e-gravata, escondendo o cabelo dentro do colarinho - ou o vestido social charmoso em lugar da bata hindu. Não é possível racionalizar por muito tempo o cinismo dessa atitude, se eles optarem por uma transformação radical de suas vidas, o que não permite concessões, contradições, ambiguidades; inautenticidade. Se sua irmã se mantiver na inautenticidade, só terá dois caminhos: a neu-

rose que se torna grave e acaba em tratamento psiquiátrico como indigente, ou psicanalítico se seus pais puderem pagar. O outro caminho é o da volta completa à família, à vida burguesa, à sociedade de consumo.

Gostaria de apostar em sua irmã: que ela seja uma hippie autêntica. Vou torcer por ela. Confio muito nesse projeto para um novo estilo de vida. Cada derrota humana nesse projeto, nos afasta mais profunda que longamente desse ideal utópico, mas lindo e sadio, que espero vivamos um dia.

Se ela abandonou o estudo universitário, é porque não vê nele possibilidade alguma de usar seus conhecimentos e diploma num trabalho que realmente promova a vida humana fora da Sociedade de Consumo. Mas também é possível que continue estudando muito, bem mais do que faria na universidade. Acabará por não possuir diploma algum, mas disporá de todo o conhecimento científico, artístico e humanístico que desejar. No entanto, imaginemos que ela continue estudando. Medicina, digamos. Qualquer estudante de Medicina pode sustentar-se em trabalhos ligados à profissão: enfermagem, laboratórios de pesquisa, aulas em cursos preparatórios etc. Com esse dinheiro, pode terminar o curso, procurando aperfeiçoar-se o máximo, para o desempenho de sua especialidade. Conheço cientistas de grande valor e celebridade mundiais e sei que o fruto de seus trabalhos não vai alimentar a estrutura da Sociedade de Consumo. Lembro o caso de um médico que se especializou em genética e que é hoje um dos mais famosos do mundo. Trabalha numa universidade, ganhando pequeno salário; e vive feliz numa comunidade hippie, em companhia de outros cientistas, médicos, higienistas, pintores, escritores etc. Todos eles sabem que seu trabalho serve à humanidade, enfim, ao homem que apenas provisoriamente vive em sociedades de consumo.

Quando sua irmã estivesse assim realizada, produzindo muito, feliz com o homem que ama e com os filhos crescendo sadios, embora marginalizada da sociedade de seus pais, acredito que eles acabariam por compreendê-la e valorizá-la. Desse modo, teriam sido inúteis e descabidas as discussões de sua irmã com eles, os "grilos" que você diz surgirem em sua casa, por causa da transformação dela. ▲

O EQUIPE É O CURSINHO EM SÃO PAULO QUE MAIS APROVA NA ÁREA DO CESCEA. MAS NÃO É SÓ POR ISSO QUE VOCÊ DEVE FAZER O EQUIPE.

Para fazer centenas e centenas de economistas, comunicadores, sociólogos, geógrafos, historiadores, literatos, filósofos, etc., o Equipe utiliza a fórmula mais manjada do mundo: instalações adequadas, número reduzido de alunos por classe, relacionamento professor-aluno, orientação psico-pedagógica, planejamento de cursos que funciona, exames simulados, testes, exercícios, estudos dirigidos, etc.

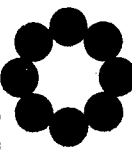
Mas o Equipe faz muito mais do que simplesmente colocar os alunos numa faculdade.

Ele dá condições para que o aluno se saia bem dentro dessa faculdade. Durante um ano inteiro - junto com a preparação para o vestibular - o Equipe promove palestras, peças de teatro, murais, filmes, etc. Onde os alunos participam, discutem, desenvolvem o senso-crítico e se preparam para a vida universitária.

É também por isso que você deve fazer o Equipe.

É o que os nossos ex-alunos que hoje estudam na USP, na PUC, no Mackenzie, na Getúlio Vargas, na FMU, etc., dizem.

Com duas lágrimas nos olhos e o coração cheio de saudade.

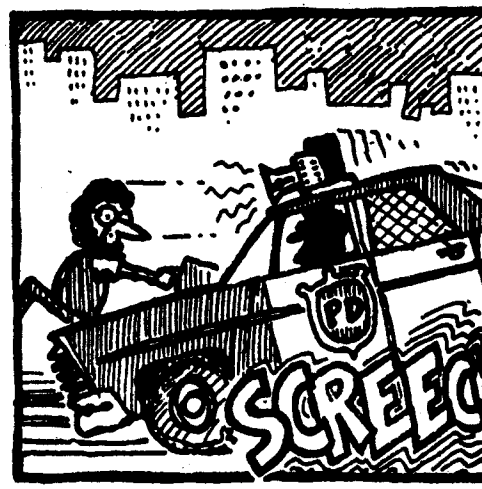
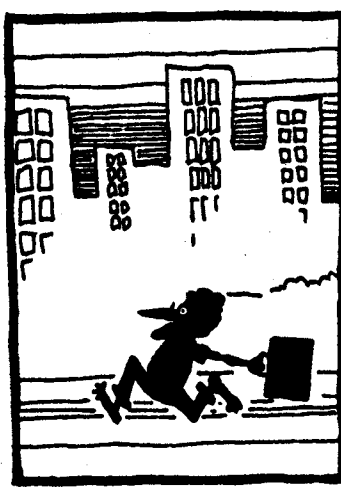
GRUPO EDUCACIONAL EQUIPE  **Colégio EQUIPE EQUIPE Vestibulares EQUIPE Supletivo**

COMICS

ESSES
FABULOSOS
SARRENTOS
FESTEJADOS E LENDARIOS

FREAK

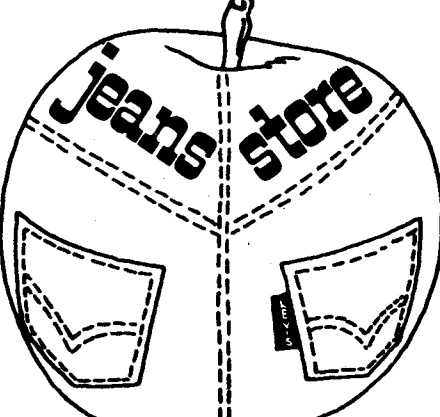
BROTHERS



FIM

OS FABULOSOS SARRENTOS FREAK BROTHERS





jeans store

Levi's

Loja 1
Rua Iguatemi, 455 (com estacionamento).
Loja 2
Rick Store - Av. Faria Lima.

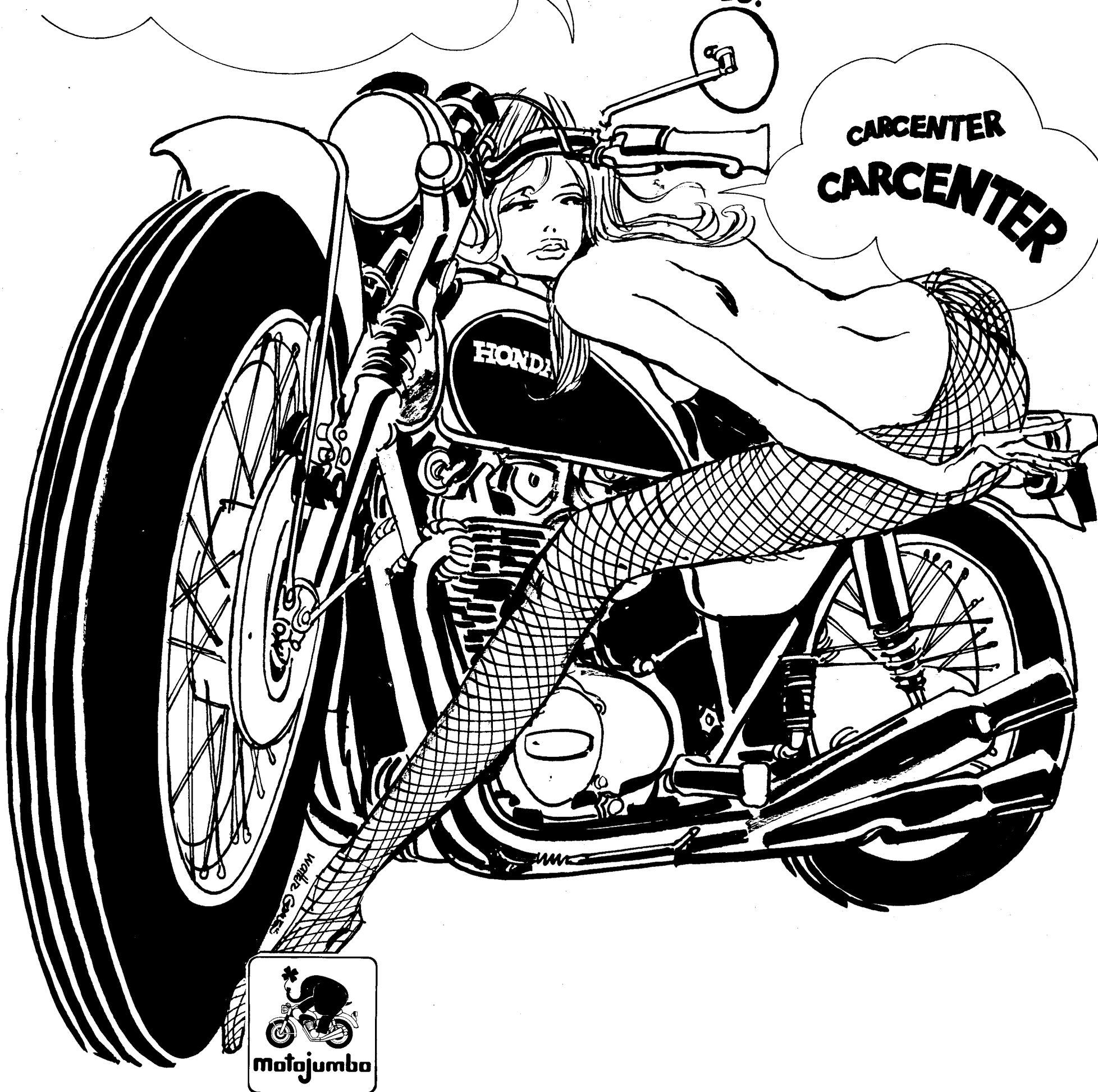
ex

Editores: Sergio de Souza, Hamilton de Almeida Filho, Narciso Kalili, Eduardo Barreto de Souza Filho, Roberto Freire, Mylton Severiano da Silva, Amancio Chiodi, Marcos Faerman, Hamilton de Souza, Sumiko Arimori, Rudy Alves, Fernando Moraes, Dacio Nitrini, Suzana Regazzini, Armindo Machado, Carlos Alberto Caetano, René Rafik, Palmério Dória, Lúcia de Souza. Ex- é publicação da Ex- Editora, rua Artur Azevedo, 713, São Paulo; distribuição garantida (própria); nenhum direito reservado.

AHHH... **MOTOJUMBO**
TEM HONDAS DE TODOS
OS TAMANHOS..... HUMMM
O CREDITO MAIS BARATO
DO BRASIL..... MAIS, MAIS,
ASSIM.... UMMM.
MOTOJUMBO FICA NO JUMBO
AEROPORTO E STO. ANDRE.
É BOM. É BOM. AHHHHH...

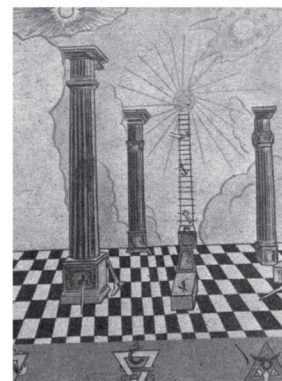
**ROOOOMMM...
ROOOOMMM...**
MOTOJUMBO!
MOTOJUMBO!
MOTOJUMBO!

**CARCENTER
CARCENTER**



ex

— ANO I · Nº 2 · DEZEMBRO



Cr.\$4,00

JORNAL DE
TEXTO, HISTÓRIA
EM QUADRINHO,
FOTOS E COMETAS

